



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

JOAQUIM SOBREIRA FILHO

**"JOGO DE UMA SÓ TORCIDA": OS DIFERENTES DISCURSOS SOBRE A
POLÊMICA ENVOLVENDO TORCIDA ÚNICA EM UM CLÁSSICO-REI NO
ANO DE 2012**

FORTALEZA

2014

JOAQUIM SOBREIRA FILHO

"JOGO DE UMA SÓ TORCIDA": OS DIFERENTES DISCURSOS SOBRE A
POLÊMICA ENVOLVENDO TORCIDA ÚNICA EM UM CLÁSSICO-REI NO ANO
DE 2012

Monografia apresentado ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa.

FORTALEZA

2014

JOAQUIM SOBREIRA FILHO

"JOGO DE UMA SÓ TORCIDA": OS DIFERENTES DISCURSOS SOBRE A
POLÊMICA ENVOLVENDO TORCIDA ÚNICA EM UM CLÁSSICO-REI NO ANO
DE 2012

Monografia apresentado ao curso de
Comunicação Social com Habilitação
em Publicidade e Propaganda do
Instituto de Cultura e Arte da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Liana Viana do Amaral
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha tia Anésia;

Ao meu avô Amadeu, que na sua vivência e sabedoria da qual só um mestre na arte de viver tem, insistia em dizer:

“- Menino, não sei pra quê essa ruma de homem fica tudo correndo e brigando por causa de uma bola! Porque não dão logo uma bola pra cada um pra acabar essa confusão?”.

AGRADECIMENTOS

Os anos em que vivi essa graduação foram de muito aprendizado, intensidade e vivências, das mais diversas possíveis. Muitos dizem que as pessoas não devem apenas passar pela Universidade, como se fosse apenas mais uma etapa até que se chegue ao mercado de trabalho, mas sim procurar aproveitar esse período para trocar experiências de vida e se deixar tomar pelo espírito universitário, ou seja, construir e desconstruir esse universo a qual somos expostos quando pisamos pela primeira vez no ambiente acadêmico.

Sabedor também de que a construção do caminho dentro da universidade é muito maior do que o simples comparecimento às aulas, procurei fazer parte de grupos de estudos, programas de extensão, projetos de graduação, de monitoria, etc. Além, muito além disso, acredito que fundamental nessa passagem também foram os quintais no Diretório Acadêmico Tristão de Athayde, as calouradas na quadra do Céu, as bebedeiras no Bar do Zé, tudo isso contribuiu demais para que a formação se consolidasse também de forma lúdica e prazerosa.

Dito isso, acredito que posso tentar contemplar numa resumida lista abaixo, algumas das pessoas que foram essenciais na minha vida durante o processo de feitura deste trabalho e também durante toda a minha vida pessoal e acadêmica nos últimos anos que se passaram. Sei que os nomes são muitos e queria eu, conseguir lembrar de todas as pessoas que me ajudaram e engrandeceram-me neste tempo, contudo, minha falha memória pode por ventura acabar esquecendo algum nome, então tentarei citar os nomes mais contínuos e importantes que minha cabeça permitir.

Bom, os agradecimentos iniciais não poderiam ir para outras pessoas que não fossem os meus pais, Joaquim Neto e Aila Zaranza. São duas das pessoas que mais se dedicam, se esforçam e que querem o meu bem, seja onde eu estiver. Com muito carinho, esforço e compreensão, eles estão sempre ao meu lado e me entendem em todas as minhas questões. Alongo minhas saudações à minha querida irmã mais nova, Maria de Lourdes, a Maluzinha, que está sempre disposta a me dizer palavras bonitas e com uma doçura e afeto únicos, os quais alegram nossa convivência diária. Maria Júlia Zaranza, a nossa pequena e mais nova moradora também foi importantíssima, no que

diz respeito a continuar se apaixonando pelas coisas bonitas da vida, e brilhar os olhos todas as vezes que olho pra ela e a vejo brincando e sorrindo.

Continuando nos entes queridos, agradeço também aos meus tios Amadeu, Arides, Aglaís, Almeida, Fátima, Marta, Juciê e Olívia. Cada um destes, do seu modo, foi importante para mim durante esta trajetória, seja na doação de livros ou de conselhos.

Ainda na família, não posso esquecer dos primos Carolina Zaranza, Cibelle Zaranza, Letícia Zaranza e Amanda Zaranza. Personagens que me acompanham desde a infância e já viveram diversas histórias em conjunto comigo. Estendo meu obrigado também a Marcos Emir Oliveira e Ana Laíse, companheiros valorosos dos primos supracitados e que também merecem aplausos. Arturzinho Emir e Guilherme Zaranza, dois pequenos filhotes e novos primos também me engrandecem com sua inocência e puerilidade própria de quem é criança.

A maior incentivadora e o motor de propulsão mais bonito para que este trabalho acontecesse foi Pérola Castro. Com seu amor, sua tranquilidade e paciência, além de todo o carinho e companheirismo, me deixou muito a vontade para que eu conseguisse tocar em frente mais esta etapa, não só acadêmica, como de vida. Por toda a poética dos encontros, por tudo o que você representa em minha vida, por toda a simplicidade de existir, agradeço enormemente.

Agora falando sobre os amigos, primeiro daqueles que hoje estão mais distantes de certa forma, distancia essa que não impede com que o carinho e o bem-querer diminuam, queria mandar um salve para Lucas Silva, Marina Cavalcante, Reverson Nascimento e Darlan Guerra.

Na universidade, pude conhecer algumas das pessoas mais maravilhosas que passaram pela minha vida. Desde o início até o final, muita gente passou e ficou. Gostaria de saudar os companheiros de turma 2009.1, que começaram a faculdade junto comigo, Igor Pelúcio, Gustavo Oliveira, Lídia Farias, Isac Bernardo, Pedro Vasconcelos e Iane Parente.

Sobre as pessoas que permanecem constantes desde o início da faculdade até os dias atuais gostaria de cumprimentar os grandes amigos Renan Rosendo, Maurício Moreira e Ramon Sales, presentes em muitas jornadas acadêmicas e de vida.

A presença de vocês sempre é um sinônimo de boas risadas, conversas bestas e muito Tarantino.

Daqueles que conheci no curso de Comunicação e nos bares da vida e que me fizeram conhecer muito além das paredes universitárias, saúdo João Ernesto, com seu pife e suas teses sobre cultura e futebol; Bruno François, e suas lições sobre a resistência em diversos níveis étlicos; Danilo Sampaio, com sua simpatia e amizade; João Marcos “Tomate”, e seu ótimo senso de humor, que nos faz rir até das maiores besteiras; Gabi Trindade com sua forma extrovertida de ser é bem querida por todos; ainda homenageio os amigos Israel Vitor, Chico Lustosa, André “Cachacinha”, Chico Célio, Deborah Meira, Frida Popp, Renata Maia, Matheus Valente, Gentil Filho, Pedro Gabriel, George Pedrosa, Arihel Marreiro, Flávio Rovere, Jadiel Lima, Cláudio Fontenele.

Gostaria de agradecer imensamente também à companheira Joana Bê por toda a sua fibra, garra e amor, muitas vezes semelhante a um amor maternal, daqueles mais sinceros e fraternais.

Bruno Abel, e sua versatilidade; Marina Holanda, e sua beleza de viver; Emanuela Fernandes, e sua amizade e companheirismo, além de toda a força feminina representada pela sua pessoa; Paula Bessa, e seu jeito tranquilo de ver a vida; Benjamim Lucas, e sua cabeça pensante a mil, que tem soluções para muitas questões e divagações para muitas outras; Márcio Renato, leal, combativo e fiel companheiro sempre pronto para o que der e vier; Patrícia “Pog” com toda a sua irreverência característica; Erich Soares, Ernane Jr., Erberson da Silva, colegas de Boibendi e de shows por calouradas noite afora; todos são grandes amigos cientistas sociais e saibam que vocês todos estão no meu coração. Por todas as alegrias e tristezas compartilhadas, por todos os porres, por todas as noites em claro, muitíssimo obrigado, mesmo.

Um grande abraço aos maiores alvinegros os quais conheço, Alberto “Natureza” Igor, Alan Kitil e Vitor “Louco” pela constante companhia nos jogos do Mais Querido e pela construção do futuro projeto Ceará Stand Up.

Ao grande exemplo de pessoa chamado Fábio José, um amigo na maior acepção que essa palavra pode ter. Agradeço pela sua sabedoria, fanfarroneie e disponibilidade em ajudar sempre que preciso, além do seu poder de ser pé- quente.

A música está presente em muitos espaços da minha vida, então preciso lembrar dos meus companheiros de banda, Samuel e Mateus Torquato, Gustavo “Jr” Fernandes e Paulo “Biro-Biro”. Sem eles, jamais poderia sonhar em um dia brincar de cantar músicas. A convivência com eles, que espero eu, continue por muito tempo, fez com que eu enxergasse as ótimas pessoas as quais eles são e como eles são importantes para a minha existência.

Por toda a calma, força e incentivo do mundo sou totalmente grato à Camila Miranda. Caráter completamente reto e sempre preocupada com o outro são duas das muitas qualidades dessa pessoa maravilhosa. Juliana Rabelo também é outra amiga valorosíssima que, juntamente com Camila, foram exemplos de esforço e disciplina em suas vidas. As risadas também são inconfundíveis, juntamente com Mateus Torquato.

Às grandes amigas Ana Portela, Monique Dieb, Natasha Silva e Taís Monteiro que com seus conselhos e palavras boas, foram bases para a minha sustentação e caminhada. A forma de lidar com muitas situações juntamente com a sapiência para sair de enrascadas, posso dizer que são lições aprendidas com vocês.

Aos amigos Débora Leite e Marcelo Holanda por toda a musicalidade e disponibilidade de sempre termos um bom papo. Também estendo os agradecimentos ao grande brother Leandro Bezerra, que com toda a sua expertise cinematográfica sempre me dá ótimas sugestões para além dos filmes, é claro. Faço o coro de agradecimentos também ao casal Sara Guimarães e Nyelsen Bruno pelo companheirismo e afetuosidade. E também agradeço ao casal Soraia Castro e Renan Gurgel.

Por toda a parceria e irmandade, Victor Galindo, o eterno “Caverna”. Você é deveras estimado e, mesmo quando estava longe, soube muito bem manter a nossa amizade completamente intacta e até mais forte. O abraço também vai para Sávio “Moe” Sabóia, que com seu apito inconfundível alegra os dias de muitas pessoas, além de sua companhia ser a certeza de boas histórias.

Pelas oportunidades acadêmicas valorosíssimas como a participação no grupo de pesquisa Sociedade em Estudos em Esporte, por convite do grande Marcelo da Silva Ribeiro. Também quero agradecer da forma mais profunda possível ao mestre Henrique Beltrão pelos anos de convivência, aprendizado e engrandecimento na Rádio

Universitária, juntamente com Nina Ribeiro, Kamilla Medeiros, Renan Rosendo e Maurício Moreira.

Da maior gratidão foi ter sido orientado pelo Professor Tadeu Feitosa. A sua contribuição essencial na elaboração desse trabalho, visto que ele deu todo o apoio e capital intelectual necessário de ajuda para a feitura do mesmo. Através de uma relação que foi se construindo aos poucos, ambas as partes ajudaram-se para que no final tudo corresse como o esperado.

Não poderia esquecer de agradecer aos jornalistas e ao jurista que contribuíram e foram responsáveis diretos para a construção desta pesquisa. Sinceramente, espero que este trabalho possa contribuir de alguma forma para o trabalho destes e de outros profissionais que se interessem pelo assunto.

Eu poderia continuar fazendo diversos agradecimentos, mas acredito que, pelo menos, muitos dos principais já foram feitos. Espero ter conseguido minimamente englobar o grande rol de pessoas que contribuíram com a minha graduação em Comunicação Social.

“Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade.”
(Paulo Leminski)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo entender a polêmica formada acerca da possibilidade de um jogo entre Ceará e Fortaleza ser disputado com a presença de torcida única. O jogo, que segundo a antropologia, tem por característica ser livre, sem fins externos fora do seu tempo-espaço e, principalmente, a de representar a sociedade em que ele está inserido. Desta maneira, ao privar uma torcida de assistir o jogo do seu clube por motivos de violência, muda-se a ideia do jogo em si. Com levantamento bibliográfico ligado ao campo antropológico, busca-se entender temáticas relativas ao jogo, ao esporte, às torcidas organizadas e à violência. Também se apresenta um estudo sobre redes sociais e suas influências, além de definições particulares de blogs e suas tipologias. Através dos conceitos dos teóricos estudados, objetiva-se uma análise sobre os diferentes discursos relativos à polêmica da torcida única no clássico-rei. Busca-se somar opiniões sobre o caso através de entrevistas realizadas com especialistas na área. Observa-se ao longo do trabalho que a violência tão proclamada pela mídia como parte do futebol, não é específica deste e sim do meio social onde ele está inserido, fato que provoca reflexões e discussões durante o trabalho monográfico.

Palavras-chave: Jogo. Violência. Mídia. Torcidas organizadas. Proibição.

ABSTRACT

This research aims to understand the polemic created about the possibility of a game between Ceará and Fortaleza be played with the presence of only one-team supporters. The game, which according to the anthropology, has the characteristic to be free, without external purposes out of its time-space and, mainly, is the society in which it's inserted. Thus, to the depriving a crowd of watching their club's game for reasons of violence, changes the idea of the game itself. With bibliographical survey connected to the anthropological field, search up understand themes related to the game, to sports, to the hooligans and to the violence. Also presents a study on social media and its influences, besides specific definitions of blogs and their typologies. Through the theoretical concepts studied, the objective is to make an analysis about the different opinions related to the controversy of only one-team supporters in the *Clássico-rei*. Seeks to add opinions about the case through interviews conducted with specialists in the field. It is observed throughout the work that violence as proclaimed by the media as part of soccer, isn't specific of this, but the social environment in which it operates, provokes reflections and discussions during the monograph.

Keywords: Game. Violence. Media. Soccer fans. Prohibition.

Sumário

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 2 O JOGO COMO ELEMENTO PRIMORDIAL..... | 17 |
| 2.1 O processo civilizatório e a desportivização..... | 22 |
| 2.2 O início da prática do futebol no Brasil e no Ceará..... | 26 |
| 2.3 Uniformizadas e organizadas: gênese, ascensão e explosão de uma forma genuína de torcer..... | 30 |
| 3 TORCIDAS ORGANIZADAS: JUVENTUDES INVISÍVEIS?..... | 34 |
| 3.1 A cidade não é a mesma para todos..... | 34 |
| 3.2 A presença que incomoda..... | 36 |
| 3.3 A violência coreografada..... | 39 |
| 3.4 O hooliganismo inglês: violência e racismo nos estádios de além-mar..... | 41 |
| 3.5 Gangues juvenis e a inconsequência proposital..... | 43 |
| 3.6 As gangues e a lei..... | 45 |
| 3.7 Torcidas e gangues: mistura complementar..... | 46 |
| 3.8 O povo não foi convidado para a festa..... | 50 |
| 4 OS BLOGS E A MÍDIA ESPORTIVA DO JOGO COM TORCIDA ÚNICA..... | 57 |
| 4.1 Mídias Sociais e seus modos preferenciais de leitura dos cotidianos..... | 58 |
| 4.2 Blogs e seus modos de construção e repercussão dos fatos..... | 62 |
| 4.3 Os blogs e o esporte: a opção pelo futebol..... | 66 |
| 4.4 Caminhos metodológicos da pesquisa..... | 67 |
| 4.5 Contextualização do tema: jogo de uma única torcida..... | 71 |
| 4.5.1 Descrição do blog Gol..... | 71 |
| 4.5.2 A voz do blog..... | 72 |

| | |
|------------------------------------|-----|
| 4.5.3 A voz dos especialistas..... | 78 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 93 |
| REFERÊNCIAS..... | 96 |
| ANEXOS..... | 104 |

INTRODUÇÃO

A pesquisa monográfica a seguir tem como motivação principal relacionar futebol, sociedade e cultura. De que forma esses três campos se fundem e como eles dialogam entre si. Quanto de cultura tem dentro do futebol, quanto de futebol tem dentro da sociedade, definições de cultura específicas para modelos sociais específicos, essas e outras definições serão mais aprofundadas ao longo deste trabalho.

O nosso objeto de estudo foi o jogo entre as equipes Ceará x Fortaleza, que iria ocorrer no início do ano de 2012 no estádio Presidente Vargas. Na verdade, o foco não foi o jogo em si. Mas a proibição, ou não, da presença de duas torcidas no presente jogo e o tratamento dado pela mídia ao caso. O segmento midiático analisado foi o esportivo, através de entrevistas com profissionais ligados à área e da análise de postagens de um blog relacionado ao futebol.

O tema chama a atenção pois provocou uma verdadeira discussão midiática nesse período, dividindo opiniões acerca do ineditismo da medida. Nunca se tinha pensado na possibilidade de um jogo Ceará x Fortaleza, o grande clássico-rei cearense, ser disputado com torcida unicamente de um dos dois clubes, e a questão se levantou por motivos de violência. Com a prerrogativa de abrandar os altos índices de criminalidade envolvendo torcidas de futebol, principalmente as organizadas, buscou-se que neste jogo, que depois de 10 anos voltaria a ter como sede o estádio Presidente Vargas, tivéssemos apenas torcida de um dos clubes, e no jogo da volta a torcida da outra equipe. Como tal fato acirrou debates e discussões, houve um alto número de postagens no blog Gol durante a semana antecedente ao jogo, e isso irá suscitar a análise inicial deste trabalho.

No entanto, para que possamos falar desse episódio envolvendo mídia, futebol, violência e sociedade, precisamos primeiramente entender o que é esse esporte. E antes de entender esse esporte precisamos entender que ele é um jogo, e possui as características que definem um jogo, de caráter antropológico e social. Assim começa o nosso entendimento.

No primeiro capítulo procuraremos estudar as definições de jogo, como este se apresenta, o que significam os jogos para as sociedades, um histórico sobre como culturalmente ele se mostra. Depois estudaremos o desporto e o futebol, observando um pouco da história dele no Brasil, desde o seu surgimento até sua profissionalização e

popularização, passando pela história dos clubes cearenses. E também começaremos a ver o fenômeno das torcidas organizadas, como estas surgiram e de que forma elas se apresentam hoje.

No capítulo seguinte, aprofundaremos os conhecimentos sobre as organizadas. E não exclusivamente sobre elas, mas também sobre seus elos formadores. Quem as integra, quais grupos sociais a constroem, como é o seu modo de agir. E partindo desse ponto, observaremos como as juventudes excluídas da sociedade têm sua história de vida perpassada por essas torcidas. Estudaremos também como os jovens se organizam, seja através de gangues, seja através de galeras. A partir do estudo desses grupamentos juvenis procuramos ter um entendimento sobre as motivações de violência destes perante a sociedade, assim como desta perante aos primeiros.

No terceiro e último capítulo faremos um apanhado sobre mídias sociais e blogs, mostrar de que forma essas mídias se apresentam como meios produtores e reprodutores de conteúdo. Também falaremos sobre os blogs esportivos e seus tipos diferentes, podendo envolver desde temas como táticas até camisas de clubes. E posteriormente falaremos sobre o Blog Gol, blog escolhido como fonte de análise das postagens sobre o clássico-rei em questão. Após esta etapa, analisaremos os posts cronologicamente, e por último mostraremos a opinião de especialistas de várias áreas como esporte, jornalismo e justiça para opinarem sobre a polêmica.

2 O JOGO COMO ELEMENTO PRIMORDIAL

Jogo pode ser definido como uma atividade livre, delimitada dentro de regras/espacos, cercada de incertezas e improdutiva (Huizinga), além de possuir uma função significativa. Os pesquisadores Roger Caillois e Johan Huizinga se detiveram a analisar o jogo como um elemento intrínseco da cultura e de que forma essa ludicidade está presente nos mais diversos símbolos e rituais das sociedades. Assim como os já supracitados, Norbert Elias também acreditava que entender o esporte era necessário para entender a sociedade, e Jeremy McClancy (2000) reforça ainda mais essa ideia quando diz que: “o esporte não é um reflexo de alguma essência postulada da sociedade, mas uma parte da mesma, além disso, uma parte que pode ser usada como meio para refletir sobre a sociedade” (tradução própria)¹, “para Diógenes (2003) praticar esporte é jogar sociedade, resumindo, o esporte está na sociedade, ele é a sociedade também. Isso é relevante para demonstrarmos – no último capítulo desta monografia – o papel que um jogo de futebol exerce sobre os cotidianos de uma cultura, notadamente, na contemporaneidade, onde o jogo se renova em sentidos, mantendo e atualizando marcas ancestrais do seu poder gregário, como continuará afirmando neste capítulo os autores em lide.

Diferentemente do que muitos pensam, existe uma diferenciação entre jogos e desportos, como poderemos observar no trabalho de Elias chamado “Ensaio sobre o desporto e a violência”:

Uma das características de um jogo-desporto no seu estado amadurecido é o facto de o período de tensão não ser nem demasiado breve, nem demasiado longo. Como os bons vinhos, a maioria dos desportos necessita de muito tempo para evoluir até esta forma, para crescer até a maturidade e encontrar a forma óptima. (ELIAS, 1992, p.232)

Podemos ressignificar as palavras acima exemplificando que os jogos não começam exatamente da forma com que conhecemos hoje, eles são modificados e alterados ao longo de séculos até que cheguem a um ponto ideal de excelência moderna.

¹ El deporte no es un ‘reflejo’ de alguna esencia postulada de la sociedad, sino una parte de la misma, más aún, una parte que puede ser usada como un medio para *reflexionar* sobre la sociedad (McClancy apud Alabarces, 2000, p.11).

O processo civilizatório pelo qual as sociedades passaram desde a Idade Antiga até a fase atual interferiu diretamente no desenvolvimento dos esportes e fez com esses passassem a ser mais regrados, buscando a obtenção de um misto entre competitividade através do equilíbrio entre forças e obtenção de tensão na luta, procurando ainda uma maior preocupação com a saúde. Dito isso, podemos afirmar que o atletismo praticado na Grécia nos tempos antigos não é o mesmo do atletismo praticado nas Olimpíadas modernas. Os jogos praticados atualmente, ligados aos mais diversos esportes possíveis, arregimentam cifras financeiras inestimáveis, emocionam milhões de pessoas que não necessariamente estão presentes *in loco* no campo e detém muito poder. Vivemos numa era de megaeventos² e de espetáculos midiáticos, então todo o esporte, principalmente o futebol sofre as consequências disso quando tem seus jogos colocados nos horários das televisões, quando seus times são comprados por multimilionários árabes, quando os torcedores devem adaptar o seu estilo de torcer³ para as novas arenas multiuso.

Para os autores frankfurtianos, cujo pensamento teve bastante força em meios acadêmicos, principalmente nos cursos de Educação Física, até meados dos anos 1980, os esportes demoraram a ter a sua devida importância de pesquisa, visto que eles acreditavam que o futebol era alienação para a classe trabalhadora, como nos fala Hugo Lovisoló (2011). De acordo com este pesquisador, há uma perspectiva mais antropológica e histórica do esporte, visão essa que guiará esta obra, e que o observa como elemento identitário através das perspectivas dos nativos do campo, com categoria

² “Acontecimentos culturais de larga escala, inclusive no âmbito esportivo, que têm natureza dramática, grande apelo popular e dimensões internacionais. Duas características centrais dos megaeventos contemporâneos são as consequências significativas que trazem para as cidades, regiões ou países que os hospedam e a atração de cobertura midiática que eles geram. Além disso, ocorrem em intervalos temporais maiores do que campeonatos e ligas esportivas habituais, são internacionais e apresentam estrutura e programação de grande porte, bem acima da média dos eventos esportivos nacionais ordinários.” (RATTON, 2012)

³ Historicamente os torcedores brasileiros se utilizam de bandeiras, faixas, cânticos e hinos de incentivo aos seus clubes e estes estão ameaçados com as novas arenas. “As regras de conduta só valem para os jogos da Fifa, mas são muitas. A entidade proíbe que o espectador fique de pé, obstrua a visão dos outros, incomode jogadores e grite xingamentos. Mesmo manifestações efusivas de torcedores – como fazem os fluminenses, que jogam pó branco para o ar no início das partidas, ou os corintianos, conhecidos pelo show de papel picado – não poderão acontecer nos jogos oficiais da entidade. As bandeiras sem mastro não devem ultrapassar o tamanho de 2 m x 1,5 m e com mastro só serão admitidas as de plástico flexível de até 1 cm de diâmetro e no máximo um metro. Há, ainda, obstáculos físicos: barras de ferro foram instaladas para impedir a movimentação entre algumas fileiras, de modo a tentar organizar uma eventual confusão.” (MENEZES, Tamara. Site da Revista Istoé, 30/05/2013)

de pertencimento, emoção, criação. A sociologia tendeu por muito tempo a tratar exclusivamente de temas mais ditos como sérios da vida, deixando de lado, por exemplo, as emoções, o prazer e os jogos, segundo Dunning (1992). Isso só reitera a importância da obra de Caillois e também de Huizinga visto que detiveram os seus olhares para estudar o jogo, mesmo que não necessariamente fossem cientistas sociais (Huizinga era historiador), aos quais a crítica do inglês se refere.

Em seu livro “Homo Ludens”, Huizinga, disse que “em suas fases primitivas a cultura é um jogo. Não quer dizer isto que ela nasce *do* jogo, como um recém-nascido se separa do corpo da mãe. Ela surge *no* jogo, e *enquanto* jogo, para nunca mais perder esse caráter” (HUIZINGA, 1996, p.193), essa citação indica que as formações culturais estão impregnadas a todo tempo por esse caráter lúdico, e com ele e através dele acontecem guerras, modas, costumes, afinal, segundo Caillois (1990), os jogos são o reflexo da sociedade em que estão inseridos. Sobre isso, podemos citar os diversos usos da peruca no século XVII, que virou marca registrada daquela época e deixou de ser apenas uma vestimenta para se tornar um verdadeiro ponto de diferenciação social, e trazendo esse fato pros dias atuais, podemos perceber que usar peruca mudou de significação totalmente, tendo seu uso restrito à certos ambientes e ocasiões.

Caillois separou didaticamente os jogos em quatro categorias, as quais são: *âgon*, que denota competição e pode ser exemplificada no jogo de xadrez; *alea*, que se relaciona com a sorte e como exemplo podemos citar uma máquina caça-níquel; *mimicry*, que está relacionado à mimese, à dramatização e pode ser citado como exemplo um jogo de RPG; e o *illinx*, ou seja, a vertigem ou senso de percepção alterada, como o consumo do ayahuasca por tribos indígenas dentro de um ritual.

A partir dessa categorização, o autor trabalha com esses conceitos para classificar os jogos e defini-los como tais, além de nos mostrar o que acontece a partir da corrupção desses fatores, os desvios sociais que isso provoca. Esse ponto da corrupção dos jogos inclusive é fator divergente entre Huizinga e Caillois, pois o historiador holandês que escreveu Homo Ludens era contra a inclusão dos jogos de azar como jogo, enquanto o francês era a favor, argumentando que faziam parte do espírito agônico, como já havia deixado claro nas suas separações entre categorias de jogos.

A todo momento, Roger Caillois deixa claro que é importante se pensar numa sociologia a partir dos jogos, porque, como Huizinga já nos tinha deixado a par, a cultura provém do jogo, a cultura é jogo.

O espírito lúdico, segundo Huizinga, tem a sua essência em “ousar, correr riscos,” e essa ludicidade não é oposta à seriedade como imagina-se que seja a senso comum: “o caráter sagrado e sério de uma ação de maneira alguma impede que nela se encontrem qualidades lúdicas” (HUIZINGA, 1996, p.87). Como exemplo o autor cita a esfera do direito e a compara com uma verdadeira competição, a qual tem características de *âgon* (disputas pela verdade em termos jurídicos), de *alea* (fatores psicológicos do momento que podem acarretar em decisões diferentes) e *mimicry* (na reconstituição do crime perante ao júri).

De forma bastante pertinente, a obra *Homo Ludens* se desenvolve com o autor mostrando e exemplificando como nas sociedades e em suas diversas ramificações os jogos se apresentam, algumas vezes de forma mais aparente, em outras nem tanto. São discutidos temas como guerra (a significação das palavras jogo e guerra)⁴, direito como já citamos anteriormente, poesia (hai-kai e pantun malaio)⁵, conhecimento (enigma)⁶, filosofia (sofistas gregos)⁷, arte (música)⁸.

Outro ponto importante a ser tocado é quando Caillois fala: “Os impérios e as instituições desaparecem, os jogos ficam, com as mesmas regras e, por vezes, com as mesmas peças” (CAILLOIS, 1990, p.101). Partindo dessa afirmação podemos pensar

⁴ Segundo Huizinga, jogo e guerra são duas palavras que possuem significados difusos, principalmente para os povos primitivos: “Nem sempre os limites da violência permitida excluem o derramamento de sangue ou mesmo a morte dos combatentes. Os torneios medievais sempre foram considerados um combate simulado, e, portanto, um jogo mas parece mais ou menos certo que em suas formas mais primitivas as justas se realizavam com uma seriedade mortífera, chegando até à morte de dos contendores...” (HUIZINGA, 1996, p.101).

⁵ Formas arcaicas de poesia que se assemelham e têm um certo “lirismo melancólico e nostalgia”. O hai-kai é jogo pois, segundo Huizinga, iniciou-se através de um jogo de rimas em cadeia começado por alguém e depois teve sua continuação dada por outras pessoas.

⁶ Enigma: algo sagrado que tem poder secreto e que coloca a vida de quem o desafia em jogo (Huizinga).

⁷ Filósofos gregos conhecidos por sua fabulosa retórica e por assumirem uma verdadeira postura de campeões e humilharem e desafiarem os rivais, pois só a verdade deles era a correta (Huizinga).

⁸ Huizinga fala sobre a musicalidade e sobre como o homem atual consegue recuperar seus sentidos primitivos de jogo e ritual através da música.

que certos elementos lúdicos permanecem e se atualizam ao longo das gerações, como por exemplo os jogos que deram origem ao rugby e ao futebol e eram praticados na rua e forma violenta, no século XIX foram regradados e tornados mais civilizados para que fossem aceitos pela sociedade daquela época. O Império Romano e toda a sua imponência, após ruírem, também deixaram como legado o ato do *Panem et circenses*, que representava bem aquela sociedade que estava decadente e cheia de vícios e precisava dos jogos como precisa do pão diário.

Enquanto os romanos deixam esse caráter ritual do jogo se sobressair, os seus predecessores gregos viam o jogo como festa e ritual, numa relação totalmente imbricada e o impulso competitivo era mediador daquela sociedade em praticamente todos os aspectos. Essa inclinação agonística tem como exemplo os filósofos sofistas, como já citamos, os quais tinham um trato excelente com a fala e o poder persuasivo e queriam a todo tempo disputar com seus oponentes, mesmo muitas vezes já acreditando que as suas opiniões eram as únicas corretas. E a dubiedade entre celebração e ritual se refere ao fato de que “as competições sagradas e profanas haviam tomado um lugar tão importante na vida dos gregos, adquirindo um caráter tão excepcional, que as pessoas deixaram de ter consciência de seu caráter lúdico” (HUIZINGA, 1996, p.36).

Segundo André Lalande (1996), na obra *Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia*, hedonismo é “toda doutrina que tome por princípio único de moral que é necessário procurar o prazer e evitar a dor, considerando nestes fatos apenas a intensidade do seu caráter afetivo, e não as diferenças de qualidade que podem existir entre eles”. Os teóricos Japiassú e Marcondes (1996) nos dizem que hedonismo vem do grego *hedoné*, que significa prazer, e representa as “diversas doutrinas que situam o prazer como o soberano bem do homem ou que admitem a busca do prazer como o primeiro princípio da moral”. Os mesmos autores supracitados ainda nos falam que hedonismo pode ser um pensamento egoísta baseado apenas em prazer, e utiliza o exemplo do consumismo exacerbado nos dias atuais para visualizarmos de forma mais clara isso. O homem renascentista também era hedônico por excelência, gostava de se exhibir com frequência e de ter o ego massageado. O hedonismo é marca constante na presença esportiva, visto que esta procura uma excitação agradável, o que seria o ápice desse hedonismo. Contudo, para que se chegue nessa excitação, existem os momentos

de luta, que podem se designar como momentos agônicos. No livro de Lalande temos a seguinte definição para agonístico:

- a. Relativo à luta, particularmente à luta pela vida.
- b. Quando se fala das doutrinas ou das disposições de espírito: favorável à luta; que recomenda a luta e nela vê o instrumento do progresso. (LALANDE, 1996, p. 38)

O esporte vive constantemente esse equilíbrio entre o prazer e a restrição, que formam as categorias hedônicas e agônicas, afinal, como já diziam Elias e Dunning (1992), a sua principal característica é oferecer ludicidade através da tensão/excitação de um combate simulado que envolva esforço físico para seus jogadores e espectadores. Os seus jogadores vivem num limiar constante entre a obediência cega às regras e na dissimulação destas, dentro desse espectro o esporte caminha.

Outra característica interessante citada pelos mesmos teóricos sobre o desporto, é que este é sempre: “uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos” (ELIAS, 1992, p.84). Baseados nisso podemos concluir que os desafios são inerentes ao esporte, e essa competitividade faz com que os jogos tenham a emoção e atraiam a atenção das pessoas. Essa disputa não necessariamente é entre pessoas, como já frisaram os autores, e mesmo assim o esporte continua atraente. Esses fatores de competição fazem com que o esporte seja uma espécie de simulacro de guerra, sempre existirão rivalidades e inimigos a serem derrotados, seja eles outro adversário, as forças naturais. Por isso diz-se que um jogo passa a ser desinteressante quando já sabemos previamente dos resultados ou quando tem-se número de empates em demasia, pois a tensão passa a ser quase inexistente, e esta é inerente para que haja uma excitação saudável.

2.1 O processo civilizatório e a desportivização

Retomando as ideias dos teóricos supracitados falaremos nas próximas linhas sobre o processo de desportivização. Essa ação teve seu impacto maior a partir do século XVIII na Inglaterra. Lá, existiu o campo perfeito para que isso ocorresse, como explicaremos adiante. Antes disso, cabe frisar que nesse tempo os esportes já existiam, contudo as regras e a noção de esporte com ideais modernos de saúde e bem-estar não

eram difundidas, o esporte era puramente o lúdico e isso bastava, muitas vezes não importando o quão violento esses eram, se comparados aos esportes dos dias de hoje. Os “torneios desempenhavam um papel exotérico em uma sociedade marcada pela brutalidade e pelo terror” (DIÓGENES, 2003, p.35), ou seja, víamos jogos violentos que eram reflexo da sociedade violenta, e então cabe à pergunta, a violência dos jogos atuais também não reflete a nossa intensa violência urbana?

De volta para a Revolução Industrial, podemos comentar que ela acelerou a desportivização, através da divisão social do trabalho e conseqüente rotina causticante nas fábricas, o corpo dos seres passou a ser bem mais docilizado, pois o que ocorreu ao longo dos tempos poderia ser resumido em uma mudança nos padrões sociais de autodomínio, o que tem como conseqüência a obtenção de um tempo livre bastante delimitado. E então, esse período passou a ser utilizado para a prática de passatempos, em sua maioria criados pelos burgueses e que posteriormente foram sendo ordenados de modo tornar-se parte da vida cotidiana dos ingleses. A criação desses jogos foi a solução encontrada para que não se criasse uma desordem social e que a diversão pudesse ser agradável, tanto a quem visse quanto a quem praticasse. Sobre esse progressivo controle do corpo ao longo dos séculos, podemos buscar na teoria do filósofo francês Michel Foucault, que falou:

Nos séculos XVII e XVIII, ocorre um fenômeno importante: o aparecimento, ou melhor, a invenção de uma nova mecânica de poder, com procedimentos específicos, instrumentos totalmente novos e aparelhos bastante diferentes [...] Este novo mecanismo de poder apoia-se mais nos corpos e seus atos do que na terra e seus produtos. É um mecanismo que permite extrair dos corpos tempo e trabalho mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente através da vigilância e não descontinuamente por meio de sistemas de taxas e obrigações distribuídas no tempo; que supõe mais um sistema minucioso de coerções materiais do que a existência física de um soberano. (FOUCAULT, 1988, p.105)

Ou seja, o corpo estava sendo cada vez mais tolhido pela sociedade que deveria ser produtiva e, para isso, os fins justificavam os meios. O corpo agora era docilizado (Diógenes, 2003) e se o trabalhador não se adequasse às normas que vinham sendo impostas, poderia sofrer a sanção de ficar marginalizado e desempregado, então para entrar no sistema de produção laboral capitalista, os proletários eram obrigados a ter esse cuidado. A lógica funcionava assim: quanto mais aquele ser trabalhava, mais ele

produziria e mais ele seria explorado pela máquina, para que seus empregadores o vissem como um bom funcionário e não o demitissem. Eram pouquíssimas as leis trabalhistas que vigoravam naquela época e os operários trabalhavam em:

Péssimas condições de trabalho, em jornadas extremamente longas – às vezes de 16 horas diárias – trabalhando até o limite das forças e, não raro, tidos por negligentes e insubordinados pelos seus empregadores, ainda que tal se desse pela exaustão física. (CARMO, 2009, p. 1)

Enquanto isso acontecia, os burgueses, como já comentamos anteriormente, detiveram-se em seus negócios fabris e em criar passatempos para o preenchimento do tempo livre deles, entre os quais se destacaram a caça à raposa, o rugby e o futebol. Formas primitivas destes tipos de lazer já existiam, como já citamos, mas a partir desse momento passa-se a imbuir o jogo de regras para que a prática fosse mais aceita entre os nobres e para que a excitação provocada não causasse choque por sua violência, como eram os jogos até tempos atrás deste período. Posteriormente, os proletários também foram introduzidos a estes jogos, pois estes impediam também, de certa forma, movimentações sociais no sentido de motins ou revoltas contra as condições subalternas, pois os trabalhadores estariam distraídos praticando esportes e exercitando o corpo. Um fato interessante é que durante a história do futebol no Brasil também existiram os clubes de fábrica, que ofereciam diversões esportivas aos seus empregados para que esses pudessem ter essa ocupação de tempo livre:

Além de aumentar o prestígio das empresas, entre seus próprios empregados e da população das vilas ou bairros operários, o futebol cumpria outras funções igualmente desejadas pelos industriais. Motivação no trabalho e controle do lazer - especialmente se os jogos fossem praticados em espaço cedido pela empresa era mais fácil contornar os distúrbios e o alcoolismo, grandes responsáveis pelas faltas injustificadas e quebra na produção - constituíam-se, do ponto de vista dos industriais, num ganho secundário que compensava os gastos com campo, fardamento, "faltas justificadas", "bichos", etc. (DAMO, 1998, p.55)

isto é, era bastante vantajoso para os patrões esse tipo de atividade. Na sua dissertação o professor Arlei Damo também fala que as fábricas viam positivamente essa participação pois conseguiam bater de frente com as organizações sindicais. Para os sindicalistas e socialistas “não poderia haver afronto maior de parte dos patrões do que marcar a final

do campeonato interno para 1º de maio” (1998). Contudo, posteriormente esses próprios personagens passaram a absorver o futebol e tenta-lo ressignificar de modo a criar resistências dentro dele contra os burgueses.

Sobre essa questão do lazer, Elias e Dunning falam que nele os impulsos fluem mais livremente, algo que é totalmente delimitado numa sociedade a qual exige um perfeito controle e domínio sobre os corpos. E no meio disso, o esporte funcionaria como uma espécie de antídoto para as tensões da vida real, ao mesmo tempo em que restringe os espaços dessa liberdade quase que exclusivamente para suas cercanias. Trocando em miúdos, o esporte exerceria o papel quase de um advogado do diabo, quando simultaneamente estaria oferecendo a fuga de um o dia-a-dia entediante e austero, e o aprisionamento de uma excitação apenas dentro dos seus domínios, ideias que compactuam com o pensamento de Diógenes (2003), de que “o surgimento do desporto, a ideia moderna de lazer, se traduziu como possibilidade de zoneamento das intensidades de sentimentos, espacialização das condutas”.

Sobre o processo civilizatório e a evolução dos esportes, podemos dizer que a entrada dos cães na caça aos animais foi preponderante no desporto da caça à raposa praticada na Inglaterra. Apesar de parecer, de certa forma, estranho, um animal caçando os outros sob os auspícios dos seres humanos, desta maneira, e com a finalidade principal de que o homem não precisasse mais matar e o cachorro fizesse esse papel, a morte passava a funcionar de maneira mais branda, indireta, fazendo que o homem se eximisse de qualquer culpa ou arrependimento. Se fosse vivo hoje, o sociólogo alemão perceberia como é claro esse exemplo da mimese, ou seja, da emulação, da substituição, nas lutas de MMA⁹ tão populares no início do século XXI. Nesses duelos, dois lutadores engalfinham-se num octógono dentro de uma série de regras e o objetivo é vencer por pontos ou nocautear o adversário. Se antes a luta era bem mais violenta e as regras eram mínimas, hoje, com a desportivização essas lutas passaram a ser bem mais comercializadas mundialmente por conta do seu profissionalismo organizacional, da

⁹ Siga para “Mixed Martial Arts” ou Artes Marciais mistas, luta praticada dentro de um ringue, jaula ou octógono e que tem lutadores de diversos tipos de artes marciais diferentes trocando socos, chutes e fazendo performances no chão. Antigamente o MMA tinha a alcunha de Vale-Tudo, pois as regras eram mínimas e a segurança dos atletas não era um item de muita preocupação, ver DIÓGENES (2003, p.127). Com a constante entrada do evento nas redes de televisão e publicidade mundiais, as regras foram aumentando de forma com que a luta tivesse mais característica de esporte e que pudesse ser vendida para a maior quantidade de países possíveis.

bem-sucedida estratégia de marketing e, principalmente, da diminuição da possibilidade de golpes mais apelativos. Pensando um pouco mais além sobre essa grande audiência do MMA no mundo¹⁰, vale a reflexão, se o jogo é sociedade e a sociedade é o jogo, o sucesso dessa modalidade talvez venha a mostrar como o nosso cotidiano é violento e como consumimos de várias formas essa catarse da violência.

Aplicando o mesmo princípio dos homens que utilizavam os cachorros para caçar as raposas, o mundo todo acompanha pela televisão ou ao vivo o feito desses destemidos lutadores e torce para que um dos dois derrote o oponente, fazendo, assim, com que não exista culpa pelo grau de violência que possa existir, já que eles estão praticando um esporte e lutando dentro de regras pré-estabelecidas. De novo voltando para o esporte inglês praticado nas florestas, Elias ainda falava que “a excitação de caçar e matar animais tinha sido sempre, ate certo ponto, o equivalente, em tempo de paz, da excitação relacionada com o matar seres humanos em tempo de guerra”.

2.2 O início da prática do futebol no Brasil e no Ceará

No Brasil, o futebol chegou como item de importação no começo da última década do século XIX, começou como futebol de elite com a participação dos abastados e imigrantes europeus que moravam no Brasil (Levine apud Damo, 1998). Depois de 1904 surgiram os primeiros clubes de fábricas no Brasil, com a criação do Bangu Athletic (o primeiro destes), e até 1933 ainda permaneceu sob a égide do amadorismo, de 1933-1950 iniciou-se a profissionalização e a conseqüente democratização do esporte, e após 1950 a profissionalização e comercialização do produto futebol se acentuou mais ainda.

No estado do Ceará o futebol iniciou-se em 1904 com um jogo entre ingleses e cearenses no Passeio Público¹¹ (AZEVEDO, 2002), para que em seguida houvesse uma estagnação com o futebol sendo praticado apenas nos colégios e entre os

¹⁰ Exemplo da popularidade crescente do evento no país, no ano de 2012 a maior audiência da Rede Globo de Televisão no mês de novembro foi a transmissão da luta entre o brasileiro Junior Cigano e o norte-americano Cain Velasquez, em um mês que eram exibidos os jogos finais do Campeonato Brasileiro de Futebol daquele ano. Ler mais em MOSER (2013)

¹¹ Ponto turístico histórico da cidade de Fortaleza, também conhecido como Praça dos Mártires.

anos de 1914 e 1918 são fundados clubes de elite baseados nas ideias futebolistas trazidos da Europa.

É interessante notar que, como sua chegada ao Brasil foi através dos clubes de elite que pregavam o futebol amador, quando este passou a ser profissionalizado, ocorreu certo clamor contrário vindo das elites. Estas temiam que o seu esporte preferido fosse ser praticado pela plebe:

Com o perdão do arremate um tanto rápido, o futebol passava de englobado à englobante. O que no princípio era apenas mais uma opção de lazer e sociabilidade tornara-se uma atividade fim, não mais um fim em si mesmo, como pregava o amadorismo, mas como um fim voltado à competitividade entre agremiações e, por extensão, ao acirramento das rivalidades sócio-econômicas, étnicas, locais, regionais e assim por diante. Nesse contexto, muitos clubes de elite barraram o futebol, como foi o caso do Germânia, em São Paulo, e da Sogipa, em Porto Alegre. Outros conciliaram o amadorismo - festas, bailes, esportes amadores, etc - com o profissionalismo - representado pelo futebol - e, por fim, houve os que se deixaram tomar, quase por completo, pelo futebol. (DAMO, 1998, p. 47)

Alguns desses clubes sucumbiram ao futebol profissional e existem até hoje com todos os esportes menos com o “esporte bretão”, enquanto outros se voltaram quase que exclusivamente para o futebol. Segundo Toledo (1996), o esporte nesse período representava o “espírito do progresso” nos centros urbanos, ideário que foi bastante claro nas elites paulistanas e cariocas, principalmente.

Continuando com as ideias do mesmo pesquisador, que fez uma cuidadosa etnografia sobre as torcidas organizadas em São Paulo a qual retomaremos mais adiante, ele fala que:

Os operários e comerciantes dos bairros populares não ficaram indiferentes a esta modalidade esportiva e já em 1903, portanto quase concomitante à fundação dos clubes de elite, praticavam o futebol (denominado pejorativamente pela imprensa da época de pequeno futebol, em virtude do caráter popular e das precárias condições em que era jogado) na Várzea do Carmo no bairro do Brás. (TOLEDO, 1996, p. 16)

Já nesta época, pipocavam nas capitais os campos de várzea ou futebol de rua, que são os “campos de subúrbio, "improvisados, sem grama, de chão batido", o oposto dos *fields* ou *grounds*, da elite” (ROSENFELD apud DAMO, 1998). Esse futebol praticado em tais locais tinha suas regras de convivência e sociabilidade próprias, e

algumas adaptações do futebol dito formal para o ambiente em que elas eram jogadas, como por exemplo, as partidas não detinham um juiz para regulamentar as infrações e demarcar o tempo.

O processo de jogar nesses gramados improvisados foi sendo cerceado pela industrialização e modernização dos centros urbanos, com a diminuição do número de campos nas cidades. Como podemos ver no relato abaixo:

Naquele tempo tinha mais de mil campos de várzea. Na Vila Maria, no Canindé, na várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinquenta campos de futebol. Penha, pode pôr cinquenta campos. Barra Funda, Lapa, entre vinte e vinte e cinco campos. Vila Matilde, uns vinte. Agora tudo virou fábrica, prédios de apartamentos. O problema da várzea é o terreno. Quem tinha um campo de sessenta por cento e vinte metros acabou vendendo pra fábrica (...) (BOSI apud WITTER, 1982, p.72)

Nos anos 1930 e 1940 o futebol passa a ser instituído oficialmente como esporte por excelência e passa a ser profissionalizado quase que por completo. E com isso vão se erguendo os primeiros estádios nas grandes capitais Brasil afora, pois o esporte agora estava se popularizando realmente. Segundo o historiador Nirez de Azevedo (2002), só em 1939 o profissionalismo iniciou-se no futebol cearense, o que pode ser explicado pelo tardio início das competições locais (apenas em 1914). O primeiro estádio municipal em Fortaleza (o Presidente Vargas) foi inaugurado em 1941, pois antes as disputas ocorriam apenas em campos, e o que os distinguiu na época era: “a diferença do estádio para os demais campos da época é que aquele possuía um gramado enquanto os outros eram de barro batido” (AZEVEDO, 2002, p.59).

Na época da fundação dos primeiros clubes na capital fortalezense, as tramas futebolísticas eram bem diferentes das atuais. Os dois historicamente principais clubes do Estado, Ceará e Fortaleza, foram fundados em anos distintos e no começo não carregavam a insígnia da rivalidade e hegemonia dos torcedores cearenses. Vários outros clubes fizeram a história do campeonato, como o Ferroviário, que até hoje é considerado o clube de terceira força na capital e tem 8 títulos cearenses e o Maguary, que venceu 4 campeonatos e depois optou por largar o futebol quando este passou a ser profissionalizado.

A rivalidade entre o Vovô e o Leão¹² surgiu durante o campeonato de 1922, quando após o jogo decisivo os jogadores, dirigentes e convidados do Ceará Sporting comemoraram a vitória com um jantar em um famoso restaurante da cidade. Até então tudo na mais perfeita normalidade, contudo, a festa no local estava toda preparada para o time do Fortaleza, a mando do próprio clube. E, ao saber disso, após o jogo o Ceará fez questão de festejar o título lá. Obviamente tal atrevimento não foi perdoado e, nascia aí a grande e fígadal rivalidade, “nos dias seguintes o comentário na cidade não era outro senão ‘o bocado não é para quem o faz e sim para quem o merece’” (AZEVEDO, 2002).

Desde então, os dois clubes cresceram bastante e se tornaram as maiores potências do futebol cearense, detendo a hegemonia de títulos estaduais, com 82 títulos¹³ sendo conquistados pela dupla (43 pelo Ceará S.C e 39 pelo Fortaleza E.C.). A nível nacional os times têm pouca expressão, com o Fortaleza sendo vice-campeão por 2 vezes da Taça Brasil e o Ceará sendo vice da Copa do Brasil. Regionalmente, o Leão possui 2 Norte-Nordeste e o Ceará possui 1.¹⁴

Com desempenhos tão parecidos e sendo tão semelhantes, guardando as devidas proporções, podemos equiparar os clubes em matéria de rivalidade aos gaúchos Grêmio F.B.P.A e S.C.Internacional, dois times extremamente populares no Rio Grande do Sul, com nível de grandeza semelhantes, torcidas apaixonadíssimas e muitos títulos na história. O grande diferencial é que os cearenses estão localizados num Estado que fica no Nordeste do país, região que historicamente sofre preconceito e tenta se livrar dos estigmas do “sertanejo sofredor” e possuem bem menos apelo midiático e títulos de importância quanto à dupla Gre-Nal¹⁵. Mas em matéria de rivalidade, ambos são co-irmãos.

¹² Respectivos mascotes de Ceará e Fortaleza, alcunhas do próprio clube. O Ceará é conhecido como Vovô por ser o clube mais antigo do Estado e o Fortaleza como Leão por sua raça e bravura dentro de campo.

¹³ Dados oficiais da FCF, disponíveis em <http://futebolcearense.com.br/2011/campeoes.asp>

¹⁴ Dados retirados dos sites dos próprios clubes: <http://www.cearasc.com/o-clube/titulos/>; <http://www.fortalezaec.net/Titulos?page=1>

¹⁵ Apelido dado ao clássico disputado entre Grêmio e Internacional.

Quanto à frequência nos estádios, as últimas pesquisas mostram que o povo cearense, apesar de seus times não obterem títulos nacionalmente, ainda é muito apaixonado por futebol, com os dois times obtendo ótimas médias de presença no Brasileiro das séries B e C em 2013 (3ª colocação em média de público em suas respectivas divisões) ¹⁶.

2.3 – Uniformizadas e organizadas: gênese, ascensão e explosão de uma forma genuína de torcer

É impossível falar sobre o desenvolvimento do esporte no Brasil e não citar as tão famosas hoje, torcidas. Ao longo do século XX, no Brasil assim como no resto do mundo o futebol aprimorou-se e juntamente com ele surgiram diversos tipos de formas de torcer. As primeiras organizações de torcedores nas arquibancadas surgiram nos anos 40 e eram chamadas de charangas e se faziam presente durante os jogos com uma banda de metais e entoando canções de incentivo aos seus clubes de coração. As charangas eram oficialmente submetidas aos próprios times e seus líderes eram ligados às diretorias, inclusive essas tendo papel de interferência total nas charangas. Como tinham essa ligação, era inexistente algum caráter de protesto vindo por parte dessas.

Naquela época os agrupamentos torcedores eram vinculados aos times, geralmente a alguém envolvido com a organização institucional do futebol (político, dirigente, funcionário de ligas ou federações de futebol) ou ainda oriundos da atividade e do empenho pessoal de alguns indivíduos. O único objetivo de cada um era torcer para o time, “não importando mais nada”. (TOLEDO, 1996, p.22)

Naquele tempo as torcidas tinham a ideia de um líder, que chefiava essa charanga e a conduzia no apoio à agremiação. Essa primeira fase das torcidas brasileiras durou até o fim dos anos 60. Com a chegada da década seguinte, o Brasil vivia um período duro da sua história política. A ditadura ao mesmo tempo em que perseguia

¹⁶ Dados do site “Esporte Interativo” e do site “Sr. Gool”:
<https://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/cear%C3%A1-teve-a-terceira-maior-m%C3%A9dia-de-p%C3%BAblico-da-s%C3%A9rie-b-182917359.html> ; <http://www.srgool.com.br/Noticia/RANKING-FINAL:-Santa-Cruz-termina-com-a-maior-media-de-publico-da-historia-da-nova-Serie-C>

subversivos e torturava, procurava tentar deixar o país alienado e se utilizou do futebol para deixar essa imagem cada vez mais forte. Isso não foi privilégio da ditadura brasileira, é bom que se frise, em outros regimes não democráticos América do Sul afora, os governantes usaram e abusaram do mesmo artifício. A seu favor, os generais tinham a excelente Seleção Brasileira da época que tinha vencido 3 títulos mundiais e os grandes clubes com um infindável número de craques (o Santos de Pelé, o Cruzeiro de Dirceu Lopes, o Atlético-MG de Dadá, o Corinthians de Rivelino). Nesse período o futebol também se profissionalizava em quase todos os locais do mundo, com suas regras se aprimorando e a mídia passando a dar cada vez mais atenção ao esporte. Tudo isso favoreceu o cenário para a criação das Torcidas Organizadas brasileiras que existem até hoje.

O movimento de emergência das primeiras torcidas fez parte e foi fruto da mobilização e oposição ao período da ditadura militar vivido no país. E que, portanto, junto com outras formas de organização e associação, formaram canais de participação populares diante da ausência de partidos e representações legais. (TOLEDO, p.28, 1996)

O contexto em que as organizadas surgiram foi o de um país censurado. Então elas formavam espaços de convívio e discussão de ideias divergentes e plurais, assim como os grêmios estudantis, reuniões de organizações sindicais. As torcidas não queriam ter obrigações legais com o clube como as charangas, não deviam ter que ser subservientes aos clubes e engolir o que essas considerassem danoso ao resto dos torcedores. Por isso esse caráter de independência dos clubes foi fundamental para que as torcidas organizadas pudessem fazer oposição ao time quando necessário, e não aceitar os mandos e desmandos dos cartolas que muitas vezes se esqueciam do futebol e só pensavam em dividendos políticos e monetários. As torcidas tinham necessidade de ocupar um “espaço político até então não-reivindicado enquanto *torcedores comuns*” (Toledo, 1996).

Diferentemente de outras associações de bairros e comunitárias, como frisa Toledo, as organizadas procuram ter várias subdivisões em bairros das capitais e no interior dos estados também, fato que iremos aprofundar no segundo capítulo deste trabalho monográfico. Elas possuem “arranjos mais fluidos e dinâmicos” e não perdem o sentido político, pois acionam “instrumentos simbólicos a partir de uma vivência

concreta”, ou seja, fazem com que essa organização seja representativa não só nas arquibancadas como também fora destas.

Com o crescimento do país e os surgimentos das grandes metrópoles as torcidas também cresceram, fazendo com que seus quadros passassem a ter cada vez mais adeptos¹⁷ nos últimos anos. Nosso PIB aumentou e hoje temos a sétima economia do mundo¹⁸, contudo a desigualdade de renda apesar de ter caído nos últimos anos (2000-2011) ainda é grande e era maior ainda nos anos 80 e 90. E isso pode contribuir para que os índices de violência na sociedade também aumentem, pois, se muito poucos têm o que muitos gostariam de ter, esses que não têm se mostram insatisfeitos e podem apelar para situações de violência como válvula de escape para a vida injusta, como tentativa primária de reverter o quadro social. Não necessariamente os índices de desigualdade por si só farão que uma sociedade seja violenta, visto que existem sociedades que tem alta desigualdade e não são tão brutais, mas esses índices são sim um fator provocante para uma possível violência.

Dito isso, comentemos que a violência também está presente no futebol, tanto dentro dele em campo quanto nas arquibancadas e no dia-a-dia das torcidas. E muitos criticaram e ainda fazem esse tipo de críticas como se a violência e o vandalismo praticado em jogos de futebol fosse exclusivo dele, como se o esporte não estivesse inserido socialmente num contexto de violência. Segundo Buford (2010) a violência representa um protesto e um escape para todo e qualquer tipo de amargura mais cristalizada, opinião que também é endossada por outros estudiosos acerca do tema também:

A violência é um fenômeno próximo e constante entre os torcedores, sobretudo aqueles oriundos das camadas populares. Violência enraizada no meio urbano em que vivem, quer seja objetivada nas ações dos órgãos repressivos do Estado, nas relações cotidianas, nas imagens veiculadas pela mídia, nas condutas autoritárias que perpassam as instituições em geral, entre as quais aquelas vinculadas mais diretamente ao futebol (federações, clubes)

¹⁷ Segundo dados do livro “Torcidas Organizadas de Futebol”, em 1993, 4 das maiores torcidas organizadas paulistas (Tricolor Independente; Gaviões da Fiel; Mancha Verde; Camisa 12) possuíam somadas com mais de 38 mil pessoas cadastradas no seu quadro de sócios. Entre as torcidas cearenses, Leões da Tuf (torcida do Fortaleza) possuía 9.897 sócios em 2010 e a Cearamor possui aproximadamente 5.000 sócios em 2014, segundo informações fornecidas pelas próprias torcidas.

¹⁸ Dados do portal Terra Economia, disponível em <http://economia.terra.com.br/pib-mundial/>

e que, sob este aspecto, não estão descolados desta realidade. (TOLEDO, 1996, p. 32).

As torcidas organizadas de Ceará e Fortaleza tiveram um surgimento um pouco tardio em relação às do eixo sudeste. A maior organizada do Ceará, a Cearamor surgiu em 1982. Já no lado tricolor, a torcida Leões da Tuf surgiu em 1991. E cada uma dessas surgiu no escopo das outras organizadas, buscando incentivar o time e fazer com que a torcida fosse o motor de arranque disso. A violência veio a reboque também, no início mais tímida e depois foi tomando mais corpo. Juntamente com a ascensão dos bailes funks dos anos 1990, o futebol e as organizadas eram um dos poucos espaços de manifestação dos jovens de periferia, então esses espaços eram utilizados para extravasar toda a energia que esses rapazes tinham, e nessa esteira o vandalismo aparece. Essa discussão será bastante comentada no capítulo a seguir, no qual tentaremos entender as motivações para esses jovens agirem de maneira tal, será que é só eles que agem assim ou a sociedade toda é assim para com estes também?

3 TORCIDAS ORGANIZADAS: JUVENTUDES INVISÍVEIS?

“O plano dele era simples: você vai na casa da tia Carolina, assalta o galinheiro, rouba as cujas galinhas. Depois, pega fogo nas traseiras.

- Mas, tio...

- Vai, não demora.

Ele acrescentou: aquilo era um começo.

Seguiam-se outras casas. Eu

devia espalhar confusões, divulgar medos. Geguê se implementava, acrescido de farda, promovido de poderes.

- Mas, tio, o senhor, um miliciano, como pode...

- Ou você pensa um milícia existe enquanto há paz?”

(Mia Couto)

O pensador Geertz dizia que a cultura depende de um contexto (Geertz apud Diógenes, 2008), e a partir desses escritos a professora Glória Diógenes inicia o seu livro baseado em sua pesquisa de doutorado sobre a juventude participante de gangues e as galeras do hip hop em Fortaleza dos anos 90. No começo da obra são elencados três signos da juventude periférica: estigma, território e comunicação visual e é através deles que a autora irá basear a sua pesquisa. Ao longo da leitura, podemos perceber algumas coisas, como a ideia de que esses jovens buscavam uma diferenciação do resto da sociedade, principalmente das pessoas de outras faixas etárias, contudo, eles apresentavam gostos e interesses semelhantes aos jovens de todo o mundo, formando assim uma cultura juvenil globalizada. E esse processo era tão inclusivo para os que assim podem, quanto excludente para os que não têm esse acesso, pois “a formação de ‘rebeldes urbanos’ parece coincidir com um processo que se tece de forma concomitante nas cidades: tanto inclui, acolhe e dá lugar a alguns, como exclui, expulsa e marginaliza outros” (DIÓGENES, 2008, p.150). Ou seja, através da estética do não-pertencimento comercial, social e cultural e a busca por essa entrada era um dos fatores motivadores para que esses jovens cometessem esses delitos. E hoje com o processo das torcidas organizadas de futebol não é tão diferente, como pesquisas da própria Glória Diógenes em sua outra obra chamada “Itinerários de corpos juvenis: o tatame, o jogo e o baile” indicam (DIÓGENES, 2003).

3.1 – A cidade não é a mesma para todos

Para falar sobre cidade é interessante termos por base algumas noções que são fundamentais. Sobre que tipo de cidade estamos falando? O que essa cidade que se apresenta na visão dos pesquisadores? Bom, primeiramente é bom frisarmos que estamos falando do conceito de cidade capitalista pós-moderna e que isso tem algumas implicações. Ela “funciona como um imã” (ROLNIK, 1995), que atrai e concentra os homens é dominada pelo mercado. Dizer isso significa falar que todos os espaços deste local são mercantilizados, tudo tem um preço imobiliariamente falando e nem todos têm acesso a locais com as condições básicas de saneamento, vide os altos custos para se morar dignamente. Daí acontece a formação de periferias e favelas, advindas das pessoas que não têm dinheiro para morar em outros bairros.

Nas grandes cidades do pequeno dia-a-dia
 O medo nos leva a tudo, sobretudo a fantasia
 Então erguemos muros que nos dão a garantia
 De que morreremos cheios de uma vida tão vazia
 Então erguemos muros que nos dão a garantia
 De que morreremos cheios de uma vida tão vazia

Nas grandes cidades de um país tão violento
 Os muros e as grades nos protegem de quase tudo
 Mas o quase tudo quase sempre é quase nada
 E nada nos protege de uma vida sem sentido
 O quase tudo quase sempre é quase nada
 E nada nos protege de uma vida sem sentido
 (GESSINGER, Humberto; LICKS, Augusto – “Muros e Grades”, 1991)

A letra de música acima reflete sobre os muros e as grades que passam a rodear o cotidiano das cidades principalmente a partir da expansão da violência urbana na década de 1980. Sobre isso, Rolnik diz: “muros visíveis e invisíveis que dividem a cidade são essenciais na organização do espaço urbano contemporâneo.” A autora quer mostrar nossas cidades do capital as quais são cercadas de barreiras e que estas segregam espacialmente a população. Cada um precisa saber o seu lugar social nesse tipo de cidade, e o tão divulgado acesso democrático de todos a todos os lugares da cidade dada não passa de balela, pois existem locais específicos para grupos sociais específicos. Do mesmo jeito que mendigos maltrapilhos são olhados de forma diferente ao frequentarem um shopping de elite, pessoas de terno e gravata são vistas de forma estranha ao adentrarem numa favela, por exemplo. Ao mesmo tempo em que vivemos o

dilema da insegurança que se transferiu das áreas mais carentes para as áreas nobres também da cidade, e, em resposta a isso, as muralhas reais são aumentadas na esperança de que os malfeitores sejam impedidos de agir, invisíveis muros são levantados e estes segregam cada vez mais os que têm dos que não têm.

E por falar em muralhas, elas muitas vezes são erguidas para proteger a residência burguesa. O conceito burguês de lar surge dentro da cidade do capital como algo que é privado e isolado. Nele, acontecem as intimidades de cada um daquele local, e estas não saem da casa. O lar se contrapõe à rua, que é “a terra-de-ninguém perigosa que mistura classes, sexos, idades, funções, posições na hierarquia; a casa é território íntimo e exclusivo” (ROLNIK, 1995, p.50). Através desse binômio desenvolve-se a ideia de moradia e de habitação saudável. E como os cortiços e comunidades carentes são disformes e fogem do padrão burguês de lar, poder público e sociedade em geral os deslegitimam e querem regulamentar esse tipo de morada para que possam entrar nos padrões capitalistas.

3.2 – A presença que incomoda

É nesta cidade, discutida, que podemos trabalhar a temática da juventude. Como havíamos indicado anteriormente, muitos desses jovens participantes de gangues têm essa sensação de deslocamento, de não possuírem referências familiares e nem escolares e, portanto, buscarem nos agrupamentos de gangues uma forma de serem reconhecidos socialmente, mesmo que isso custe suas vidas. E essa prática de atitudes violentas por parte das gangues funciona como uma das formas de serem vistas por toda a sociedade, essa é uma das formas, segundo a visão dessas, de acabar com a invisibilidade a que estão relegados (DIÓGENES, 2008, p. 56).

Essa característica vem no escopo das metrópoles e da urbanização acelerada, “nas grandes cidades fala-se em ‘invisibilidade social’. Invisíveis sociais seriam aquelas pessoas sem acesso algum, ou muitíssimo limitado, ao consumo. A estes indivíduos seria negada a possibilidade de expressão de suas identidades.” (TONDATO, 2011, p.211). Segundo Buford, na sua pesquisa com os hooligans ingleses feita durante os anos 1980, muitos torcedores de lá também tinham essa característica de serem invisíveis pra sociedade, apesar de isso não ser tão predominante assim no meio das

torcidas britânicas, como falaremos adiante. Em uma entrevista com um torcedor, Buford pegou o seguinte depoimento sobre os próprios torcedores: “Durante a semana [...] eles não são ninguém, compreende? Aí então, quando vêm para o jogo, tudo se transforma. Eles se sentem os maiores” (BUFORD, 2010, p. 116).

Esse protagonismo é buscado pelos jovens, pois, segundo Diógenes, estes são os atores principais das novas dinâmicas de violência urbana. E indo mais além, podemos concluir que vários campos da cidade são atingidos por essa violência urbana, e não apenas as regiões tidas como áreas de risco.

Nos anos 1990 os jovens participantes de diversas gangues costumavam ocupar, na cidade de Fortaleza, Ceará, a Av. Beira-Mar aos domingos em busca de diversão e azaração¹⁹, além de aparecer para o resto da cidade, “ao contrário da territorialidade que se expressa nas pistas de dança dos bailes, a ocupação da Beira-mar é um modo de as gangues poderem ordenar, sem choques, sem enfrentamento, um momento de lazer e de encontro entre os enturmados” (DIÓGENES, p.148, 2008).

Segundo outra pesquisa dessa mesma teórica, em seu livro de 2003, denominado “Itinerários de Corpos Juvenis”, a simples presença das turmas de periferia em zonas nobres já causava uma sensação de medo nos moradores de lá. Até mesmo os shoppings que outrora eram os lugares “do sonho idílico da segurança na sociedade de consumo” e funcionam como higienizadores sociais hoje enfrentam um grande dilema. Com a ascensão da classe média brasileira no final dos anos 2000 e o aumento do seu poder de consumo, os jovens desejam integrar-se cada vez mais à moda das marcas caras e querem ter direito ao shopping como espaço consumidor.

Então a partir do final de 2013 e início de 2014 ocorreu o fenômeno do rolezinho²⁰ nos shoppings paulistas e que depois espalhou-se nacionalmente e que consta em milhares de jovens reunidos para se divertir e comprar nos shopping centers, que, a partir disso resolveram começar a barrar esses jovens baseados em boatos falsos

¹⁹ Gíria costumeiramente utilizada pelos jovens que significa paquerar, tentar conquistar outra pessoa na lábia.

²⁰ Encontros promovidos por jovens das periferias em shopping centers de várias cidades Brasil afora, no final do ano de 2013 e início de 2014. Os eventos provocaram polêmica por insinuações de supostos arrastões, por acusações de racismo por parte dos proprietários dos estabelecimentos comerciais e por conta do seu caráter de quebra do status quo do locus shopping center. Ler mais em ROLNIK (2014), disponível em: <http://raquelrolnik.wordpress.com/2014/01/31/rolezinho-ou-ocupa-shopping-center/>

de que estes estariam organizando arrastões dentro dos mesmos. Não é contraditório para o sistema capitalista vigente o próprio local de compra barrar os seus possíveis clientes apenas por suas vestimentas, cor da pele ou suposta aparência? O medo dessa invasão dos menos favorecidos socialmente, a possibilidade do imaginário de violência ligado à juventude negra não pode nem deve estar perto do templo sagrado do consumo.

No Brasil, a ideia de “desvio” esteve sempre mesclada pela noção de “marginalidade”. O termo marginalidade passou a ser utilizado amplamente após a segunda guerra mundial, com a intensificação do ritmo de urbanização que culminou com as grandes concentrações urbanas. Populações que migram para os centros urbanos passam a se localizar nas periferias e áreas não valorizadas pela especulação imobiliária das grandes cidades [...] Vai ocorrer uma “criminalização da pobreza”, ou seja, falar de morador de favela vai ter o mesmo sentido de se apontar os setores considerados perigosos da sociedade. (DIÓGENES, 2008, p. 84)

Podemos ver que até os dias atuais essas ideias persistem em muitos setores da sociedade e existem vários reforçadores disso, como mídia, opinião pública, forças governamentais. Seguindo uma proposta de higienização social, os shoppings, no caso dos rolezinhos mais claramente, buscam deixar longe de seus domínios aqueles que aparentam ser menos favorecidos economicamente ou de classes “C, D e E”²¹ e mesmo que esses venham a consumir até mais do que muitos outros de classes mais altas²², pelo estigma que essas pessoas carregam.

O que vai caracterizar essa cidade dividida é, por um lado, a privatização da vida burguesa e, por outro, o contraste existente entre este território do poder e do dinheiro e o território popular [...] Para os membros da classe dominante, a proximidade do território popular representa um risco permanente de contaminação, de desordem. Por isso deve ser, no mínimo, evitado. Por outro lado, o próprio processo de segregação acaba por criar a possibilidade de organização de um território popular, base da luta por trabalhadores pela apropriação do espaço da cidade. (ROLNIK, 1995, p.51)

²¹ “A Classe C é composta, hoje, por 91,8 milhões de brasileiros. Para a FGV, uma família é considerada de classe média (classe C) quando tem a renda mensal entre R\$1.064 e R\$ 4.591. A elite econômica (classes A e B) tem renda superior a R\$ 4.591, enquanto a classe D (classificada como remediados) ganha entre R\$ 768 e R\$ 1.064. A classe E (pobres), por sua vez, reúne famílias com rendimentos abaixo de R\$ 768.” (RICCI, Rudá. “O maior fenômeno sociológico do Brasil: a classe média”, retirado do site <http://www.escoladegoverno.org.br/artigos/209-nova-classe-media>, acesso em 05/05/2014)

²² Segundo matéria no site BBC Brasil, jovens da classe c em 2014 têm poder de consumo (129,2 bi) maior do que os das classes A,B e D juntas (99,9 bi). Ler mais em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/01/140120_rolezinho_shopping_classe_c_mm.shtml

Esses jovens que se engajam nos rolezinhos ou nas torcidas organizadas ou nas gangues ou no movimento hip hop fazem parte de uma juventude que se rebela dentro da sociedade de consumo e na qual “tudo é exagero, tudo parece transpor limites e ‘vitrinizar’ estilos e padrões ‘juvenis’”, isto é, seja ostentando roupas de marca ou acumulando brigas com os torcedores do outro bairro, esses adolescentes desejam com vigor o sentido mais hedônico do que é viver, procurar não ter limites, por mais doloroso que isso possa ser.

As lutas entre os torcedores organizados são para representar o seu local na cidade. Todos querem ser vistos, cada um deseja que o seu bairro²³ apareça pro resto da cidade. E quanto mais pessoas tiverem para defender os seus respectivos bairros melhor, pois existirão mais soldados para o combate corporal contra os “sujeira”²⁴. Nesse ponto, gangues e formações de torcedores organizados são bem semelhantes e praticamente não possuem diferenças. Nos estádios, dentro dos gramados, ocorria uma violência racionalizada (Diógenes, 2003) quando o embate era calculado e aquilo se resolvia ali dentro mesmo através da ideia de que “nenhum mal acontecerá aos jogadores e a si mesmo” enquanto que na torcida acontecia uma violência irracional e isso tudo fazia parte do mesmo espetáculo.

3.3 – A violência coreografada

Os jovens ligados às gangues e às torcidas costumavam frequentar bailes funks na década de 1990 como forma de divertimento e conflito. A diversão estava totalmente ligada ao confronto, se este não existisse algo estava errado. Os bailes eram organizados em diversos locais ao longo da cidade, a maioria deles de periferia, e neles os jovens extravasavam diversas emoções. O espaço do local era dividido entre o lado A, a um canto do ambiente, a divisória policial no meio e do outro lado o lado B, fazendo valer uma dinâmica da diferença: se eu sou do lado A, quem tá aqui do nosso

²³ Cada bairro dentro das organizadas era representado por um núcleo (TUF), ala (Cearamor), máfia (Fúria Jovem – torcida organizada do Ceará dissidente da Cearamor).

²⁴ Os jovens da periferia assim classificavam: quem tava do lado da minha gangue e era meu companheiro era limpeza, quem não fosse e tivesse do outro lado era sujeira.

lado é amigo e quem tá do outro lado é inimigo, e vice-versa. Ao longo da noite, as galeras divididas se espremiavam contra a linha que os separava e tentavam adentrar um o território do outro para brigar e exercer a sua masculinidade. Dentro da perspectiva de Diógenes, isso acontecia dessa forma, pois a violência era vista “como uma das possibilidades da festa, como potência de dissolução de limites, pactos e fronteiras; como lugar de instituição de outros limites, pactos e fronteiras. Transições do corpo, metamorfoses da cidade” (DIÓGENES, 2003, p.48).

As coreografias e danças nos bailes e os gritos de guerra proferidos pelos animadores formavam o “ritmo dançante da violência” (2003). Entre os que lá se embatiam, quem ficava mais atrás não tava tão afim assim de brigar, ficava mais na defensiva, já quem se colocava exatamente na linha de frente do confronto, estava pronto pra qualquer coisa. As marcas corporais no dia seguinte seriam os seus troféus particulares e coletivos, visto que representavam sempre alguma gangue ou bairro de torcida. O culto desses jovens ao imediatismo era impressionante, tudo era o presente. Essa ideia caminha lado a lado com a noção de que a pulsão de morte domina as suas vidas, afinal, ser jovem, pobre e sem perspectivas de futuro numa cidade que não oferece oportunidades iguais para todos, deixa o fim perto a todo momento.

Essa violência, segundo Diógenes (2008) pode funcionar como uma força paradoxal que rejeita as diferenças e como uma força que as mantém. Através de atos violentos procura-se contestar divergências ao mesmo tempo em que se procuram exacerbá-las ainda mais para que tal grupo tenha destaque. Um exemplo disso pode ser um jovem participante de uma gangue que toma de assalto outro jovem mais rico, *playboy*. Aqueles itens roubados pelo primeiro fazem com que as diferenças sociais sejam esquecidas de certa forma, pois agora ele possui relógio e roupa cara, contudo, esse jovem não se considera pertencente à juventude de classe média, ele se considera pertencente à sua quebrada, à sua gangue. Apesar de agora aparentemente com visual homogeneizado através dos itens de moda, os dois jovens pertencem a estilos de vida, tribos e classes sociais totalmente diferentes. Segundo a socióloga e urbanista Raquel Rolnik, “a heterogeneidade e segregação da cidade fazem do território popular uma região explosiva: a história da cidade industrial é marcada pela violência” (ROLNIK, 1995, p.81), resumindo o pensamento da autora podemos dizer que na história do capitalismo e de suas cidades, dentro das quais algumas pessoas agraciadas possuem os

meios de produção enquanto outras são proletárias e exploradas pelas primeiras, os conflitos e diferenças estimulam para que a violência tome forma.

3.4 – O hooliganismo inglês: violência e racismo nos estádios de além-mar

Violência ligada ao comportamento de torcedores de futebol não é algo exclusivo do Brasil. O jornalista americano Bill Buford vivenciou a fundo esse processo mergulhando nos ambientes masculinos ligados ao esporte futebolístico na Grã-Bretanha durante os anos 80. Ele frequentou estádios, conversou com torcedores, visitou sedes de partidos extremistas e viajou para tentar entender esse universo particular. Os índices de violência na Inglaterra eram altos, mas não eram particulares dos times lá, também aconteciam atos violentos na Itália, como ele mesmo vivenciou na pele, assim como também acontecia aqui no Brasil, o que vem a fortalecer a ideia de que a sociedade é violenta, não importando em que país estejamos obviamente em alguns países isso se apresentará de forma mais pungente.

O curioso dos homens da televisão e dos jornais era o seguinte: eles estavam apenas a poucos metros de distância dos mascarados torcedores da Juventus que atiravam seus mísseis [...] Eles não estavam preocupados em intervir no evento. Estavam procurando criá-lo: eles não apenas se isentavam de deter os torcedores mascarados que lançavam mísseis, como também não os fotografavam. Eram as imagens dos ingleses que eles queriam [...] Italianos comportando-se como *hooligans*? Algo inaudito. (BUFORD, 2010, p. 76)

A imagem e o estigma da violência hooligan, da ligação do vandalismo com o futebol dava-se através de certos reforçadores, e para a imprensa italiana não era interessante mostrar os torcedores italianos agindo dessa forma, pois quem tinha a imagem de desordeiros eram os ingleses, não os da mesma pátria dos jornalistas de Turim.

Para Buford, as motivações para a violência poderiam ser as mais variadas possíveis, desde a já supracitada invisibilidade social de alguns, como a violência sendo algo próprio da natureza humana e como dificuldade em aceitar o outro, as diferenças. Esse outro poderia ser qualquer um que não fosse da minha turma, da minha Firma²⁵ e

²⁵ Nomenclatura pela qual eram chamadas as torcidas organizadas na Inglaterra. A partir de agora quando for citar torcidas inglesas falarei de firma.

que não compartilhasse dos mesmos gostos ou ideais. Se existia algum grupo que sofria mais com a violência praticada diretamente pelos hooligans, esse grupo eram os estrangeiros, pois eles eram vistos por muitos como uma ameaça econômica e cultural à vida do trabalhador britânico. Essas ideias são nitidamente fascistas, algo quase irreal se pensarmos na grande parte das torcidas brasileiras, mas conseguiram ter vazão muito facilmente com algumas torcidas europeias. Os partidos de extrema direita se aproveitavam da massa torcedora briguenta e apaixonada para angariar mais partidários e esses eram facilmente cooptados pelas ideias de nacionalismo exacerbado e de ódio aos estrangeiros. É mais do que óbvio que nem todos os torcedores pensavam assim, mas que essas ideias puderam ter impacto na torcida, isso é um fato.

A primeira vez que escutei o grunhido de macaco – o som animalesco emitido pelos torcedores quando um jogador negro está com a bola – pareceu-me tão estranho que não consegui identificar o que era aquilo [...] Eu não podia explicar aquilo. Senti-me constrangido por viver neste país. (BUFORD, 2010, p. 135)

O racismo e a xenofobia andavam de mãos dadas nas arquibancadas inglesas de forma aberta. E os partidos de extrema direita como o britânico National Front, que pregava “A Inglaterra para os ingleses” se utilizavam disso para angariar um número maior de filiados. Eram organizadas publicações periódicas com foco em diferentes públicos, inclusive os participantes das Firms. O que poderia parecer surreal para a maior parte da sociedade inglesa ocorria e de forma bem organizada e sistemática, para que se conseguisse tornar legítimo o partido nas instâncias políticas do local.

Nas firms inglesas e torcidas europeia em geral é comum encontrar filiações políticas de direita ou símbolos que remetem a isso como suásticas ou emblemas com as letras NF, iniciais do National Front; símbolos de esquerda também podem estar presentes como foice e martelo ou foto do líder guerrilheiro Che Guevara. Esse tipo de imagem de líderes revolucionários também é encontrada no Brasil.

Além das bandeiras tradicionais, com símbolos e nomes das Torcidas Organizadas ou distintivo do time preferido, existem outras que trazem marcas e gravuras inusitadas, tais como brasões medievais adaptados às cores do time e até mesmo efigies de personalidade que reforçam, no imaginário, a ideia de força, bravura ou coragem. Fato ocorrido, por exemplo, na Torcida

Uniformizada do Palmeiras (TUP) que ostentava, à época do episódio da Guerra do Golfo, o rosto do presidente iraquiano Sadan Hussein em uma de suas bandeiras. Outro exemplo é a imagem de Che Guevara, *incentivando* as torcidas organizadas flamenguistas (TOLEDO, 1996, p.58).

Anos atrás esse tipo de simbologia trouxe uma polêmica à tona em Minas Gerais. A torcida do Atlético-MG, rival do Cruzeiro E.C, resolveu cultuar a figura do general René Barrientos²⁶, responsável pela morte de Che Guevara. Segundo os atleticanos, isso não foi motivado por questões políticas e sim, por rivalidade visto que os cruzeirenses costumam empunhar a bandeira com a imagem de Che. É um episódio pontual em se tratando de Brasil, vide que as torcidas daqui costumam exaltar mais ícones da esquerda ou antiamericanos (caso de culto ao ditador Saddam Hussein), mas até que ponto essa torcida não está cometendo um ato fascista também, assim como faziam as do exterior?

2.5 – Gangues juvenis e a inconsequência proposital

Retomando o pensamento sobre os jovens brasileiros, podemos dizer que se esses forem da periferia provavelmente terão dificuldade em entrar na vida adulta e encarar as responsabilidades que isso possa trazer, principalmente pela grande falta de perspectivas claras para o futuro. E os que já estão dentro das gangues as veem como um dos únicos modos de continuar vivendo/morrendo, pois a vida deles pouco importa, os valores que valem são os do presente: “se eu tô vivo, vou continuar me excedendo, se eu morrer, virão outros”, e dessa forma acontece o ciclo.

A violência urbana (dos crimes e mortes, dos acidentes de carro, da destruição da natureza, da precariedade da habitação, das explosões de revolta) é a expressão viva do caráter contraditório da cidade industrial – ela é, ao mesmo tempo, potência de criação e destruição, catalisadora de energia e máquina de morte. (ROLNIK, 1995, p.82)

No estudo de Glória Diógenes, ela elenca categorias diferentes de grupamentos juvenis. As primordiais são as gangues e as galeras, com suas respectivas

²⁶ Notícia veiculada no portal Vermelho.org, link a seguir
http://www.vermelho.org.br/mg/noticia.php?id_noticia=32817&id_secao=10

diferenças. As galeras são jovens que têm ligação através de algum envolvimento cultural, gosto musical, artístico, ex: a galera do rock, a galera do hip hop; enquanto gangues são grupos unidos em torno de práticas coletivas de violência e sociabilidade, ex: “Gangue dos Sem Cérebro”, “Galera da Quadra”²⁷. A formação das galeras traz bem forte a ideia de um pertencimento, de pessoas com interesses em comum, o que de certa forma também é um pouco das gangues. As fronteiras entre as duas categorias são bem tênues, contudo a diferença principal é no tocante da violência principalmente física, enquanto as gangues o fazem abertamente como algo relativo ao seu *métier*, as galeras não procuram se utilizar dessa estratégia.

Gangue quem chama são os de fora. Gangue quem chama é o jornalista, é jornalista quem chama. A gente chama galera, galera da quadra. Essa ideia de galera não tem essa de ser certinha e a outra boa não! Galera é galera e quer dizer uma turma de jovens reunida, galera quer dizer turma de pessoas. Se me perguntarem se é uma gangue? Eu digo, gangue é de padre, é um monte de padre junto, ou uma gangue de polícia que é um monte de policial junto. Só chama a gente de gangue aqueles que têm raiva, aqueles que são otário. (Integrante da Galera da Quadra apud DIÓGENES, 2008, p.108)

A partir desse relato podemos observar como é sinuosa a diferenciação entre gangues e galeras e sobre como os participantes de uma gangue se veem. Na opinião deles a forma de visão do grupo como gangue transgressora e que quebra as ordens morais é estigmatizado e reforçado pela mídia, que juntamente com a opinião pública e autoridades ajudam a aumentar o estigma e o preconceito. Um dos motivos de entrada desses jovens em gangues é a possibilidade de ser visto, de sair da invisibilidade como já citado anteriormente, além de que essa iniciação possa representar um poder protetor contra outras forças. É comum garotos que entram nos grupos para terem um escudo que os ajudará contra qualquer desavenças que estes possam ter tido com outros jovens (que muitas vezes são de gangues rivais) e/ou com a polícia. Estar na gangue é questão de status, traz fama e visibilidade perante aos da sua quebrada e de outras, faz com que certos grupos sejam temidos em outras e os deixa visíveis socialmente através de brigas nos bailes e pichações.

²⁷ Gangues da década de 1990 em Fortaleza pesquisadas pela professora Glória Diógenes em sua tese, ver DIÓGENES (2008).

Considerado segundo seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível. (DEBORD, 2003, p. 16)

Estar nas gangues é buscar ser alguém, buscar não ser invisível, e na busca por essa visibilidade através desse agrupamento, os jovens utilizam do espetáculo da violência para negar a própria vida. Ou seja, através dessa negação eles chamam a atenção para tudo que a sociedade os renega.

E se algum membro tentava sair de uma gangue a dificuldade era grande, pois os que estavam lá não queriam perder forças (a menos que tenha ocorrido algum episódio de traição entre os mesmos) e hostilizavam quem quisesse sair do grupo. Segundo relatos do livro da professora Glória, muitos dos que saíram das gangues para o movimento Hip Hop²⁸ sofreram com esse tipo de fato.

3.6 – As gangues e a lei

E com toda essa exacerbação de conflitos entre gangues durante o período dos anos 1990, o Estado buscou seus métodos para tentar coibi-los. E esses foram o aumento da repressão policial, baseado na perspectiva militarista vivida pela polícia militar desde o Golpe de 1964, ou seja, todos os que ameaçam a ordem pública são inimigos e subversivos, e, sendo assim, devem ser combatidos de todas as formas. Parece até contraditório, mas a saída que as autoridades encontraram para acabar com a violência foi justamente gerando mais violência, aumentando e supervalorizando a repressão. Foram criados órgãos especiais da polícia para combater tais tipos de delitos, como o GATE (Grupo de Ações Táticas Especiais) e essas ações foram cada vez mais espetacularizadas pelos equipamentos midiáticos.

As tentativas de normalização social da cidade de Fortaleza seguem, nos dias atuais, a lógica da guerra, entre os ‘proscritos’ e os moradores da cidade

²⁸ Movimento organizado do Hip Hop em Fortaleza durante os anos 1990, disputava com as gangues nos morros e favelas as preferências e engajamento dos jovens. Buscava politizar a juventude e fazer com que eles direcionassem a violência não contra os seus, mas contra o Estado opressor e seus órgãos de repressão como a polícia. Ver DIÓGENES (2008).

oficial, em que uma força apenas torna-se vitoriosa se derrotar e deter, completamente o avanço da outra, até a sua eliminação total. (DIÓGENES, 2008, p.141).

O modo de enfrentamento de gangues também é algo a ser comentado. Nas brigas de gangues contra gangues o lema é “um por todos e todos por um” e todos defendem os seus parceiros de gangue, já quando o inimigo é a polícia, o pensamento é: cada um que livre o seu nariz. Muitos membros das gangues falam que suas ações e a dos policiais são iguais, não há diferença alguma. Ou seja, aqueles que deveriam estar atuando “em prol da sociedade” acabam por cometer atos tão violentos e exacerbados quanto os dos proscritos.

Como signos de comunicação visual, as gangues se utilizam das pichações nos muros como forma de demarcação de território. Através de desafios como: quem picha mais alto, quem picha em locais com mais dificuldade, as gangues aumentam sua reputação pela cidade, a qual é completamente sitiada e dividida pelas áreas de atuação de cada gangue. Outro signo que também é deveras usual entre os membros das gangues são as tatuagens e marcas corporais, tendo estas temáticas (2008) que podem ir de temas macabros (cruzes, morcegos), temas relacionados ao consumo de drogas (duendes, folha de maconha) e animais (pantera, tigre).

3.7 – Torcidas e gangues: mistura complementar

Sobre as torcidas organizadas de Fortaleza, podemos dizer que muito do que foi falado sobre as gangues aplicam-se às mesmas. A priori podemos afirmar que segundo seus próprios integrantes, TUF e Cearamor são como água e óleo, não se misturam, e, estão sempre prontos para o conflito mútuo (Diógenes, 2003). Torcer para um time é automaticamente odiar o rival, então é pujante que as torcidas rivais também se odeiem.

O estádio é o lugar da impossível conciliação. Daí o alarido dos refrões insultos e ameaças ao time opositor. No jogo, apenas uma das partes ganha. Não há conciliação. Desse modo, o encontro corporifica a ideia que os times em disputa, as torcidas rivais fazem parte de um mesmo encontro, denominado jogo. Torcedores, jogadores, bandeirinhas, juízes, técnicos, preparadores físicos formam o mesmo *corpus*: o futebol. É preciso que uma polifonia ruidosa lembre e re-lembre a cada partida que o jogo continua. Que

o coletivo jogo permanece no confronto interminável entre as partes. (DIÓGENES, 2003, p.74)

É interessante notar que algo que antes não existia, nos primórdios do esporte e início do século XX, que era o apoio organizado por torcedores de forma a torcer e incentivar o time com coreografias, cânticos, xingamentos ao rival, passou a existir e se tornou parte fundamental do espetáculo. Um jogo sem torcida não tem a mesma mística de um jogo com torcida. A cada final de semana as cortinas se reabrem novamente para uma partida, e após o término desta a vida pode seguir o seu curso normal. Lembrando sempre que “o jogo continua”, e o jogo é bem maior do que os 90 minutos que o time passa em campo. Faz parte disso todo o aparato de notícias sobre o clube, os diálogos entre os torcedores durante a semana, as viagens que as torcidas organizam para outros lugares a fim de acompanhar o time de coração e as brigas fora do estádio envolvendo torcedores também. Não estamos aqui exaltando e dizendo que essas brigas precisam existir, contudo, atualmente elas ainda são parte do evento futebolístico e não podemos ver elas sob a ótica de que o culpado é o jogo, o esporte e sim o meio onde este está inserido.

Os torcedores organizados diferenciam-se dos torcedores comuns. Estes últimos geralmente usam apenas a camisa do clube (Diógenes, 2003), têm idade mais avançada e muitos possuem até certo receio quanto às organizadas. Já os primeiros andam em grupos, usam a camisa da torcida organizada, bonés, levam faixas e bandeiras e geralmente são jovens.

Segundo relatos de chefes de torcidas organizadas presentes no livro de Glória Diógenes (2003), torcidas organizadas “são pessoas que se reúnem para fazer a festa nas arquibancadas”; são os que levam a torcida pra dentro do estádio; “espetáculo do futebol [...] tendo violência ou não, é um espetáculo do futebol”. O discurso deles é uníssono em mostrar a força que as organizações da qual fazem parte têm. E esse poder pode ser utilizado para diversos fins.

Torcida tanto pode ser festa, no sentido de que existe o incentivo, a comemoração nas arquibancadas, a preparação ritual de todo jogo, as celebrações especiais em jogos importantes; quanto pode ser guerra se formos pensar que existem as rivalidades, que muitas vezes essas são levadas ao extremo e coloca-se em prova a

masculinidade, a força de cada torcedor/torcida com uma finalidade muitas vezes autodestrutiva.

Como havíamos comentado anteriormente, as torcidas se subdividem. E assim como as gangues detém territórios ao longo da cidade, as organizadas também. Cada bairro, sobretudo os periféricos, é pertencente a uma torcida e quantos mais bairros uma torcida tiver mais material humano ela terá a disposição. A torcida é administrada através de uma hierarquia e possui um organograma com divisões de cargos, contudo, cada diretor de ala ou núcleo é responsável pelos seus. Assim, os bairros funcionam quase que de forma independente da chefia geral da torcida, se submetendo diretamente apenas aos seus chefes mais próximos.

Outro fator a se comentar é que apesar do claro discurso de provocação e de exaltação da violência, não pega muito bem para a imagem midiática da torcida ver seus líderes envolvidos em confusões, então esses procuram evita-las ou pelo menos lavar as mãos e não suja-las brigando.

Um viés levantado por Diógenes é da gênese de cada torcida. Enquanto a TUF foi fundada em 1991 por jovens universitários de classe média, a Cearamor no momento da sua fundação teve mais ligação com os bairros populares. E isso perdurou durante certo tempo, com cada torcida tendo suas áreas de influência mediadas por zonas mais nobres ou periféricas da cidade.

Para os corpos dos torcedores não há descanso, não há intervalo. Os jogos de enfrentamentos atravessam todos os itinerários realizados em torcida. Até porque, mais do que nós, eles sabem que o jogo extravasa o jogo. Por isso o policiamento dos lugares da cidade, considerados de risco, multiplica-se também no espaço-estádio. (DIÓGENES, 2003, p.94)

Durante os dias de clássico-rei a cidade toda respira essa partida. Mesmo as pessoas que nada têm a ver com o jogo, têm seus percursos diários contaminados por referências ao embate. É nos noticiários, na vestimenta das pessoas na rua durante o dia, é nos terminais de transporte coletivo, tudo conspira para o clássico. E muitas vezes os embates entre torcidas rivais não ocorrem dentro do estádio, que é superpoliciado e vigiado, mas fora dele, nos caminhos de acesso e pontos de encontro e confluência como os já citados terminais. Como é praticamente um local de passagem, um não-lugar, no terminal tudo pode acontecer, inclusive com quem não está indo para o jogo.

Cada bairro das torcidas vem dentro de um ônibus e se esses encontram no terminal o ônibus da torcida rival, provavelmente ocorrerá conflito. Boa parte do efetivo policial fica disponível distribuído por toda a cidade, mas os conflitos são quase inevitáveis, inclusive torcida contra polícia, e nesse torcida leia-se todos os torcedores pois quando a instituição que representa o poder de força do Estado armado vai pro conflito, eles não diferenciam torcedores que estão fazendo baderna dos que não estão, chegam logo batendo.

Deve entender a polícia que um cavalo impõe mais respeito que a própria polícia. Misteriosamente, fotos batidas de imagens de policiais agredindo jovens torcedores no estádio e policiais armados exibindo suas armas para os torcedores não foram reveladas, nem os negativos nos foram entregues. O que não quiseram revelar as empresas reveladoras de foto? Que imagens preferem deixar no escuro? (DIÓGENES, 2003, p.97)

Através da sua cavalaria e de seus batalhões mais bem treinados para operações de combate, a polícia procura bater de frente com o inimigo, que no caso são os torcedores organizados. Diversos excessos são cometidos, muitas vezes a violência é gratuita por parte dos policiais, como já comentado acima no trabalho sobre a opinião dos membros de gangue acerca da polícia, contudo esses detém o poder da força estatal e da influência, então para que sejam feitas denúncias contra isso é bem mais difícil que contra a população periférica. Muito dessas atrocidades cometidas por policias fica no escuro, por medo de denunciar, por saber que provavelmente não dará em nada mais eficaz, por coação ao silêncio e temor de represálias.

Por estarem colocados à margem da cidade oficial, o cotidiano dos moradores de periferia vive sob intensa aura de todos os tipos de violência. Dentro de suas casas através de comportamentos violentos nas relações de marido/mulher, pais/filhos; na rua nas relações polícia/moradores dos morros, traficantes/outros moradores da favela, polícia/traficantes. Em razão destes fatores, não é tão surreal que quem vive 24h sob o prisma da violência chegue nos estádios ou nos bailes em busca de continuar procurando excitação na violência. Como diz Rolnik (1995), um dos fatores principais que incide sobre os periféricos é o estigma, pois quem mora na periferia tem de assumir a condição de “não-cidadão, estigmatizado por se desviar da norma.”

Os estádios e os bailes funks frequentados pelas gangues têm muito em comum. As batalhas de corredor não se diferem em nada do confronto entre torcidas,

assim como os gritos de guerra. A formação dos dois caminha lado a lado, afinal, “o que são as alas e os núcleos das torcidas senão as gangues em outro momento de *comunicação*, de expressão de sua existência? Momentos que se combinam, se equilibram” (DIÓGENES, 2003, p.112).

No início dos anos 2000, os bailes funks passaram a estampar cada vez mais os noticiários locais, por seguidas confusões e atritos entre seus membros, alguns resultando em mortes. A primeira consequência foi o abrandamento dos bailes, quando os produtores destes resolveram dar fim aos bailes de corredor e iniciaram o baile das popozudas, ou seja, aqueles locais que eram de briga de galeras incentivados por um animador, agora eram de exposição do corpo feminino e pegação, explorados por músicas que proclamavam a libido e os prazeres da carne. Segundo os produtores, acabou-se “o lado ruim” dos bailes e deixaram “o lado bom” (2003).

A presença feminina teve uma mudança de papel nesses novos bailes. As mulheres que antes serviam apenas como apoio aos seus companheiros, segurando suas camisas suadas e dando água para os gladiadores, agora tinham protagonismo no baile, visto que eram cobiçadas por todos os homens que iam pra lá, que as desejavam e iam preparados para a paquera, algo que antes era bem improvável. A pulsão violenta agora tinha se transformado em pulsão sexual.

Contudo, as brigas não tinham acabado de verdade, apenas mudaram o local. Se antes ocorriam dentro dos bailes, agora, os espaços de fora dele eram o ambiente mais propício. E num desses duelos, uma moça morreu atingida por bala perdida no início do ano de 2001. Dias depois instaura-se uma lei que proíbia qualquer tipo de baile funk na cidade de Fortaleza, pois a violência nestes já tinha passado de todos os limites.

Enquanto isso, nos estádios a festa das torcidas perdura até os dias atuais, contudo essa está cada vez mais “perpassada por dispositivos vários de tentativas de ordenação e refluxo de práticas de excesso, de extravasamento juvenil” (DIÓGENES, 2003, p.120). Com o surgimento das novas arenas reformadas para a Copa do Mundo 2014, o modo de torcer antigo está tentando ser deixado de lado e muitos daqueles que organizam e divulgam o espetáculo (dirigentes, cronistas) estão idealizando um tipo de torcedor totalmente castrado da exacerbação de emoções, um espectador semelhante ao de um cinema ou teatro.

3.8 – O povo não foi convidado para a festa

Segundo o jornalista Mauro Cezar Pereira, em seu blog²⁹, as torcidas nesses estádios novos passam a ser frias, “parecem torcida de jogo de vôlei” e não abraçam o time de verdade. O próprio Mauro, em diversas postagens ao longo do seu blog frisa isso bastante, de que essas novas arenas não têm cara nem espírito de estádio, e por conta de uma elitização os torcedores verdadeiros estão sendo substituídos por espectadores de um produto chamado futebol que querem apenas consumir e pronto, não têm paixão e nem vibram pelo time³⁰. O blogueiro³¹ também mostra como isso afeta diretamente o nosso “novo”³² estádio Arena Castelão, em um post que mostra o pouco público presente (15.092 pagantes) num certo clássico entre Ceará x Fortaleza de 2013 já na nova arena, em que fatores como preço do ingresso, má fase dos clubes e violência podem ter sido preponderantes para a baixa ocupação. Mas também não custa lembrar que o estádio estava recém-inaugurado e seus acessos ainda estavam dificultosos em função das obras de mobilidade por toda a cidade. O ingresso também não estava muito mais caro do que o que se costuma cobrar habitualmente nos dias de hoje em jogos, R\$ 30,00 e R\$ 15,00 (inteira e meia estudantil respectivamente). Contudo, é fundamental frisarmos que Fortaleza é a 13ª cidade mais desigual do mundo e 3ª capital mais desigual do Brasil³³, além de ser a 7ª cidade mais violenta do mundo e 2ª do Brasil³⁴.

²⁹ Depoimento retirado do vídeo presente no post do blog do jornalista Mauro Cezar Pereira, disponível em http://espn.uol.com.br/post/333706_aquilo-nao-e-o-maracana-que-deu-lugar-a-uma-arena-moderna-cara-confortavel-e-sem-alma.

³⁰ Ver postagens do blog do Mauro Cezar, seguem links: http://espn.uol.com.br/post/348800_maracana-coloca-o-mais-pobre-para-correr-ha-anos-new-maracana-acelera-o-processo-de-higienizacao; http://espn.uol.com.br/post/323075_no-segundo-ceara-x-fortaleza-do-novo-castelao-sobraram-78-dos-lugares-semi-elefante-branco.

³¹ Chamaremos pela denominação de blogueiro os profissionais que alimentam seus blogs.

³² O uso do termo novo encontra-se entre aspas pois o estádio Plácido Aderaldo Castelo, o Castelão, existe desde 1973 e já passou por diversas reformas, e após a última teve seu nome modificado para Arena Castelão, adequando assim o estádio segundo as exigências do padrão-FIFA para que seja a sede dos jogos da Copa do Mundo 2014 em Fortaleza.

³³ Dados disponíveis em: http://www.camaraempauta.com.br/portal/artigo/ver/id/5259/nome/Brasilia_Curitiba_Goiania_BH_e_Fortaleza_estao_entre_as_20_cidades_mais_desiguais_do_mundo/termo/comunidade/page/2.

Isso tudo corrobora para que as pessoas se sintam ameaçadas com a violência urbana e devido a fatores como desigualdade nem todos consigam ter acesso a equipamentos como um estádio de futebol.

Cidades como Londres e Manchester, na Inglaterra, conhecem bem o problema do hooliganismo. Nos anos 80 seus clubes foram observados pelo mundo todo, não apenas por seus feitos futebolísticos e pelo grande número de craques, mas sim por seus briguentos torcedores que estavam deixando a sociedade embasbacada com seus feitos. Os conflitos eram recorrentes e as péssimas condições dos estádios piorava tudo.

Uma hora e 45 minutos caracterizados pela máxima exposição às piores condições possíveis, o maior número de pessoas no menor espaço possível e o maior número de obstáculos – transporte precário, ausência de estacionamento, um aglomerado progressivamente perigoso na única saída existente, um tanque repelente e infecto para urinar, mudanças de última hora quanto ao horário de início da partida – a desencorajá-lo de alguma vez tornar a comparecer a um jogo. (BUFORD, 2010, p. 17)

O estopim foram as tragédias de Heysel (1985) e Hillsborough (1989)³⁵. Na primeira delas os hooligans ingleses foram culpabilizados de forma justa pelos atos de vandalismo, mas na segunda foram culpados injustamente pelas autoridades da época. A partir disso, a primeira-ministra britânica Margareth Thatcher resolveu coibir o

³⁴ Pesquisa feita por uma ONG mexicana chamada Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal e divulgada no mês de março de 2014 pelo programa televisivo Fantástico da Rede Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/03/tres-cidades-brasileiras-estao-entre-dez-mais-violentas-do-planeta.html>

³⁵ As duas tragédias citadas têm o fato comum de envolverem clubes ingleses e serem marcos na história do hooliganismo mundial. A primeira ocorreu na final da Liga dos Campeões de 1985 no jogo entre Juventus e Liverpool, na cidade de Bruxelas, no Estádio Heysel. Os torcedores ingleses antes da partida se iniciaram provocaram diversos tumultos e agrediram os italianos, derrubaram a grade que os separava e provocaram um número de muitos mortos e centenas de feridos. Depois disso os clubes ingleses ficaram suspensos de competições europeias pelo período de 5 anos. Já a segunda ocasião ocorreu no estádio Hillsborough, na cidade de Sheffield, durante a partida semifinal da Copa da Inglaterra de 1989 entre Liverpool e Nottingham Forest. Nesse episódio o estádio ficou superlotado e várias pessoas foram esmagadas contra as grades que tinham sido instaladas ali justamente para conter os atos de hooliganismo provindos das hordas de vândalos. As grades espremeram 96 torcedores do Liverpool e depois deste fato o futebol inglês mudou pra sempre, pois com essas medidas e conscientização das pessoas, a violência decresceu bastante desde então no futebol britânico.

hooliganismo de vez do futebol inglês com duras sanções e os estádios todos sofreram reformas de modo que se modernizassem.

Por fim acabaram virando verdadeiros palcos para grandes espetáculos, com segurança e conforto para os torcedores. O lado ruim disso tudo é que com essas reformas e o crescente número de grandes craques que passaram a figurar nas equipes, o preço do ingresso aumentou consideravelmente, afastando o povão, aquele que sempre foi fiel ao time, dos jogos. Todos os jogos, ou a grande maioria, têm a lotação máxima de bilhetes esgotada, pois os clubes vendem um carnê para os seus torcedores que dá direito a comprar a temporada completa, mas os estádios esfriaram em emoção e cânticos, em sua maioria, as torcidas lembram espectadores de um filme ou de uma peça, como já citamos acima a opinião de PEREIRA.

Segundo levantamento feito pela emissora televisiva BBC e apresentado no blog do Mauro Cezar³⁶, o ingresso mais barato da primeira divisão da temporada inglesa em 2012 custou cerca de R\$ 102,00 e o mais caro R\$ 375,00. Isso sem contar o valor da alimentação e deslocamento, que orçam ainda mais para cima o gasto. Considerando todas as diferenças econômicas e de padrão de vida com o Brasil, podemos ver que esses números são absurdos, mas muitos clubes brasileiros já adotam essa política de ingressos mais caros na tentativa de elitizar os jogos e assim possivelmente eliminar os que eles costumam chamar de “baderneiros”, além de gerar mais rendas para o clube. Se o nosso país fosse menos desigual e mais justo talvez tal iniciativa até desse certo, como aparentemente funciona bem no Reino Unido, visto que depois que os ingressos aumentaram diminuíram consideravelmente o número de mortes em jogos da Premier League (Primeira Divisão Inglesa) e as confusões se restringem a pontos específicos fora do estádio, contudo, não somos britânicos e nem temos a mesma cultura deles.

O assunto no momento permanece em pauta, e Tim Vickery recentemente escreveu um artigo no site da BBC Brasil comentando sobre o fato, a elitização dos estádios brasileiros seguindo o modelo inglês. Segundo VICKERY (2014), no futebol das terras da coroa britânica, na época (fim dos anos 80) estavam morrendo centenas de pessoas e isso provocou a união dos torcedores para que se tentasse evitar tais acontecimentos. Ou seja, não foi estritamente uma decisão tomada de cima pra baixo, a

³⁶ Dados retirados do post presente no link: http://espn.uol.com.br/post/308953_precos-na-inglaterra-disparam-saiba-quanto-custam-de-ingressos-a-chas-e-tortas-nos-estadios

vontade de que se parassem os conflitos e mortes decorreu dos próprios torcedores e frequentadores dos estádios. A outra, que já citamos no parágrafo anterior diz respeito à questão da divisão de renda na sociedade, somos um povo mais desigual que os ingleses e aumentar os preços só vai fazer com que essa desigualdade fique mais clara.

Conforme tenta andar em sua própria corda bamba entre o negócio e a cultura, o futebol brasileiro precisa estar consciente de que a pura cópia de modelos estrangeiros não deve funcionar por aqui. Lições vindas de fora são importantes, mas elas precisam ser adaptadas. E estritamente em termos de negócios, aumentar o preço dos ingressos é uma atitude estúpida. Um assento não vendido é algo que não traz retorno algum. (VICKERY, 2014)

Por vezes as relutâncias e críticas a essas novas arenas brasileiras projetadas para o Mundial ou reformadas podem parecer puro saudosismo de uma época que não voltará mais. Os mais velhos tendem a olhar para algo do passado com os olhos marejados da saudade sobre o que se foi, imaginando que o atual nunca atingirá aquela idílica lembrança de algo marcante. E disso o futebol está cheio. Por vezes os torcedores têm saudades até dos jogadores ruins que passaram por seus times. Mas esse fator emoção vem cada vez mais sendo substituído por fatores outros nos estádios. O sentir é substituído pelo ver, pelo apreciar. O torcer a qualquer custo é substituído pelo torcer quando ganha. O lanche caseiro é substituído pelo hot dog a preço exorbitante. A cerveja é substituída pelo refrigerante sem açúcar.

Esses estádios também são assim. Não lotam na massacrante maioria das vezes, só contam com as indefectíveis cadeirinhas, como se todos quisessem ver as partidas nelas sentadinhos. E ainda têm ingressos caros quase sempre, que afastam tanta gente. Uma reunião de equívocos que vai, pouco a pouco, matando características das mais bonitas do nosso esporte. (PEREIRA, 2014)

É bem verdade que essa modernização nos trouxe também benefícios como conforto nos banheiros e facilidades como estacionamento dentro do próprio estádio. Contudo, pesando na balança não foram mais elementos positivos do que negativos. Usando o exemplo da Arena Castelão, estádio que conhecemos de forma mais próxima, sua nova reforma poderia ter tido bem mais sucesso. O seu novo ar de modernidade dá ao estádio quase um aspecto pasteurizado de não-lugar³⁷. Se para Augé os não-lugares,

³⁷ “Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros

ou seja, locais que eram vazios de significado cultural e que não tinham identidade com as pessoas daqueles locais são os aeroportos e terminais, nós podemos indicar como exemplo também essas arenas reconstruídas. Você pode tranquilamente assistir pela televisão a um jogo no Beira-Rio, no Mineirão, no Maracanã ou na Arena Castelão atuais, que internamente os estádios são completamente iguais. As padronizações da FIFA quanto às construções e formatações fazem com que os brilhos internos da arquitetura de cada estádio se apaguem e todos fiquem iguais. Nem todas as pessoas desejam assistir ao jogo sentadas, e todos desejam ter suas liberdades respeitadas. Mas como respeitar liberdade num local aonde se proíbe a venda de bebidas alcoólicas e o consumo de cigarros, além de excluir os pobres da grande parte dos jogos?

Segundo o geógrafo Christopher Gaffney, em trecho de matéria da Agência Pública sobre a elitização dos estádios, o que ocorre é:

Uma domesticação da experiência pública. Você se sente mais em casa, mais relax, você senta na cadeira com encosto, com um drink na mão e assiste o jogo com uma atitude mais passiva. O torcedor apaixonado que usa ou usava o estádio como lugar de solidariedade social, que deixava as frustrações da semana lá no estádio, xingando o árbitro, ele não vai ter mais essa escolha, porque não vai poder pagar. (GAFFNEY apud BARROS, 2013)

A experiência coletiva e social de assistir aos jogos se modifica em função do processo de exclusão das camadas mais populares das arquibancadas para que se substituam essas por um público mais endinheirado. A partir disso inicia-se um processo de manutenção daquele cliente-torcedor do clube, contudo, quando o time está em um momento ruim muitos desses clientes abandonam o barco e as diretorias acabam apelando para os torcedores do povão, abaixando os preços dos ingressos para que os estádios lotem e voltem a ter alma. João Borba, presidente do Consórcio que administrará por 35 anos o complexo do Novo Maracanã, em matéria do site O Globo³⁸, diz que o estádio não deseja mais que torcedores assistam aos jogos em pé ou sem camisa, ou até mesmo que sejam permitidos bandeirões. Segundo o administrador, o

comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do planeta. Porque vivemos uma época, também sob esse aspecto, paradoxal: no próprio momento em que a unidade do espaço terrestre se torna pensável e em que se reforçam as grandes redes multirraciais, amplifica-se o clamor dos particularismos; daqueles que querem ficar sozinhos em casa ou daqueles que querem reencontrar uma pátria, como se o conservadorismo de uns e o messianismo dos outros estivessem condenados a falar a mesma linguagem - a da terra e das raízes.” (AUGÉ, 1994, p. 35)

³⁸ Ver mais em <http://oglobo.globo.com/esportes/ambiente-exige-respeito-no-novo-maracana-9000186>

modelo buscado é o de espectadores de algo, como em uma partida de tênis por exemplo.

Não é incomum, seja qual for o esporte, ver espectadores comportando-se de maneira pouco característica deles em qualquer outro contexto: abraçando-se, berrando, praguejando, beijando-se e dançando de euforia. É a vibração do esporte, e expressar tal vibração é tão importante quanto testemunhá-la. (BUFORD, 2010, p.163)

Apesar de Buford dizer que em qualquer esporte os torcedores agem assim de forma mais exacerbada nas emoções, acompanhando as transmissões televisivas de esportes diferentes podemos perceber que existem formas diferente da torcida se portar durante uma partida de futebol, de tênis, de tênis de mesa ou de rugby. Os esportes coletivos tendem a fazer com que as emoções sejam mais extravasadas, mas o futebol predomina em matéria de comemorações super efusivas, torcer mesmo quando não tem mais jeito de vencer, xingamentos ao time oposto. Levanta-se a hipótese de que isso ocorre com mais frequência no futebol, esses extravasamentos, por conta do seu baixo número de escores, diferentemente de outros esportes que possuem muitos pontos como vôlei e basquete, no futebol os gols são mínimos e dificilmente passam do número de 5 ou 6 por jogo, no máximo.

4 OS BLOGS E A MÍDIA ESPORTIVA DO JOGO COM TORCIDA ÚNICA

4.1 Mídias Sociais e seus modos preferenciais de leitura dos cotidianos

Não é novidade para ninguém dizer que somos um dos países mais desiguais do mundo. Inclusive já falamos disso neste próprio trabalho monográfico. O que gostaríamos de falar agora é que ao longo dos últimos anos essa desigualdade está diminuindo, ou pelo menos assim está se configurando nos campos de acesso à informação e à internet. Notícias como a de que temos mais de 140 milhões pessoas conectadas em banda larga atualmente³⁹, além do número de domicílios com acesso à internet, que subiu de 20% em 2009 para 40,8% em 2014, mostram que ao longo dos anos mais pessoas terão mais espaços de comunicação ao seu alcance.

Um estudo divulgado nesta quinta-feira (13) pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) indica que 40,8% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet – o valor não considera a conexão via smartphone dos moradores. O alcance é maior no Sudeste (51,5%), seguido por Sul (42,9%), Centro-Oeste (40,7%), Nordeste (29,2%) e Norte (20,7%). (INTERNET, 2014)

E grande parte do acesso à Internet hoje no Brasil dá-se por conta das redes sociais virtuais⁴⁰, propriamente ditas. As redes sociais da internet (RSI) “conectam não apenas computadores, mas pessoas” (RECUERO, 2011, p.17) e são, segundo Santaella e Lemos (2010):

Plataformas-rebentos da Web 2.0, que inaugurou a era das redes colaborativas, tais como wikipédias, *blogs*, *podcasts*, o Youtube, o Second Life, o uso de *tags* (etiquetas) para compartilhamentos e intercâmbio de arquivos como no Del.icio.us e de fotos com o Flickr e as RSIs, entre elas o Orkut, MySpace, Goowy, Hi5, Facebook e Twitter com sua agilidade para *microblogging* (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.7).

³⁹ Dados do site G1, disponíveis em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/03/aceessos-internet-banda-larga-chega-140-milhoes-no-brasil-em-fevereiro.html>

⁴⁰ Segundo o portal Exame.com, 73% dos brasileiros com acesso à Internet, a utiliza para acessar redes sociais. Disponível em <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/brasil-e-superado-por-17-paises-em-uso-de-redes-sociais>

Hoje, em 2014, existe um sem-número de sites de redes sociais virtuais e dentre estas podemos citar algumas como o Facebook, que é a maior do mundo com 1,23 bilhão de usuários (Portal Uol Tecnologia, 2014)⁴¹. Nele, cada usuário tem amigos e pode compartilhar *links*, postagens e fotos através da linha do tempo⁴² e organiza-se em grupos também, além das páginas ligadas à empresas e a pessoas, que são a principal fonte de renda do Facebook através de postagens patrocinadas e buscas patrocinadas, isso sem contar com os anúncios propriamente ditos. Também é interessante citar o Twitter que, segundo dados do site TechTudo (SOUZA, 2014)⁴³, chegou ao número de 214 milhões de usuários ativos no mundo no mês de março de 2014, e se configura como uma rede social num formato de *microblog* restrito em comentários de 140 caracteres, nos quais cada um pode falar sobre qualquer assunto, buscar informações através dos perfis de notícias e de outros usuários, postar fotografias. No Twitter, diferentemente do Facebook, você não faz amigos, e sim seguidores.

As redes sociais são sites onde as pessoas se cadastram, registram seus dados pessoais, nos chamados perfis, e podem se relacionar com outras pessoas, publicando fotos, enviando mensagens e criando listas de amigos. Entre as principais redes sociais da Internet estão o Orkut, o Facebook, o LinkedIn e o MySpace. Outra característica das mídias sociais é a colaboração, no sentido da criação coletiva de conteúdo. Nessa área, o site mais famoso é a Wikipédia, uma enciclopédia colaborativa onde todos publicam e revisam conteúdo. (TORRES, 2009, p.74).

Na mídia e no senso comum em geral, comumente vemos a expressão redes sociais como algo novo e relacionado aos sites de mídias sociais digitais, as verdadeiras expressões da web 2.0 e 3.0 e alguns deles são fenômenos que atraem muitas pessoas já

⁴¹ Dados do próprio Facebook divulgados pelo portal Uol Tecnologia, <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/afp/2014/02/03/facebook-em-numeros.htm>.

⁴² Ferramentas do Facebook. Postagem é qualquer informação que você posta na sua barra de status, nas quais podem ser anexadas imagens e *links* (endereços da internet que de sites que hospedem músicas, por exemplo) diretos de músicas ou vídeos em seus recados, o que facilita o compartilhamento de informações. Linha do tempo é o resumo de todas as suas atualizações anteriores, postagens, álbuns de fotografias, etc.

⁴³ Dados do site TechTudo, <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/03/twitter-faz-8-anos-microblog-revela-numeros-sobre-o-brasil-e-o-mundo.html>

outros são mais frutos de certos modismos. Contudo, segundo Recuero, precisamos atentar para uma diferença:

Embora sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresenta-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais que utilizam essas redes, que constituem essas redes (RECUERO, 2011, p.103).

E o que são esses atores sociais? Nada mais são do que um dos formadores das redes sociais, juntamente com as conexões. Estudá-las significa estudar padrões presentes no ciberespaço (RECUERO, 2011). Um ator pode ser um perfil no Facebook, uma página de um blog, um perfil no Twitter. Se temos um autor, a ferramenta possui um nó e para mais autores, no caso de algo feito coletivamente, dizemos que possui vários nós.

Em uma rede social a comunicação se dá através de laços sociais que podem ser fortes ou fracos. Os fortes têm a ver com proximidade, distâncias curtas, vontade de se relacionar com outrem, já os fracos mostram um distanciamento, relações mais difusas. Existe uma ideia amplamente divulgada de que a Internet afasta a relação entre as pessoas, deixando-as mais frias, mas será que não estamos sendo apocalípticos em demasia?

A Internet facilitou o contato *off-line*, aumentando o conhecimento entre vizinhos e aumentando a frequência de contato com outros vizinhos. Essas conclusões são importantíssimas, na medida em que salientam o fato de que os laços sociais na Internet, muitas vezes, são laços que também são mantidos *off-line* [...] De um modo geral, a mediação pelo computador oferece novos lugares, ou seja, novos espaços para conhecer parceiros com interesses em comum e estabelecer laços iniciais (RECUERO, 2011, p.44).

De acordo com o pesquisador Manuel Castells (CASTELLS apud SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.16), essas redes estão ligadas com uma “cultura de virtualidade real, construída por um sistema pervasivo, interconectado e diversificado de mídia.” E o sentido encontrado nessa cultura está na “substituição de formações estáveis de lugar, identidade e nação por arquiteturas flexíveis, geografias variáveis e fluxos maleáveis para os quais não existem fronteiras” (CASTELLS apud SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.17). O virtual torna-se real, pois assim ele é. As sociedades perdem

suas distâncias e seus mundos e cosmos ficam cada vez mais interligados. A criação e a manutenção de laços à distância favorecem para o processo de desterritorialização (RECUERO, 2011).

As redes sociais na Internet funcionam através de processos de cooperação, competição e conflito, podendo estes acontecer de forma simultânea na rede. Redes formadas de forma coletiva e que se juntam em prol de alguma causa, como por exemplo, os sites de Crowdfunding⁴⁴ são formas de redes que utilizam o processo de cooperação. Também é fundamental notar que as redes não são estáticas no tempo. Elas evoluem e se adaptam, mudam com o tempo, umas desaparecem, outras as substituem. Na época em que Raquel Recuero escreveu o livro “Redes Sociais na Internet”, em 2009, a rede social mais popular no Brasil era o Orkut, e o Facebook estava apenas começando a se popularizar em território nacional. Hoje o site criado pelo norte-americano Mark Zuckerberg é o maior site de rede social do mundo e do Brasil, e ninguém sabe até quando será o seu reinado no mundo das redes sociais.

Um aspecto importante da dinâmica das redes sociais é a emergência [...] Dentro desta esfera, o aparecimento de ordem em sistemas caóticos, a auto-organização e a adaptação dos sistemas, são considerados comportamentos emergentes. O próprio aparecimento de redes sociais na Internet pode ser considerado um comportamento emergente e auto-organizado (RECUERO, 2011, p.90).

Hoje, em 2014, vivemos uma era da instantaneidade e busca por velocidade de compartilhamentos. Se, por exemplo, o episódio de uma série estreia mundialmente num domingo à noite, mas só é exibido para quem tem disponibilidade de canais de TV por assinatura, não precisa se preocupar, ao fim do episódio ou até mesmo durante este, os próprios fãs farão questão de divulgar e noticiar os fatos⁴⁵ que estão acontecendo, frustrando muitos dos que não assistiram ainda tal capítulo. Essa busca pela rapidez a todo custo pode nos deixar cada vez mais paranoicos, como por exemplo ao mandarmos

⁴⁴ Sites em que pessoas ou empresas levantam doações em prol de algo como um show de uma banda ou financiar startups e depois recompensam as pessoas que acreditaram no projeto através do próprio site e de algum outro benefício comum. Ver mais em Moreira (2011) e Felitti (2011)

⁴⁵ O ato de divulgar desfechos de episódios de seriados virtualmente ou no boca a boca é conhecido como spoiler e causa polêmica por conta de que nem todos têm acesso ao mesmo conteúdo ao mesmo tempo, e devem ter a chance de escolher se querem ou não saber o final previamente. Ver Jansen e Barros (2014).

uma mensagem para alguém no Facebook e a pessoa ver e demorar a responder, pensamos logo que aconteceu algo com aquela pessoa.

A falta de paciência não se revela só nas mensagens digitais. Ninguém quer mais esperar nada. A ideia de instantaneidade não vem de hoje: vide os restaurantes fast food e a câmera Polaroid. Outras são incrivelmente atuais. Foto tem que ser vista na hora. E editada com os mais diversos tipos de filtros. Fotografou, postou. Se não postar logo, como vamos marcar o lugar onde estamos no momento da foto? E quando o 3G não funciona e nem há rede wi-fi disponível? Haja paciência!

Para completar o quadro e provocar ainda mais impaciência no mundo do instantâneo, tem o trânsito. Longos engarrafamentos, trânsito que não anda. E a gente lá, parado, tentando ganhar tempo, possivelmente falando no celular com fone de ouvido ou bluetooth. É sempre um teste de paciência ou somos nós que não sabemos mais esperar por nada? (WILLCOX, 2013)

A noção de compartilhar, que antes era algo restrito a alguém mais próximo nas nossas relações sociais, passa a ter uma conotação diferente com as mídias sociais (SHIRKY, 2011, p.154). Compartilhar significa mostrar-se, revelar experiências, buscar engajamento, situar-se entre ações públicas e a vida a privada.

Enormes bases de dados de imagens, texto, vídeos, etc. incluem muitos itens que jamais foram vistos ou lidos, mas custa pouco mantê-los disponíveis, e eles podem ser úteis para alguém daqui a alguns anos. Esse minúsculo pedacinho de valor pode parecer muito pequeno para alguém se importar com ele, mas com dois bilhões de provedores em potencial, e dois bilhões de usuários em potencial, o valor minúsculo multiplicado por essa escala é imenso como agregado. Muita energia criativa que antes era pessoal adquiriu um componente compartilhado, mesmo que seja de compartilhamento congelado (SHIRKY, 2011, p.155).

A interatividade provocada pela intensa propagação das redes sociais é diferente daquela que se conhecia anteriormente, de participar por telefone de um programa radiofônico, por exemplo. Agora, as empresas podem dialogar diretamente com seus fãs através de suas páginas ou sites, deixando o canal de comunicação um pouco mais horizontal. Essa maior flexibilidade foi necessária para a adaptação ao meio virtual, pois os consumidores de agora não querem ser vistos como apenas mais um. E baseado nisso, os profissionais encarregados pelo social media das corporações, fazem com que essas saibam se sair de situações delicadas através de boas atitudes em suas mídias sociais. Exemplos de casos de sucesso é o que não faltam, dentre esses podemos citar o Twitter do Ponto Frio, perfil que é sempre bem humorado e se utiliza de fatos da

atualidade para esquentar sua venda de produtos, responde de forma rápida e atenciosa os seus seguidores. Organizações do terceiro setor também podem se aproveitar dessa interatividade provocada pelas mídias sociais, como foi o caso da Charity: Water, ONG que visa levar água pura e potável para as pessoas das nações em desenvolvimento e utiliza as redes sociais de forma dinâmica e criativa⁴⁶.

Essas características que citamos acima como a interação e a instantaneidade também estão presentes nos blogs contemporâneos. Eles são um dos tipos de sites de redes sociais que dura há mais tempo, mesmo que inicialmente não tenham sido pensados para serem redes sociais, mas apropriaram-se destas (RECUERO, 2011, p.105) e ainda obtém muito sucesso conseguindo muitos acessos mesmo com a concorrência hoje de outras redes. Isso acontece por conta da capacidade de adaptação dos blogueiros. Hoje, no meio de uma infinidade de tipos de blogs existentes, a principal característica de todos é o faça você mesmo. Os blogs seguem alguns padrões relativos a cada tipologia, que trataremos mais adiante, mas o discurso deles ainda consegue prender e atrair leitores. Se um fato interessante surgiu na mídia como por exemplo os rolezinhos, já supracitados neste trabalho monográfico, muitas pessoas olham os blogs de especialistas sobre o assunto, estudiosos, jornalistas, para saber o que esses estão pensando e ficar por dentro dos questionamentos levantados por eles sobre o fato. Do mesmo jeito quando muitas pessoas querem saber das últimas tendências de moda, procuram os blogs mais conceituados do ramo, para que se pince dicas consistentes sobre como se vestir bem. Ou seja, o critério rapidez aliado a qualidade ainda é a força motriz do blog.

4.2 Blogs e seus modos de construção e repercussão dos fatos

No início de sua existência, os blogs já tinham muito do que permaneceu até hoje. Características como a gratuidade de acesso, a opinião ser assinada pelo próprio

⁴⁶ ONG criada pelo empresário Scott Harrison para arrecadar água limpa e potável para países pobres, muitos da África. A ideia começou no aniversário de Scott, quando ele pediu para cada amigo dar \$31 dólares no lugar de presentes, para que fosse viabilizada a água potável para doar. Várias pessoas abraçaram a causa posteriormente, e a instituição através de suas mídias sociais incentiva as pessoas a comemorarem aniversários da mesma forma que o empresário iniciou, além de promoverem festivais de música nos quais o foco é a arrecadação de água, como o Twitter Festival. Ver Loio (2013).

autor assim como este ser independente editorialmente falando, um grande número de links externos e conteúdo em ordem cronológica. Contudo, os blogs não são apenas o que eram antigamente, como quando Beiguelman (2003) os definiu, como “um site pessoal, ou comunitário, sem finalidades comerciais, que utiliza um formato de diário com registros datados e atualizados frequentemente”. Hoje, até mesmo blogs pessoais podem ter finalidades comerciais assim como podem ter blogs ligados empresariais, e ainda, firmas formadas a partir de blogs.

Weblogs também tem um forte caráter pessoal [...] onde há, mesmo em *weblogs* informativos, um forte caráter de apresentação de quem escreve. Essas ferramentas, portanto, são apropriadas como formas de expressão do *self*, espaços do ator social e percebidas pelos demais como tal. É unicamente por conta dessa percepção que as redes sociais vão emergir nesses espaços (RECUERO, 2011, p.28).

Anos depois, na conceituação de blog para Raquel Recuero ainda permanece a característica da personalidade, da expressão do próprio eu. Esse é um dos motivos de os blogs se propagarem tanto nas redes, afinal, todos querem se expressar. E os blogs dão vazão a isso. Além dessa expressão através de postagens, temos a possibilidade de escrever comentários, fazendo assim com que a comunicação flua de um canal A para B, de A para C, de B para C, e assim sucessivamente.

Nos comentários de um *blog*, por exemplo, é possível realizar um diálogo não apenas entre os comentaristas, mas também com o autor do *blog*. Trata-se de uma interação construída, negociada e criativa. É possível observar-se em um *blog* não apenas a interação em um comentário, mas as relações entre as várias interações e perceber-se que tipo de relação transpira através daquelas trocas (RECUERO, 2011, p.33).

Em comentários de blogs, os comentários costumam ter características de laços fortes, pois mostram proximidade entre os que estão comentando. Mesmo entre as pessoas que não são íntimas e em blogs coletivos ligados a algum jornal, por exemplo, percebemos uma interação entre os comentaristas, por vezes até um nível de jocosidade que perpassa os laços fracos e torna-se forte, como mostraremos adiante quando formos fazer o estudo de caso do blog “Go!” e seus comentários.

Como já dissemos, as redes funcionam baseadas em cooperação, competição e conflito e os blogs, que conseqüente estão dentro das redes e as compõem, também funcionam desta forma.

A cooperação pode aparecer, por exemplo, na formação de grupos na Internet. *Weblogs* coletivos, por exemplo, são *weblogs* produzidos por um grupo de pessoas. Eles dependem da cooperação entre todos os envolvidos para que continuem a existir, já que é preciso atualizar, ler comentários e, sobretudo, dividir as informações (RECUERO, 2011, p.83).

Então, a partir disso percebemos como é fundamental e importante que se tenha essa solidariedade, esse espírito de ajuda mútua entre blogueiros e leitores, principalmente em blogs que não são particulares, para que o trabalho seja dividido de forma igualitária (entre blogueiros) e que a comunicação se faça presente entre todos.

Os conflitos também são comuns e frequentemente ocorrem na página de comentários de um blog de política por exemplo. Digamos que a postagem do blog trate sobre a legalização da maconha no Uruguai e o efeito dessa lei com a população, então nos comentários irão se travar embates entre posicionamentos contrários e favoráveis ao tema, muitas vezes de forma não amistosa, dependendo dos próprios usuários. Existem em muitos blogs um artifício chamado “Moderação”, e, através desta, é possível que o blogueiro analise os tipos de comentários a serem publicados. Através disso pode-se filtrar palavras de baixo calão e ofensas gratuitas a outros membros do blog, tornando assim o ambiente mais agradável.

De acordo com a postagem de Chico Montenegro (2010), no blog Mídia Boom, existem 4 tipos diferentes de blogs: os geradores de conteúdo, construtores de reputação, parasitas e roteadores de conteúdo. Os dois primeiros fornecem seus próprios conteúdos e se confundem na prática, a diferença é que o segundo tipo busca ampliar reputação para o seu blogueiro, quando ele comenta sobre temas de alto conhecimento do mesmo. Os dois últimos têm muita semelhança e não produzem, só reproduzem o que já está dito pela web, sendo o segundo reprodutor do que as grandes mídias estão publicando. Acreditamos que por critérios metodológicos práticos, a divisão poderia ser apenas em geradores ou compartilhadores, para facilitar o entendimento de todos.

Para além dessa divisão acerca exclusivamente do conteúdo, podemos pensar uma divisão dos blogs quanto à forma, e chegar a três principais categorias:

blogs pessoais; empresariais e temáticos. Os primeiros têm mais o caráter inicial do blog, de ser um diário pessoal, e contam experiências do dia a dia, além de serem utilizados por famosos para falarem sobre seu cotidiano para os fãs. Os corporativos são para demonstrar a opinião da empresa dialogando com seu público ou internamente, e uma empresa pode ter diversos tipos de blogs para vários produtos ou bens. O último tipo lida com um assunto específico no qual o blogueiro é especialista e pode segmentar-se em divisões como: esportivos, de moda, literários, políticos, econômicos, humorísticos.

Os blogs podem ter uma linguagem mais rebuscada ou mais direta e simples, tudo depende de seu tipo e o público a quem se direciona. Se observarmos um blog voltado para a postagem de poesias parnasianas, a sua linguagem será mais elaborada de acordo com a norma culta e talvez até buscando um arcaísmo e uma sofisticação vocabular. Já se contrapormos um blog humorístico voltado para a criação e reprodução de memes⁴⁷ divertidos da internet, verificaremos uma linguagem altamente acessível, coloquial e que usará de muitas gírias e jargões da moda para se comunicar.

Sobre os blogs de temas diferentes, gostaríamos de fazer algumas assertivas sobre alguns deles. Um blog de moda por exemplo é totalmente diferente de um blog de música e este de um blog de política. Nesses 3 casos, temos linguagens diferentes, formatos diferentes, profundidades diferentes.

Conceitualmente, os *blogs* de moda são publicações temáticas (pessoais ou coletivas) disponibilizadas gratuitamente na Web, que tratam de assuntos que circunscrevem a moda (comportamento, consumo, tendências, coberturas de *fashion weeks* ou coleções, estilo, design, beleza, música, celebridades, entre outros afins) de forma opinativa (HINERASKY, 2010, p.7).

Tudo que for relativo ao mundo da moda pode estar presente num desses blogs. Como também existem categorias diferentes dentro desses, como por exemplo os blogs de moda do segmento *Look do dia* que procuram sugerir o jeito como a pessoa se

⁴⁷ Definição criada pelo biólogo Richard Dawkins (RECUERO, 2011, p.123) para se referir aos genes da cultura que se multiplicam e se replicam através das pessoas. Memes podem ser textos, fotografias, fotomontagens, correntes, sites, e-mails que passam alguma informação relacionada a algum aspecto cultural ou social e são reproduzidos em escala alta. Podem ser memes locais ou mundiais.

vestirá a cada dia, e os blogs de moda mais conceituais, que pesquisam tendências e referências.

Do mesmo modo, acontece com os blogs de outros gêneros também. Enquanto alguns blogs de música são mais voltados para a música popular brasileira, outros escrevem sobre o rock internacional e assim por diante. Enquanto o blog *Tenho Mais Discos que Amigos*⁴⁸ fala sobre uma infinidade de assuntos relacionados à cultura pop e principalmente à música (principalmente dos estilos pop e rock em geral), o blog *Brazilian Nuggets*⁴⁹ é segmentado com direcionamento para a psicodelia brasileira, voltando suas postagens musicas e de links para download exclusivamente nesse tema. E os dois citados falam sobre música, mas de forma bem diferente.

4.3 Os blogs e o esporte: a opção pelo futebol

Já que estávamos discutindo as tipologias de blog, a partir deste momento iremos falar um pouco sobre o tipo que vamos analisar que são os blogs do gênero esportivo. Dentro dessa perspectiva podemos encontrar diversos modelos diferentes de weblogs com características singulares e com abordagens diversificadas. A infinidade de assuntos é um fato corriqueiro e tais páginas podem falar tanto sobre economia, política e cultura, tudo ligado ao esporte.

Bom, tentando conceituar podemos dizer que blogs de esporte são espaços em que blogueiros profissionais ou amadores usam para compartilharem a opinião, a paixão e o conhecimento pelas mais diversas modalidades e aspectos possíveis. Os gêneros dos blogs esportivos podem ser divididos de várias maneiras, entre as quais podemos citar: por modalidades esportivas; por abordagem teórica; pelo uso de dados para a explicação de esquemas táticos; pelo formato do blog; pela diversificação clubística.

Dentre as subdivisões podemos elencar algumas pontualidades. Basquete, vôlei, MMA, futebol, rugby e natação, como diferentes modalidades esportivas, têm blogs que se direcionam a cada uma destas, fazendo com que os amantes de cada

⁴⁸ <http://tenhomaisdiscosqueamigos.com/>

⁴⁹ <http://brnuggets.blogspot.com.br/>

esporte se sintam contemplados com notícias, fatos, curiosidades, estatísticas da atividade do seu interesse. Assim sucessivamente ocorre com as outras divisões também: blogs que aprofundam mais sobre economia no futebol; blogs que são direcionados para estatísticas e dados numéricos, os famosos scouts; blogs que acompanham um jogador em específico e tudo sobre a sua carreira; blogs que são mantidos pelas torcidas organizados; blogs do torcedor ligados aos mais diversos times diferentes.

Muitos dos blogueiros são jornalistas especializados em alguma área, como por exemplo Silvio Lancellotti, que é especializado em jornalismo gastronômico e mantém um blog sobre futebol em geral⁵⁰, mas que tem um toque de culinária vez por outra, afinal o próprio nome do blog chama-se “Copa e cozinha”, e assim ele segue misturando duas de suas habilidades. Assim acontece também com o jornalista Paulo Vinícius Coelho, o PVC, que é famoso por memorizar muitos dados estatísticos e se valer destes para a análise de clubes e seleções, e nos apresenta essa quantidade de dados também em seu blog⁵¹.

Quanto às questões temáticas, percebemos blogs com escopos diferentes. Nos blogs que se restringem a falar sobre aspectos de moda no futebol, como sobre camisas de times, verifica-se que na maioria a profundidade inexistente, a maioria das postagens são curtíssimas e exibem fotografias de uniformes e informações de registro acerca daquele uniforme. Fazendo um contraponto, os blogs destinados à análise tática de fundamentos esportivos têm em seus posts de forma pormenorizada as observações acerca do plano de jogo dos times, de como estes se apresentam em campo, e através disso buscam certa profundidade ou um pouco mais de substância em seus posts.

4.4 Caminhos metodológicos da pesquisa

Neste trabalho monográfico como em qualquer outro precisamos definir metodologias para que estas pudessem guiar a pesquisa e direcionar suas bases. A

⁵⁰ Endereço do blog de Silvio Lancellotti: <http://esportes.r7.com/blogs/silvio-lancellotti>

⁵¹ Endereço do blog do PVC <http://espn.uol.com.br/blogs/pauloviniuscuelho#/1>

primeira que foi definida foi de que a pesquisa tomaria por norte ser de característica qualitativa, pois:

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesse amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p. 58).

Além de qualitativa, a nossa pesquisa também define-se como exploratória, pois ela parte de um tema inicial para que a partir desse se desenvolvam possíveis hipóteses. Para Gil, a pesquisa exploratória deve:

Desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores [...] Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso (GIL, 2008, p. 27).

E segundo os teóricos Theodorson e Theodorson (1970), o melhor conceito que define pesquisa exploratória, é o de que ela é um:

Um estudo preliminar em que o propósito maior é se tornar familiar com o fenômeno a ser investigado, para que o estudo principal seja feito com grande entendimento e precisão. O estudo exploratório (o qual pode usar uma grande variedade de técnicas, usualmente com uma pequena amostra) permite ao investigador definir seu problema de pesquisa e formular sua hipótese mais precisamente. Isso também o permite escolher as técnicas mais adequadas para sua pesquisa e decidir as questões que mais precisam de ênfase e investigação detalhada, o que pode alertá-lo para potenciais dificuldades, sensibilidades e áreas de resistência (tradução própria).⁵²

⁵² A preliminary study the major purpose of which is to become familiar with a phenomenon that is to investigate, so that the major study to follow may be designed with greater understanding and precision. The exploratory study (which may use any of a variety of techniques, usually with a small sample) permits the investigator to define his research problem and formulate his hypothesis more accurately. It also enables him to choose the most suitable techniques for his research and to decide on the questions most in need of emphasis and detailed investigation, and it may alert him to potential difficulties, sensitivities, and areas of resistance. (THEODORSON e THEODORSON, 1970, p.132)⁵²

Trabalhando não com base numa hipótese primária, mas tentando analisar o fato da proibição, ou melhor, da polêmica sobre a proibição de duas torcidas no primeiro clássico-rei que iria ocorrer entre Ceará e Fortaleza em 2012, para, a partir de pesquisa bibliográfica inicial, lançar e trabalhar com hipóteses acerca dos fatos. Através da leitura de uma gama de autores que dialogam sobre temáticas relacionadas e da análise das postagens do blog, procuramos obter bases para que pudéssemos entrevistar e colher depoimentos de sujeitos que estiveram à luz do evento na época, profissionais da mídia, juristas, etc.

Um fenômeno pode ser bem mais observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar a sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados (GODOY, 1995, p.62).

Utilizamos pesquisas bibliográficas, pois estas podem nos dar uma base conceitual e um arcabouço teórico para que através delas formulemos e pensemos em hipóteses para os temas estudados. Além disso, a pesquisa exploratória em suas bases necessita de pesquisa bibliográfica, então seria essencial fazê-la.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, 2008, p.50).

No caso deste trabalho de monografia, além da pesquisa bibliográfica, foi feita também a pesquisa documental, a qual tem bastante semelhança com a primeira, diferenciando-se uma da outra apenas pelo fato de que enquanto a primeira utiliza-se “das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 51). Usamos como fontes artigos de diversos sites e blogs da internet, postagens de blogs, as próprias análises das postagens do blog Gol que logo mais aparecerão, são todas pesquisas documentais.

Dito isso, podemos afirmar que o método de abordagem utilizado foi o do estudo de caso, um dos indicados para as exploratórias, e que consiste em descrever e analisar um fato real através da aplicação de conceitos teóricos de forma longitudinal. Para Gil (2008) “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados”. Para Yin apud Gil (2008), o estudo de caso estuda o fenômeno dentro do seu contexto quando aquele não tem fronteiras ainda bem delimitadas e podem ser “utilizadas várias fontes de evidência”.

Esse método escolhe algo específico e analisa como aquilo ocorreu e se difere da pesquisa etnográfica e da observação participante, pois não é necessária a mesma imersão do pesquisador dentro do campo, não se necessita da presença do pesquisador no campo por períodos longos de tempo.

O estudo de caso examina um fenômeno no seu cenário natural, empregando métodos diversificados de recolha de dados para obter informação sobre uma, ou poucas, entidades (pessoas, grupos, ou organizações). A delimitação do fenômeno não é evidente no princípio da investigação e não é utilizado nenhum controle nem manipulação experimental (BENBASAT, GOLDSTEIN e MEAD apud FINO, 2003, p.5).

Assim, buscamos através do estudo de caso analisar dados através das hipóteses que surgiram durante a pesquisa qualitativa e, a partir disso, chegar até um direcionamento sobre o objeto em estudo.

O outro instrumento utilizado para a coleta dos dados foi a entrevista, que foi feita por e-mail com jornalistas e autores das postagens dos blogs, além de juristas e cronistas esportivos que estiveram a par do episódio, para que pudéssemos fazer uma análise mais detalhada acerca do ocorrido. O tipo de entrevista utilizado foi o de entrevistas semiestruturadas, que consiste em um “roteiro com perguntas abertas”, segundo Manzini (2012, p.156). Nesse tipo de roteiro, por ser um intermediário entre o estruturado e o não-estruturado, no caso do trabalho consideramos importante que as perguntas fossem feitas dentro da ordem das mesmas, quebrando um pouco o conceito de Manzini de que na entrevista semiestruturada a ordem não precisa ser mantida.

Neste momento, esclarecidos os caminhos metodológicos, faz-se necessário descrever o objeto de pesquisa para, em seguida, analisar o blog, as entrevistas feitas e

aplicar as teorias usadas como chaves de leitura para interpretar alguns aspectos do fenômeno investigado.

4.5 Contextualização do tema: jogo de uma única torcida

Em 2007, o Brasil tomou foi escolhido junto à FIFA para ser o país-sede da Copa do Mundo de 2014. Com isso, uma série de adequações tiveram que ser feitas no país como um todo. Uma destas foi a adequação dos estádios das sedes para que se transformassem em arenas padrão-FIFA. O estádio Castelão, em Fortaleza, também passou por esse processo. Com a reforma do estádio, durante um período, o único estádio disponível para jogos na capital fortalezense foi o também recém-reformado Presidente Vargas. E nesse novo PV, logo não demorou para que houvéssimos a disputa entre nossas duas maiores forças, Ceará e Fortaleza. Com isso, iniciou-se um movimento para tentar fazer com que o jogo não tivesse a presença das duas torcidas, alegando que seria impossível dar conta da segurança do entorno do bairro e do estádio com os possíveis encontros entre membros de facções rivais.

Essa ideia de torcida única não é inédita e também estava em discussão na mesma época quanto ao jogo Atlético-MG x Cruzeiro, sobre o clássico mineiro adotar o mesmo modelo. O modelo é copiado do utilizado na Argentina desde 2007, em que em clássicos e jogos de maior tensão, é se utilizada a estratégia da presença de torcida apenas do time mandante. No ano de 2013, data posterior à polêmica que será analisada por este trabalho monográfico, o país vizinho ao nosso adotou esse dispositivo para todos os jogos, mesmo assim sem obter sucesso total, com as brigas entre torcidas rivais acabando mas as brigas entre torcidas do mesmo time continuando, em matéria para o Diário Lance!NET (2014), o advogado Mariano Berges, vice-presidente da ONG Salvemos el Fútbol disse que a medida foi apenas um paliativo. Dados esses fatores, iremos ter como base esse fato da possibilidade do jogo com torcida única no clássico cearense para iniciarmos a nossa análise.

4.5.1 Descrição do blog Gol

Como objeto inicial de estudo, escolhemos fazer uma análise sobre algumas postagens do blog Gol que antecederam o clássico-rei com seria com torcida única em 2012 e retrataram o fato. Depois das análises das postagens do blog, escolhemos analisar outros discursos de profissionais e estudiosos envolvidos com o tema. O blog Gol é um blog do segmento esportivo que existe desde o ano de 2006 e é ligado e hospedado no Portal O Povo Online, no setor de Blogs. O blog foi escolhido para a análise por ser um dos mais acessados sobre o tema no Estado do Ceará e é do tipo opinativo factual, ou seja, mostra opiniões sobre futebol e sobre os fatos que estão acontecendo na atualidade. Os jornalistas que nele escrevem, buscam falar de futebol de uma forma moderna, entrando em contato direto com o público através dos comentários e aborda os mais variados assuntos desde a violência no futebol até mesmo os resultados do clássico-rei. O editor do blog foi o jornalista Fernando Graziani, desde o início deste até o começo de 2012, quando o editor passou a ser o também jornalista, Ciro Câmara.

As postagens escolhidas para serem analisadas são essas seguir, cronologicamente: “O clássico-rei e as torcidas” (25/01/2012); “Clássico-rei terá torcida única” (01/02/2012); “Ainda a polêmica das torcidas” (02/02/2012); “Fica a dica para o Clássico-rei” (05/02/2012); “Clássico-rei: dirigentes adoram!” (06/02/2012); “Clássico-Rei III: Reviravolta!” (07/02/2012); “Clássico-Rei V: nova confusão” (08/02/2012); “Clássico-Rei VI: 50% de novo” (08/02/2012); “Clássico-Rei VIII: 50% de novo, de novo” (09/02/2012). Todas as postagens foram assinadas pelo jornalista Ciro Câmara.

4.5.2 A voz do blog

Já foi explorado nos capítulos iniciais as bases antropológicas do jogo, onde o futebol se encontra. Nelas, todos os autores são unânimes em ver o jogo como um movimento gregário, que junta, que une e que estabelece relações de disputa, onde o hedônico e o agônico se juntam, sem jamais serem antípodas um ao outro. São diferentes, mas se completam.

A nosso ver, a polêmica do jogo de uma única torcida usa o alibi da segurança pública como resposta a uma decisão que passa longe do entendimento do jogo como esse processo de simbolização da disputa que, antes de separar, agrega. Na

primeira postagem, o Blog Gol defende o posicionamento “técnico” da Polícia Militar, que defende o jogo com uma única torcida.

O que dizer quando a opinião – técnica – da própria Polícia Militar é colocada em segundo plano e pouco levada em consideração. A entidade já afirmou que o clássico com uma torcida é o mais recomendado. Isso para mim já deveria bastar. O Ministério Público ainda vai avaliar o caso, mas, conforme, o presidente da FCF, Mauro Carmélio, a decisão deve partir prioritariamente dos clubes e federação. Ou seja, está tomada. Que se responsabilizem por ela! (CÂMARA, 2012a).

Perceba-se que o foco da discussão é a segurança e o papel que deveria caber à Polícia Militar, de proteger a população, é transferido para os clubes, aviltando o papel sociocultural do esporte.

No segundo post do blog, já temos a primeira definição de que o Ceará como mandante havia optado pela torcida única, o que só colaborou para a manutenção do discurso do clássico como temeridade para a segurança pública na voz do blogueiro, e que este louvasse a atitude do clube. Como Ciro Câmara havia dito anteriormente, “a rivalidade está mais ferrenha do que há dez anos, quando o estádio recebeu o último clássico”, fato que requer mais cuidado policial.

O que prefiro enaltecer é o fato de termos os problemas de insegurança no PV bem minimizados com a presença de apenas uma torcida nos dois jogos. Repito opinião aqui já externada. Claro que a solução não é a ideal. O clássico perde em vários aspectos sem a presença das duas torcidas – menos no de segurança. Considero uma temeridade dividir o PV neste momento. Principalmente quando os dois presidentes dos clubes não fazem a mínima questão de levantar um discurso mais amistoso [...] Vale destacar ainda que o esquema de segurança para os dois jogos deve ser montado como se tivéssemos as duas torcidas em pleno Castelão. Precaução nunca é demais (CÂMARA, 2012b).

O fato de o Ceará ter optado por torcida única corrobora com a ideia do blogueiro, como podemos ver, e ao mesmo tempo faz com que parte da definição de jogo seja perdida, pois o jogo é livre, pode ser praticado e assistido por todos, é um ambiente que ao invés de complementar segregações e preconceitos, busca acabar com esses, pelo menos no âmbito das quatro linhas. É óbvio que os estádios acentuam diferenças sociais afinal, nem todos sempre tiveram acesso a estes, mas num passado recente muito mais do que no presente, pessoas de todas as classes, etnias, credos e

gêneros tiveram esse acesso garantido, pois hoje o critério econômico é um imperativo bastante diferenciador. Além de os preços de ingressos serem bem mais caros atualmente, subida que não acompanha o salário mínimo, agora as pessoas ainda seriam impedidas de ver o jogo apenas por questões de impossibilidade de irem em segurança ao clássico, segundo as autoridades responsáveis.

Na terceira postagem o tema é uma enquete organizada pelo próprio blog na qual era perguntado aos frequentadores se estes preferiam torcida única ou não. A votação teve 839 participações, 71% das pessoas votaram favoráveis à uma torcida (595 votos) e 29% a favor das duas torcidas (244 votos). Pelos números podemos perceber como as pessoas estavam comprando o discurso do medo que é tão propagado pela imprensa, em todos os aspectos. Ficamos a nos perguntar, se no Castelão ocorre clássico-rei com duas torcidas, porque no PV não poderia ocorrer? Será que a questão da violência só é vista quando o estádio fica situado num bairro residencial de classe média como no Benfica e quando o jogo é no Castelão, que fica num bairro de periferia, não se pensa em violência?

Ainda é citado o exemplo mineiro, que estavam passando por situação semelhante à de Fortaleza. Com o Mineirão em reforma, e apenas o estádio Independência (situado em região central de Belo Horizonte) liberado para os jogos na capital mineira, os times entraram em questão sobre torcida única nos clássicos. Por lá venceu a torcida única. E ao fim da postagem cogita-se de que o TJDF-CE (Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol do Estado do Ceará) entre na justiça com recurso para que sejam garantidos os 10% mínimos de torcida para o time visitante, como prega o Estatuto do Torcedor⁵³.

O quarto post analisado é bastante interessante pois justamente vem reiterar a opinião de que o futebol precisa ser livre de amarras, ou seja, o torcedor pode acompanhar seus clubes em todos os jogos, inclusive nos clássicos. Observando o clássico do leste de Londres entre West Ham x Millwall, rivais figadais que tinham jogado pela segunda divisão inglesa e são conhecidos pelas suas torcidas bastante

⁵³ Lei criada em 2003 pelo presidente Lula que visa regulamentar o futebol brasileiro como um todo. Através de princípios organizacionais, todos os que estão dentro do evento devem cumprir o seu papel determinado e isso ficou mais claro através da lei. O estatuto também tem pontos que tratam sobre violência e sobre aspectos como lugares marcados em estádios no bilhete do ingresso, os quais ainda são bem incipientes na prática. Ver Doro e Abramvezt (2013).

violentas, e se enfrentaram num jogo em que ocorreram pouquíssimos incidentes no geral. E a polícia londrina deu conta das duas torcidas, com 10% da torcida do time visitante, ou seja, não foi preciso apelar para a medida de torcida única.

O blogueiro acaba por ser de certa forma ou contraditório, ou teve uma mudança de opinião, pois ele vinha pregando a ideia de que a torcida única seria a melhor solução a ser tomada no clássico local, e agora vendo o sucesso do episódio inglês, ele se torna propenso a aceitar que o clássico daqui tenha as duas torcidas, como sempre aconteceu.

Fica a lição para o Clássico-Rei de domingo próximo. Com uma ou mesmo duas torcidas, a PM tem condições de armar um bom esquema de segurança, dentro e, sobretudo, fora do PV. É necessário um setor de planejamento, de inteligência atuante para evitar cenas de vandalismo. Que, infelizmente, acontecem em todo canto. Aqui ou na Inglaterra (CÂMARA, 2012d).

Nesse post, olhando os comentários podemos ver como a questão é polêmica e estava dividindo a opinião dos torcedores. Alguns deles defendiam que fosse com duas torcidas o jogo entre Vozão e Leão, enquanto outros proclamavam a torcida única como forma de resolver a questão. Um dos usuários chega até a ironizar de forma bastante sintomática e que vai exatamente ao cerne da questão, na definição de jogo como disputa agônica e hedônica.

Tenho uma dica: já que vai ficar sem graça mesmo com 1 torcida, porque não fecha logo o estádio, não entra ninguém, fecha da 13 de maio até Borges de Melo e não aparece ninguém. Todos ficamos em casa, no ar condicionado, de [sic] preferencia com som desligado para não escutarmos os jogadores dizerem alguma indelicadeza que possa nos modificar e de [sic] preferencia proibir os jogadores de falarem? Acho que não teria violência assim? Ou então se não ficar bom, ninguém joga, pra evitar os carrinhos que são muito violentos, e o capitão dos times, em salas fechadas e diferentes, tiram par ou impar pra ver quem ganha ou jogam uma partida de videogame? (Comentarista A⁵⁴, CÂMARA, 2012d).

Na quinta postagem o tema são as polêmicas pré-clássico, as quais incluem arbitragem de fora e seu custeamento, preço dos ingressos e, principalmente, a divisão ou não das torcidas. O presidente do Fortaleza na época, Osmar Baquit, incentivou os torcedores do clube a entrarem na justiça e pedirem os 10% de carga de ingressos

⁵⁴ Os nomes foram suprimidos e trocados por Comentarista A, B, C, etc.

mínimos aos quais o clube tem direito, e o próprio jornal “O Povo” entrevistou o jurista Carlos Tolstoi e este assegurou que existe essa delimitação legal dos 10% para os visitantes.

O blogueiro tenta manter um tom de neutralidade em seu post quanto às polêmicas, desta vez. Mas de qualquer forma reclama que todas essas confusões estão tirando o foco do assunto futebol para outros temas afins, há pouco menos de uma semana para o clássico.

Incrível! No primeiro dia de trabalho da semana do Clássico-Rei uma série de assuntos extra-campo começaram a orbitar o jogo. Em sua maioria, temas que deveriam ser acordados rapidamente – ou, em certos casos, sequer levantados. É o momento que os dirigentes adoram. De futebol mesmo, nada [...]Toda essa confusão por conta dos jogos na fase classificatória do campeonato. Imagina o que vem pela frente em uma hipotética semifinal ou final entre os dois rivais! (CÂMARA, 2012e).

Na postagem de número seis temos uma reviravolta judicial. O TJDF garante que aqueles 10% mínimos de torcedores do time visitante tenham seu acesso garantido, assim como ocorre em outras capitais como Pernambuco e São Paulo. É ainda citado o exemplo mineiro para dizer que a justiça de lá entendeu que mesmo a lei resguardando o lugar dos visitantes, o Estatuto do Torcedor preza pela segurança acima de tudo dos torcedores e por isso, manteriam a decisão de torcida única.

O presidente da FCF, Mauro Carmélio, é citado no post e fala que a federação vai tentar recorrer da decisão, se houver tempo hábil. Como o assunto já estava martelando muito no veículo, para não ficar redundante, Ciro tentou ser o mais imparcial possível no post, praticamente apenas noticiando os fatos, até mesmo porque em postagens anteriores ele já tinha opinado sobre o assunto.

No sétimo post, novo tempero para a polêmica. O NUDETOR (Núcleo de Desporto e Defesa do Torcedor) que é ligado ao MP, foi acionado pelo Ceará e entrou na polêmica para garantir que não seja liberada a presença dos 10% de torcedores do time visitante. Na visão do procurador de justiça José Wilson Sales, era bastante arriscado fazer o jogo assim, com a possibilidade de a torcida em menor número ser alvo de emboscada e massacrada pela outra. Ele propõe que se divida em 50% de cada lado ou faça o jogo com torcida única.

Já começa a se falar em um possível adiamento da partida por conta de todas essas polêmicas, pela não decisão de algo e por estar muito próximo ao jogo para que se vendessem os ingressos. O Ceará também afirma caso continue o acordo pelos 10%, o mando do jogo seria da Federação.

No oitavo post já se tem a definição de que o jogo será mesmo com as duas torcidas e com 50% de cada lado, o que de certa forma frustrou o blogueiro, pois este desejava que a partida fosse torcida única, como já havia mencionado.

Repito aqui meu receio quanto à presença das torcidas no PV. O clássico fica muito mais bonito, óbvio. Mas depois que a própria Polícia Militar disse, baseada em laudo técnico, preferir a torcida única, imaginei que o debate nem seguiria. Quanto mais tomar os rumos que trilhou esta semana. Lamentável. Espero profundamente que o esquema de segurança funcione e que nenhum dos interesses atendidos dos dirigentes nos leve a lamentar essa decisão na noite de domingo. Porque transformar a preparação do clássico em um espetáculo lastimável isso eles já conseguiram. E com méritos (CÂMARA, 2012h).

Segundo a opinião de Câmara, o debate todo que se fez deveria ter sido concluído quando a Polícia Militar disse que o jogo deveria ser torcida única, pois ela na sua posição de mantenedora da ordem pública, estava dando o seu parecer. Contudo, existiam muitas variáveis a serem ouvidas e creio que o debate ocorreu justamente por conta disso. Era impossível que algo tão complexo se decidisse tão fácil apenas com uma assinatura e pronto. Era preciso que houvesse a discussão, talvez o problema maior foi ela ter ocorrido justo na semana que antecedia o clássico-rei.

Na nona e última postagem, temos a reiteração do que havia sido dito na penúltima, ou seja, teríamos mesmo as duas torcidas. Ainda temos a divulgação de como será a divisão do estádio, carga de ingressos para cada time e, o fato curioso de que naquele mesmo dia (quinta-feira, 09/02/2012) os times haviam voltado atrás e decidido por torcida única, mas mudaram de ideia depois, com a Federação assumindo o mando dos dois jogos, o de ida e o de volta.

Percebemos que toda a forma como foi conduzida a querela desagradou o blogueiro, que deixa bem claro a sua opinião ao fim do post, ao dizer “espero que o show de incompetência e despreparo acabe por aqui. Que se aprontem os times, a venda de ingressos e o esquema de segurança. Esse vaivém de interesses só mostrou uma coisa: somos todos palhaços!” (CÂMARA, 2012i).

4.5.3 A voz dos especialistas

Para que nossa análise fique mais encorpada, resolvemos também levar alguns questionamentos para alguns profissionais que vivenciaram o caso no dia-a-dia. Então, entrevistamos jornalistas, comentarista de esporte e também um jurista, para termos as opiniões de áreas interessadas no caso. No caso dos dois primeiros, são diretamente interessados pela questão da polêmica clubística e social ocorrida, que perpassa até os limites das quatro linhas e entra em muitas áreas; e no caso do último sua participação é importante para analisarmos como alguém da área do direito desportivo se manifestou acerca do caso, que envolvia a esfera jurídica também.

O primeiro dos nossos entrevistados foi o jornalista Bruno Formiga. Ele é formado em Jornalismo pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e pós-graduado em Teorias da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bruno já trabalhou nos grupos O Povo de Comunicação, TV Cidade e hoje trabalha no canal Esporte Interativo e colabora na Revista Placar.

A primeira pergunta para o entrevistado foi sobre qual o significado de futebol para ele, e sua resposta foi diretamente ao ponto do futebol como plural e importante: “A maior invenção da humanidade. Um jogo capaz de mover o mundo. Alienação ou não, o papel deste esporte vai além de qualquer tentativa diplomático. E, para além disso, é o meu trabalho, minha profissão. É basicamente a minha vida.” Segundo Formiga, o jogo representa tudo que os teóricos os quais estudamos sobre ele vem a demonstrar, o jogo é livre, competitivo, lúdico e transformador.

A força da declaração do jornalista faz com que o caráter sociológico do esporte futebol seja externado, pois ele é tido como força propulsora social. Que também pode servir como elemento desagregador de conflitos, como no caso da Seleção

Brasileira jogando no Haiti em plena Guerra Civil⁵⁵ ou o Santos de Pelé no Congo Belga nos anos 60⁵⁶.

A segunda pergunta foi sobre a relação futebol e cultura, e Formiga assim falou: “Uma das formas mais genuínas de expressão. Torcer é um ato social. E, em países onde o futebol é muito popular, quase natural. Estar no universo deste jogo, de alguma forma, passa uma sensação muito peculiar de pertencimento”. Sobre essa popularidade do futebol, todos meio que falamos isso por intuição ou achismo e é interessante quantificá-la em números, pois segundo estudo da Pluri Consultoria de 2012 presente em FERREIRA, 79% da população brasileira torce por algum time, o que dá um número de cerca de 154 milhões de pessoas. Realmente como Formiga falou, o futebol é extremamente natural em nossa cultura, podemos dizer que vivemos numa cultura do futebol, e quem está de alguma maneira ligada a esse esporte, como é o caso do cronista, se sente identificado e inserido em tal cultura.

Caminhando para a terceira questão, o questionamos sobre de onde ele imaginava que vinha a violência no futebol e como resposta tivemos: “da canalização de sentimentos em um só lugar. O futebol apenas reflete frustrações e tensões que já estão ao seu redor. O jogo não cria uma violência particular. Ele só a potencializa”. A resposta do jornalista vem justamente se somar ao que já vínhamos dizendo ao longo deste trabalho monográfico, ou seja, a violência relacionada com o futebol não é propriedade do futebol, ela está incrustada na sociedade e nele se potencializa, como acontece em diversos outros campos como trânsito e política.

O que devemos é tentar formar e educar para que toda a sociedade seja menos violenta, e não apenas aquelas pessoas que estão ligadas com o futebol. Isso não é só por questões individuais e sim, públicas e sociais pois se as pessoas não morressem

⁵⁵ No ano de 2004 o Haiti entrou em Guerra Civil depois que o presidente Jean-Bertrand Aristide foi deposto por rebeldes e tropas brasileiras foram enviadas pela ONU para organizar as operações de “paz” no país. Durante um dia, a guerra cessou por conta do jogo da Seleção Brasileira que foi jogar lá contra o selecionado local a pedido do presidente Luis Inácio Lula da Silva.

⁵⁶ No ano de 1969 o antigo Congo Belga (hoje República Democrática do Congo) vivia uma crise sem precedentes com ditadura sangrenta, fome e miséria, além da participação de crianças nos conflitos. O Santos de Pelé foi convidado para jogar uma partida lá e nesse dia decretou-se feriado a guerra parou, temporariamente.

de fome e com a saúde paupérrima, além de não terem perspectiva de melhora e ascensão social, talvez os índices de violência diminuíssem.

Na quarta pergunta, o interesse era saber sobre qual era o significado das torcidas organizadas para o futebol, na visão do jornalista. Segundo ele:

[As torcidas] representam a prova concreta de que o futebol apenas retrata o que está do lado de fora do estádio. As organizadas hoje são gangues que em algum momento já foram vistas, com estruturas muito parecidas, em bailes, em comunidades, em grupos específicos, etc. Uma associação natural de pessoas que se sentem excluídas e que dividem um ideal comum – no caso, a paixão por clube (FORMIGA, 2014).

Antes de entrarmos num senso comum e cairmos no clichê de chamarmos as torcidas de “tudo o que não presta no futebol” ou de “marginais travestidos de torcedores”, como vemos costumeiramente chamarem por aí, é interessante ver que Formiga as chamou de gangues. Mas foi baseado na definição de gangues dada por Diógenes (2008), a qual estudamos nos capítulos anteriores deste trabalho, em que gangues são agrupamentos de jovens reunidos em práticas de violência e sociabilidade, e podem ter ramificações nos bailes funks, nas torcidas organizadas. São pessoas que são excluídas social, política e economicamente e descontam a sua fúria impiedosa contra o sistema no próprio sistema, como Bruno diz ao falar “pessoas que se sentem excluídas”.

No caso das organizadas, esses excluídos todos tem algo em comum, o lado emotivo passional direcionado para algo em específico, pelo menos no campo futebolístico. Por terem essas características, juntam-se e em grupo sentem-se mais fortes para tentarem saírem da invisibilidade que lhes é imposta. Como a única forma de diálogo que muitos desses jovens sempre vivenciaram foi a violência, é através desta que construirão seus métodos de agir.

Já no quinto questionamento, perguntamos qual era a relação que Formiga via entre as torcidas organizadas e a violência, e ele prontamente respondeu:

A rivalidade entre os times, a luta por títulos e por supremacia acaba transferida para as organizadas, que se vêm partícipes deste processo. Ou seja, a ‘vitória delas’ também é uma vitória do time. Esses grupos querem reconhecimento, querem respeito. Um respeito, diga-se, que muitos integrantes, individualmente, não conseguem na vida. E vão em busca disso

na força. Detalhe: a violência entre torcidas só aumenta, acompanhando os índices do restante da sociedade (FORMIGA, 2014).

Tentando quebrar em partes o seu discurso, podemos ver que as últimas palavras ditas por ele justamente se fazem muito legítimas. A violência nas organizadas é mero reflexo do que ocorre nas metrópoles concentradíssimas atuais, e a cada vez que esta aumenta na cidade, nas torcidas provavelmente aumente também. Não à toa Fortaleza foi referenciada como a sétima cidade mais violenta do mundo. Está tudo interligado.

Na asserção “a ‘vitória delas’ também é uma vitória do time”, Formiga alinha novamente o seu pensamento com as ideias das gangues estudadas por Glória Diógenes, na qual as torcidas buscam derrotar as suas rivais ou inimigas clubísticas e territoriais para a conquista de um status, de um pensamento de que aquela torcida “se garante”. A força vem a ser a sua linguagem, como muitos dos teóricos que já estudamos falaram.

Sobre os jogos de torcida única, o jornalista foi bem direto:

Um paliativo. Nunca uma solução. É o reconhecimento do poder público da incapacidade de lidar com o problema. E uma tentativa de minimizá-lo. Na Argentina, por exemplo, já ocorre há mais de cinco anos com resultados duvidosos – transferiu-se apenas a confusão de dentro para fora do estádio. Torcida única me parece uma medida razoável se acompanhada de maior fiscalização, de maior punição, de maior reeducação. Sozinha apenas é um curativo, não uma vacina (FORMIGA, 2014).

Discordando de Ciro Câmara como expressado por este através do blog Gol, e concordando com o advogado argentino Mariano Borges, Formiga diz que isso é um paliativo. Ao promover esse tipo de solução as autoridades só demonstram que não sabem como lidar com a questão, e preferem procurar subterfúgios para não resolve-la. Novamente busca-se imitar algo de outra realidade para tentar resolver os problemas ligados à violência no futebol brasileiro. Contudo, desta vez ainda de forma mais equivocada pois nem na Argentina a torcida única resolveu o problema da violência. Para Formiga, o que precisa existir é uma “reeducação” dos torcedores em geral e “punição” para quem se envolva em confusões.

Para Bruno Formiga, a mídia tem um papel crucial nas questões que envolvem futebol e violência. Ela deve prioritariamente:

Investigar, noticiar, reunir medidas de sucesso e fracassadas, e promover debates. A mídia é o canal por onde os problemas precisam aparecer e repercutir. Não somos promotores de evento. Ou seja, não temos o papel do oba-oba para encher estádio. Cabe a nós colocar o dedo na ferida. Sempre (FORMIGA, 2014).

Além de colaborar no sentido de investigação e busca de problemas e soluções, a mídia deve organizar debates acerca do tema, segundo Formiga, para que os sujeitos sejam ouvidos e que se consiga pensar em como a violência se apresenta para que se estude a forma de lidar com esta. Os meios de comunicação não devem ser capachos do evento e exclusivamente promoverem suas benesses, também precisam ser críticos. Algo semelhante ocorre exatamente em 2014 no período de Copa do Mundo, para exemplificarmos, enquanto algumas emissoras ligadas ao grupo Globo de Comunicação (detentor dos direitos do evento) procuram em 90% das vezes a promoção do evento, outras como a ESPN Brasil (retransmissora do evento) procura transparecer um papel crítico quando é necessário que se tenha.

O segundo entrevistado foi o jornalista Antero Neto. Ele é formado pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e atualmente trabalha como apresentador do canal SPORTV. De 2007 a 2013, trabalhou no Sistema Verdes Mares como narrador e apresentador, além de ter sido editor de esportes da TV Verdes Mares, afiliada da Globo no Ceará.

As perguntas aplicadas para Antero foram semelhantes às feitas ao primeiro entrevistado, o Bruno Formiga, e na primeira, que dizia respeito ao significado do futebol para ele, a resposta foi:

O futebol é, para mim, muito menos importante do que para algumas pessoas. Não que eu o trate com desdém, porém ele deveria ser mais leve, divertido e prazeroso. Aliás, como foi em alguns anos atrás. Não gosto da tradicional frase: "Futebol é muito profissional, que reúne muito dinheiro, que não aceita erros nem amadorismo...". De fato, ele se transformou em tudo isso sim! Mas por que? O que me pergunto é se o futebol é feito para se ganhar dinheiro, ou para o divertimento geral? O futebol representa para mim trabalho, estudo... Mas vou continuar enxergando como um esporte. Puro, simples e prazeroso (NETO, 2014).

Para o entrevistado, o futebol precisa ter um significado por si só, precisa que seja uma atividade sem fins lucrativos, lúdica, e que não vise exclusivamente o

lucro ou no caso, as vitórias finais, é que como se os fins justificassem os meios, ou seja, se para chegarmos até a vitória precisaremos de um time caro e teoricamente forte, vamos soltar muito dinheiro para consegui-la. Mas os exemplos estão aí para provar que o futebol não é tão preto no branco assim, e como disse Antero: “é um esporte. Puro, simples e prazeroso”.

Comparativamente com a resposta de Bruno Formiga, de que o “futebol é a maior invenção da humanidade”, percebemos que a visão de Antero também dá importância ao futebol mas vemos um discurso de mais simpatia ao futebol de certa forma praticado com prazer, do que com aquele altamente profissionalizado e monetizado. As duas visões se complementam, em minha opinião, enquanto um é mais defensor do futebol como um todo, o outro é saudosista do futebol de outros tempos, sendo amante do seu caráter passional e leve.

Na questão seguinte, sobre a relação do futebol com a cultura, Antero é mais sucinto e fala que “nenhum país no mundo é tão identificado com o futebol quanto o nosso. O futebol faz parte do nosso dia-a-dia gostando, ou não. De alguma forma você recebe alguma informação sobre futebol”, frase que talvez seja um pouco exagerada visto que tem diversos países pelo mundo tão identificados com o futebol quanto o nosso, mas que é perfeitamente plausível e correta, feitas essas observações.

Realmente temos um forte noticiário sobre esse esporte e, em certos períodos, como em Copa do Mundo, isso é mais forte ainda como por exemplo o jornal da Rede Globo de Comunicação, Jornal Hoje, que costumeiramente não fala sobre esporte, durante a época da Copa 2014 todos os dias está exibindo matérias relacionadas ao evento e aos países participantes.

Sobre a violência no futebol, Antero, seguiu na linha do entrevistado anterior: “Respondo com uma outra pergunta: a violência na rua, de onde ela vem? Na minha opinião a resposta é a mesma para as duas questões. Embora se imagine, eu não acho que o futebol seja uma "bolha" isolado do restante dos problemas da sociedade”, ou seja, mais uma vez temos uma pessoa que estuda temáticas relacionadas ao futebol e reitera, a violência no futebol é só reflexo da violência social como um todo.

Mais uma vez os dois profissionais entrevistados concordam e fazem seu discurso embasados na teoria de que o futebol é um jogo, e como todo jogo ele é

sociedade, como diziam Huizinga e Caillois, e assim sendo sociedade, ele consegue suportar as benesses e mazelas que existem nela.

Para Antero Neto, as torcidas organizadas:

Estão manchadas. Por mais contraditório que seja, elas deveriam ser mais organizadas! Tem gente de bem entre as organizadas, porém os maus elementos, que enfeiam, atrapalham e sujaram o futebol, também. Então, por que esses caras têm liberdade para usar uniformes e serem parte integrante desse grupo? (NETO, 2014).

Se elas devem apoiar o time e se intitulam como organizadas, por que existe essa desordem e desorganização? É esse o cerne das assertivas levantadas por Antero. Segundo ele, as torcidas têm um propósito interessante, mas existem pessoas dentro delas que enfeiam a torcida com maus comportamentos.

A opinião de Formiga é de certa forma mais distante da de Neto, pois enquanto um coloca a problemática da exclusão e invisibilidade social como um fator preponderante na forma de agir das torcidas, o outro apenas aponta os pontos negativos destas para com o espetáculo do futebol, mas não procura tentar entender porque o modo de ser daqueles torcedores é assim.

Continuando no tema, sobre a violência e a relação desta com as torcidas, Antero Neto assim se colocou:

Se a relação for entre TORCIDA ORGANIZADA, muita! Aliás, praticamente tudo. Em 99% da violência nos estádios tem presença de pessoas que são identificadas com uniformes de torcidas organizadas. Mas o cara consciente, educado e capaz de discernimento (algo relacionado ao que eu falei na primeira resposta) vai ao estádio para se divertir. Ele vai, inclusive, sentar ao lado de outro torcedor com a camisa do time adversário. Sempre faço essa pergunta: Você médico, advogado, dentista, professor ou qualquer outra profissão que preste um serviço, você faz distinção de atendimento ao saber que o "cliente" torce para outra equipe? Não é a resposta correta, comum. Agora, se responder NÃO, vá se tratar. Você não está bem (NETO, 2014).

Tentando explicar parte a parte o seu discurso, o faremos pelo seu final. Quando Neto diz que qualquer profissional prestador de serviço sadio e normal não iria fazer distinção em atender o seu cliente mesmo este torcendo para um outro clube, ele vai justamente em sintonia com o pensamento dos teóricos do jogo e do esporte que falam sobre o caráter gregário e sem finalidades do esporte, como Elias e Dunning.

Estes teóricos pregam a ideia de que o esporte só se define como tal dentro daquele tempo-espaço mítico, e fora dele tudo segue normal. No início da resposta, novamente Antero Neto liga quase toda a violência presente nos estádios às organizadas, o que não deixa de ser verdade em grande parte das vezes, mas o ponto problemático é que justamente ele não tenta entender as motivações, ou não demonstra isso nas suas respostas.

Sobre os jogos de torcida única, Antero é enfático ao dizer que eles são “a derrota moral para a violência. É se entregar. Entendo as partes envolvidas, mas não concordo”, ou seja, é justamente demonstrar a falência moral da nossa instituição de segurança pública e tentar se minimizar o problema procurando um subterfúgio que não chega a solucioná-lo. Sobre esse quesito, Formiga e Neto são unânimes em classificar a medida como não resolutiva.

E no tocante ao papel da mídia na mediação de questões que envolvem futebol e violência, ele falou que “a mídia, como o próprio nome diz, faz a mediação. Ela precisa ser usada, e ao mesmo tempo precisa deixar ser usada, como meio esclarecimento. Mas, assim como no cotidiano, a mudança tem que ser pessoal”. O que Antero Neto quis dizer é que a mídia se utiliza do seu poder de informação para justamente tentar deixar as pessoas mais bem noticiadas sobre os fatos que ocorrem, e que as mudanças nas relações que envolvem o futebol e a violência devem ser da ordem individual.

Essa ideia de mudança individual compactua de certa forma com o pensamento do revolucionário indiano e pacifista Mahatma Gandhi, que dizia “seja a mudança que você quer no mundo”, contudo, imaginamos que esta mudança é sim importantíssima, mas de nada adianta nos esforçamos para mudarmos se o sistema permanecer excludente, desigual, individualista e meritocrático. Não estamos indicando que devemos sempre culpar o sistema por tudo, mas que devemos sim procurar meios de mudá-lo, para que essas mudanças atinjam a todos, e não apenas uma parte das pessoas.

O terceiro e último entrevistado foi o jurista Álvaro Melo Filho, advogado e professor aposentado da Faculdade de Direito da UFC. O professor tem Livre-Docência em Direito Desportivo pela Universidade Federal do Ceará, já foi vice-presidente do Conselho Nacional de Desportos e assessor da ONU em Direito Desportivo. É membro

da Comissão de Estudos Jurídicos Esportivos do Ministério do Esporte e integrante de comissões da FIFA desde 1989.

As perguntas que foram direcionadas para Álvaro tiveram um tom específico, pois, como ele é da esfera jurídica, não poderíamos abordar os questionamentos da mesma forma que para os outros entrevistados das esferas do jornalismo. A primeira pergunta era sobre a relação entre futebol e cultura, e ele assim respondeu:

São coisas distintas e inconfundíveis no plano jurídico, apesar de se repetir, retórica e constantemente na mídia, que “futebol é parte visível da cultura brasileira”. Sob o prisma constitucional desporto (futebol) e cultura estão em capítulos distintos e separados, pertencem a Ministérios diferentes (Esporte e Cultura), e, na esfera legal tem incentivos fiscais por diplomas legislativos distintos. Veja-se também que os Conselhos Nacionais destas searas não se misturam, pois, há um para o esporte e outro para a cultura. Ademais, a Justiça Desportiva com previsão na Constituição Federal não trata de matérias pertinentes a cultura (MELO FILHO, 2014).

Segundo o advogado, juridicamente falando, futebol e cultura não se misturam, e pronto. Contudo, dentro desta mesma área, temos leis que interferem no desporto que são do campo cultural também, como por exemplo, a Lei Pelé que instituiu o Passe Livre aos jogadores e provocou uma verdadeira mudança no campo cultural de ligação entre jogador-clubes. Não se quer dizer que após esta lei todos os jogadores passaram a sair dos seus clubes de origem, isto já acontecia antes, mas a lei fez com que virasse algo extremamente rotineiro no futebol brasileiro jogadores trocarem bastante de clubes em busca de condições melhores de trabalho ou salário. Ou seja, uma determinação da lei esportiva que influenciou diretamente na esfera da cultura, também.

Na segunda pergunta, questionamos o que o Estatuto de Torcedor trouxe de novo para a relação entre futebol e torcidas, e Álvaro falou:

Na essência o que existe é o Estatuto do Torcedor consumidor do Futebol, até porque, por força do art. 43 é aplicável apenas ao desporto profissional, e, fora do Futebol, não há tipificação da prática profissional (com contrato de trabalho desportivo) em outras modalidades. De todo modo o Estatuto do Torcedor estabelece, inovadoramente, normas para a transparência e publicidade das competições desportivas do Futebol, diretrizes e limites quanto ao Regulamento das competições, a par de regras sobre segurança, alimentação, higiene, transporte e venda de ingressos para os torcedores. Aduza-se, ainda, a previsão e tipificação de crimes com o propósito de inibir

violência nos eventos, corrupção de seus resultados e prática do “cambismo” (MELO FILHO, 2014).

Segundo Melo Filho, a criação de tal estatuto foi inovadora, pois regulamentou muitas das características organizativas do futebol, como o regulamento das competições em geral, as problemáticas que envolviam segurança tanto de jogadores quanto de torcedores, os serviços relacionados à alimentação e higiene, o combate à prática do cambismo⁵⁷.

Também através deste documento buscou se pensar em soluções para dirimir a violência dos esportes e especificamente do futebol, além de medidas para que se combata a corrupção dentro do futebol. Analisando fatos históricos ocorridos após a sua criação, em 2003, vimos que muito ainda precisa ser colocado em prática do Estatuto, pois não adianta nada termos a lei senão conseguimos cumpri-la ainda, vide casos de escândalo da arbitragem do Brasileirão em 2005⁵⁸ e constantes casos de violência no futebol sem punição alguma para os envolvidos.

A terceira pergunta era sobre a temática de futebol, torcida e violência. Perguntamos ao professor qual a visão da justiça sobre a relação entre os três temas e sua resposta foi a seguinte:

Não há na Justiça Comum jurisprudência firmada sobre o tema, até porque as punições em face de violência entre torcidas em jogos de futebol têm sido prolatadas pela Justiça Desportiva, a partir da responsabilização pela segurança do torcedor atribuída ao clube detentor do mando de jogo e de seus dirigentes, como preceituado no art. 14 do Estatuto do Torcedor (Lei n. 10.671/03) (MELO FILHO, 2014).

Para o Dr. Álvaro, a Justiça Desportiva é quem toma a frente das decisões relativas a esse âmbito. O próprio Estatuto do Torcedor determina que assim seja, que

⁵⁷ Prática antiga e persistente no futebol brasileiro que consiste em comprar ingressos na bilheteria e vender por preços exorbitantes, bem maiores que o habitual, horas antes da partida ocorrer. Existiam muitas denúncias de esquemas de vendas de ingressos para cambistas (vendedores desses ingressos) em eventos de futebol, como suspeitas de que clubes liberariam mais ingressos para tais pessoas comprarem e o revenderem. O Estatuto do Torcedor busca combater essa prática abusiva.

⁵⁸ No ano de 2005 foi descoberto que 2 árbitros de futebol estavam envolvidos em um esquema de manipulação de resultados para favorecerem alguns investidores, e então 11 partidas tiveram seus resultados impugnados e foram jogadas novamente, interferindo diretamente no resultado final do Campeonato Brasileiro daquele ano.

essa esfera jurídica que tome parte por conta de casos de violência no futebol, e que o clube mandante de cada partida seja o responsável por fazer a segurança daquele local de jogo. Contudo, sabemos que casos de violência no desporto futebolístico não ocorrem apenas dentro dos locais de jogos, e sim pela cidade toda. Existem os locais tradicionais de enfrentamento como o entorno dos estádios e os terminais de ônibus, lugares que supostamente não tem nada a ver com o jogo em si, mas são os locais de caminho entre torcidas, lugares de passagem e que podem abrigar esses confrontos.

As autoridades e os estudiosos possuem o conhecimento acerca desses locais, o que precisa ser feito são meios de identificação também das pessoas que brigam em tais praças, como um possível cadastramento na entrada de cada um no estádio. Pois se tivessem essa identificação mais precisa, poderia se ter uma maior possibilidade de punição por parte de poder público, e de mudança de atitude do lado de quem costuma brigar. Não acreditamos que medidas exclusivamente punitivas irão mudar o quadro de violência, é preciso que se mudem muito mais coisas, incluindo uma forte mudança social, mas elas são uma parte de uma teia maior de resoluções para diminuirmos os altos índices violentos.

Continuando no assunto do Estatuto do Torcedor, perguntamos para Melo Filho, o que o conjunto de leis poderia fazer para resolver ou minimizar a violência nos estádios e eis a resposta:

A violência que não se justifica somente pela competição dos times, mas também por uma competição presente na própria sociedade. O psicólogo Roberto Romeiro Hryniewicz, autor da pesquisa de mestrado *Torcida de futebol: adesão, alienação e violência*, afirma que: “Não é a paixão pelo futebol que causa a violência entre torcedores, mas sim a maneira como as pessoas lidam com essa paixão”. De 1988 até hoje já são 234 os torcedores mortos em estádios de futebol e isso ocorreu antes e depois do Estatuto do Torcedor. Assim como o Código Penal não eliminou a prática do homicídio, igualmente o Estatuto do Torcedor não vai resolver a violência no estádios, cujas causas são mais sociais e econômicas do que desportivas (MELO FILHO, 2014).

É bastante elucidativa a alusão feita pelo professor Melo Filho ao Código Penal, visto que com a sua implantação não foram eliminados crimes hediondos como latrocínio ou estupro. Do mesmo modo, com o Estatuto do Torcedor não se conseguiu ainda limar a violência do futebol, pois as práticas punitivas não terão essa função de acabar com algo, elas só visam punir, e sua finalidade finda exatamente neste ato. O que

pode ser feito para reverter o quadro são mudanças na sociedade como um todo, como já citamos durante este trabalho monográfico, enquanto as desigualdades continuarem exacerbadamente acima da média, as pessoas continuarão cometendo atitudes violentas em todos os campos sociais, incluindo no futebol que, para além de todas as elitizações, ainda é o esporte por excelência que melhor representa o povo brasileiro.

Vimos que a opinião do jurista corrobora com visões já apresentadas anteriormente aqui neste trabalho, como a do jornalista Bruno Formiga, por exemplo, a de que a culpa da violência presente nos estádios não é das torcidas organizadas, ela é consequência de um sistema social excludente e que não dá as mesmas oportunidades para todos.

Sobre os jogos de torcida única, assim como os outros entrevistados, Álvaro permaneceu contra esta medida:

Vejo esta alternativa como paliativo muito simplificado. A medida de adotar torcida única evita o confronto entre duas torcidas opostas, porém não inibe o confronto interno entre a mesma torcida. Daqui a pouco vamos ter de proibir os torcedores locais de ir ao estádio. É uma medida que não soluciona, que reconhece o fracasso das instituições que deveriam zelar pela segurança. Há de lembrar que a grande maioria dos Regulamentos das competições reserva para os clubes (sic) visitantes 10% dos ingressos, o que, impede a limitação a uma torcida única (MELO FILHO, 2014).

Até no campo semântico nós podemos ver semelhanças, visto que tanto Formiga quanto Melo Filho utilizaram a palavra paliativo para denominar a medida da torcida única. Não é tentando evitar o confronto entre torcidas opostas que irá se dirimir a violência dos gramados. Como o professor diz, é o reconhecimento do “fracasso das instituições que deveriam zelar pela segurança”, ou seja, o próprio Estado atestando sua incompetência em lidar com os fatos procura se valer de medidas que não irão diretamente no cerne da questão, como a torcida única.

A medida pode até resolver momentaneamente, dentro do estádio e no seu entorno o problema da violência, durante a partida, mas e durante o trajeto, e nos terminais? E quem garante que os torcedores impedidos de assistir ao duelo ficarão em casa e não sairão às ruas com mais sangue no olho ainda já que foram impedidos judicialmente de assistir ao jogo do seu time de coração? São fatores que devem ser pensados antes de tomar uma decisão importante como essa.

A sexta e última pergunta era sobre o que, na opinião dele, falta ao Estatuto do Torcedor para que este se adapte às novas exigências do futebol contemporâneo. Melo Filho faz uma crítica ao sistema político brasileiro e sua infinidade de leis criadas.

O Poder Político brasileiro se especializou, com sua imparável fábrica de leis, em forrar o cenário jurídico brasileiro de textos legislativos cada vez mais rigorosos prometendo sempre o remédio certo e a solução definitiva. Quando, depois de algum tempo, constata-se que o remédio anterior não funcionou, o legislador solta um novo arsenal legal punitivo. Mas, de nada adiantará a novel legislação, com a retórica de amoldada às novas exigências do futebol contemporâneo, se for desacompanhada de medidas preventivas concretas, e, carente de punições efetivas e imediatas aplicadas nos casos ocorridos através de Juizados Especiais instalados nos próprios estádios (MELO FILHO, 2014).

Para o jurista, o mais importante são as medidas preventivas para que os casos não continuem se repetindo e que se punam efetivamente os culpados por esta violência. Ou seja, não podemos olhar o problema de uma forma funcional de que basta darmos o remédio e ele está solucionado, temos que olhar ele dentro de um sistema completo de possibilidades e que, para que este não aconteça é preciso que se pense em outros paradigmas. Por exemplo, melhorias no ensino básico, mais oportunidades aos jovens de aprender arte, língua estrangeira, de terem ligação com esportes, poderiam fazer com que menos jovens se sentissem excluídos da sociedade e não continuassem reproduzindo comportamentos violentos. Mas também de nada vai adiantar se aqueles jovens tiverem acesso a isso em sua adolescência e depois na vida adulta as oportunidades cessarem, essas precisam ser dadas também nessa época, através de programas sociais, de moradia, etc.

As entrevistas todas foram consensuais em alguns pontos, é interessante perceber e observar isso. No tocante ao jogo de torcida única, os três convidados permaneceram reticentes em dizer que essa medida não agrega em nada ao esporte e vai justamente contra o caráter desportivo e lúdico do jogo, é como se toda a dinâmica social e cultural do futebol fosse chutada para escanteio em troca de uma suposta luta contra a violência, que não se justifica com essa medida. E isso ocorre justamente porque a medida não busca o problema em sua raiz e sim tenta trabalhar através de abrandamentos que não o solucionarão de vez.

Outro ponto em comum entre todos os entrevistados é o de ver a violência no futebol não como algo inerente a ele, tal como se aquela violência só tivesse razão de existir em função do futebol. Eles a veem como algo imbricado numa realidade social de violência, e que por esta se manifestar como violenta e o futebol estar completamente inserido dentro dela, ele acaba se tornando também campo de manifestação dessa violência.

Pudemos perceber que ao longo dos discursos de Melo Filho e Formiga foi possível ver uma preocupação com o lado antropológico ou sociológico do esporte, tentando entendê-lo como parte de uma sociedade e como um dispositivo de constante reprodução de valores, dos mais diversos tipos possíveis. Essa preocupação deles voltada para esses campos também tem a ver com a formação dos dois, já que Melo Filho é formado também em Filosofia, além do curso de Direito, e Formiga tem especialização em Teorias da Comunicação e da Imagem.

Percebemos que durante esse capítulo, principalmente ao longo dos dois últimos subcapítulos, algo foi fundamental para que as análises ocorressem de maneira mais substanciada, e isso foi justamente o embasamento dos especialistas nas áreas em questão. Sem a opinião destes teria sido complicado mostrar como sociedade civil e especialistas reagiram a tal situação. E some-se a esses especialistas também o blogueiro autor das postagens analisadas, pois através destas que pudemos conseguir o escopo de análise para o trabalho.

Consideramos as entrevistas como um todo esclarecedoras no sentido de que elas tentaram atingir os objetivos das análises através de opiniões abalizadas e bem embasadas sobre fatos que mexeram com a crônica esportiva e sociedade fortalezense como um todo no início de 2012. Através destas análises dos discursos de cada um, pudemos ficar um pouco mais a par da situação e tentar observar melhor que o discurso midiático muitas vezes precisa ser pensado e repensado para que se cheguem a opiniões mais entendidas sobre algum assunto. Extrair posicionamento sobre um tema sem pensar e sem refletir jamais foi o objetivo deste trabalho monográfico e, exatamente por isso buscamos olhar para vários lados da questão.

Esperamos que assim a comunicação se faça, com dados bem fundamentados e levantados, pois muitas vezes a rapidez do dia-a-dia do capital faz com que deixemos a boa informação de lado, e acabamos assim sendo privados ou nos

privando, de vermos diversos olhares sobre uma situação posta, findando com a má informação e a tomada de opiniões equivocadas sobre certos temas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algo que inicialmente parecia como uma barreira a ser transposta e como talvez um tema que não gerasse tantas discussões que poderia se findar numa monografia, de certa forma acabou sendo surpreendente. Não pela maneira como ele se desenvolveu ao longo dos capítulos e subcapítulos, mas sim por conta da sua contemporaneidade com diversos outros temas recorrentes a todo instante na mídia, nas redes sociais e em nosso cotidiano.

A discussão levantada sobre a polêmica dos jogos de torcida única no estádio Presidente Vargas acabou se tornando apenas mais um campo onde pudemos falar sobre juventudes que são constantemente marginalizadas e colocadas de lado para a sociedade como um todo. Não são todas as pessoas que conseguem enxergar além do vandalismo provocados pelos torcedores furiosos e ver que ali existem garotos marginalizados como também existiam nos bailes funks, nas gangues e nos rolezinhos. E como esses sujeitos querem ser sujeitos, ou seja, como eles almejam esse protagonismo.

Por esses motivos, dentre outros, que consideramos o tema de fundamental importância para tentarmos entender a nossa sociedade. Sim, pois se existem jovens sendo exterminados e morrendo mais a cada dia que passa, precisamos entender o que está levando esses jovens a serem executados. E um desses campos em potencial no qual esses garotos estão mais ligados é o futebol.

O futebol é a essência do povo brasileiro. Gostando ou não, torcendo por um time ou apenas para a seleção de 4 em 4 anos, o brasileiro perpassa pelo futebol em toda a sua existência. E justamente esse futebol que é tão caro para os cidadãos nascidos no país que um dia foi Ilha de Vera Cruz, é campo de diversas práticas sociais contraditórias e distintas. O futebol reproduz muitas das contradições que estão dentro da sociedade, assim como abranda várias outras. Se assim não o fosse nunca um time com menor orçamento conseguiria vencer campeonatos frente a outros mais poderosos, contudo isso ocorre. Diferentemente de outros esportes nos quais geralmente os mais preparados, ricos e melhores vencem em 99% das vezes, no futebol o campo da imprevisibilidade é alto, o que o torna ainda mais apaixonante.

Muitos dizem que experiências pessoais favorecem na escolha de um tema de monografia. Neste ponto, concordamos, pois se a vida deste que vos escreve não fosse desde o seu início perpassada por futebol, provavelmente a inclinação temática seria outra. Ser desde o começo da vida apaixonado por futebol, escolher um clube de coração desde a tenra idade, acompanhar esse clube por todos os meios possíveis mesmo quando não era permitido sua ida ainda aos estádios e o único modo de estar perto do time era ouvindo os jogos pelo rádio, tudo isso influenciou.

Durante o percurso no curso de Comunicação, muitas reflexões e teorias sobre como se comporta e se analisa a sociedade apareceram, mas disciplinas como Sociologia e Comunicação, Formação da Sociedade Brasileira, Globalização e Culturas Contemporâneas foram fundamentais para uma formação com base no pensamento antropológico. enxergar a cultura como algo profundo, como um modificador social e buscar entender as pessoas, e não só passar pela universidade sem enxergar o lado humano.

Através dessa preocupação com as pessoas e também com suas organizações coletivas surge o interesse em estudar primeiramente torcidas organizadas de futebol e posteriormente jovens excluídos socialmente, assuntos que se interligam, como já posto neste trabalho. Olhar os jovens não com um porrete repressor, mas vendo suas motivações e projetá-los como força propulsora de mudança social. A mídia prega a todo momento uma ideia de juventude, contudo os jovens que se sentem à margem da sociedade também sentem-se excluídos dessa juventude moderna e querem estar por dentro, por isso é necessário que as desigualdades acabem, ou que sejam pelo menos abrandadas para que filhos de operários e filhos de banqueiros possam ter acesso a equipamentos econômicos e culturais de forma menos desequilibrada.

A pesquisa provocou que se fosse possível enxergar novas possibilidades para certos temas relacionados à violência no futebol. Através dela pudemos perceber que não é só com repressão e cerceamento que esses torcedores organizados deixarão sua violência de lado, se essas medidas continuarem a serem as mais divulgadas e aplicadas, provavelmente a violência dos organizados só continue e até aumente, como forma de resposta ao descaso com que suas vidas são vistas. A justiça social é principal meio para que se diminua a violência nos estádios, pois se dados mostram que muitos desses jovens envolvidos em violência são pobres, então com mais oportunidades reais

para estes jovens, tanto de perspectiva de trabalho como de estudos, estes tenderiam a se afastar da violência como forma de sair da invisibilidade, pois esta praticamente inexistiria.

Sabemos também que não existe uma solução exata para estes problemas e que esta também não será da noite para o dia, mas queremos que autoridades competentes, estudiosos e sociedade civil entendam que o modo como o assunto foi tratado costumeiramente até agora não é o mais adequado. Existe muita morosidade e displicência por parte de quem trata do tema nas esferas públicas para se pensar em medidas que tenham intercessão entre campos de cultura, economia, política e esporte e que possam contemplar os jovens pobres. Antes de tentarem banir as torcidas, deve-se pensar em como conviver com a existência delas e o que se pode fazer para que a sociedade, e estas também, mudem.

Gostaríamos de frisar que esta pesquisa monográfica é uma pesquisa em aberto, a qual pode e deve ser atualizada futuramente. Esperemos que as análises suscitadas possam ser aprofundadas posteriormente, mostrando que, fundamentalmente, entender sobre futebol é entender sobre a sociedade e que o jogo pode ter seus usos constantemente ressignificados assim como corrompidos, visto que ele é praticado por pessoas e em diversas situações diferentes, e do mesmo jeito que sociedades e pessoas se corrompem, o jogo também.

REFERÊNCIAS

- ACESSOS à internet banda larga no Brasil chegam a 140 milhões. 2014. Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/03/acessos-internet-banda-larga-chega-140-milhoes-no-brasil-em-fevereiro.html>>. Acesso em 15/05/2014.
- ALABARCES, Pablo. Los estudios sobre deporte y sociedad: objetos, miradas, agendas. In: ALABARCES, Pablo et al (Comp.). **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 11-30.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- AZEVEDO, Nirez de. **História do Campeonato Cearense de Futebol**. Fortaleza: Equatorial Produções, 2002. 416 p.
- BARROS, Ciro. **Estádio só pra rico?** 2013. Agência Pública. Disponível em: <<http://www.apublica.org/2013/08/ingressos-disparam-nos-ultimos-dez-anos-brasil-novas-arenas-tem-precos-maiores-os-estadios-antigos-afastando-os-torcedores-tradicionais/>>. Acesso em 11/05/2014.
- BEIGUELMAN, Giselle. **Blogs: existo, logo publico**. 2003. Revista Trópico. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1578,1.shl>>. Acesso em 20/05/2014.
- BRASIL deve se manter como a 7ª maior economia do mundo. 2014. Portal Terra. Disponível em: <<http://economia.terra.com.br/pib-mundial/>>. Acesso em 26/04/2014.
- BUFORD, Bill. **Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência**. Trad. Julio Fischer. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CÂMARA, Ciro. **Clássico-rei e as torcidas**. 2012a. Blog Gol. Disponível em: <<http://blog.opovo.com.br/gol/classico-rei-e-as-torcidas/>>. Acesso em 27/05/2014.
- _____. **Clássico-Rei terá torcida única**. 2012b. Blog Gol. Disponível em: <<http://blog.opovo.com.br/gol/classico-rei-tera-torcida-unica/>>. Acesso em 27/05/2014.
- _____. **Ainda a polêmica das torcidas**. 2012c. Blog Gol. Disponível em: <<http://blog.opovo.com.br/gol/ainda-a-polemica-das-torcidas/>>. Acesso em 27/05/2014.
- _____. **Fica a dica para o Clássico-Rei**. 2012d. Blog Gol. Disponível em: <<http://blog.opovo.com.br/gol/fica-a-dica-para-o-classico-rei/>>. Acesso em 27/05/2014.
- _____. **Clássico-Rei: dirigentes adoram!** 2012e. Disponível em: <<http://blog.opovo.com.br/gol/classico-rei-dirigentes-adoram/>>. Acesso em 27/05/2014.

_____. **Clássico-Rei III: Reviravolta!** 2012f. Disponível em:
<<http://blog.opovo.com.br/gol/classico-rei-iii-reviravolta/>>. Acesso em 27/05/2014.

_____. **Clássico-Rei V: nova confusão.** 2012g. Disponível em:
<<http://blog.opovo.com.br/gol/classico-rei-v-nova-confusao/>>. Acesso em 27/05/2014.

_____. **Clássico-Rei VI: 50% de novo.** 2012h. Disponível em:
<<http://blog.opovo.com.br/gol/classico-rei-vi-50-de-novo/>>. Acesso em 27/05/2014.

_____. **Clássico-Rei VIII: 50% de novo, de novo.** 2012i. Disponível em:
<<http://blog.opovo.com.br/gol/classico-rei-viii-50-de-novo-de-novo/>>. Acesso em 27/05/2014.

CAPUTO, Victor. **Brasil é superado por 17 países em adoção de redes sociais.** 2014. Exame.com. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/brasil-e-superado-por-17-paises-em-uso-de-redes-sociais>>. Acesso em 19/05/2014.

CARMO, Maria Izabel Mazini do. **As condições da classe operária à época da Revolução Industrial.** 2009. Disponível em:
<<http://www.historia.uff.br/nec/materia/grandes-processos/condi%C3%A7%C3%B5es-da-classe-oper%C3%A1ria-%C3%A0-%C3%A9poca-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-industrial>> Acesso em 13/12/2013.

CEARÁ teve a terceira maior média de público da Série B. 2013. Esporte Interativo. Disponível em: <<https://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/ceará-teve-a-terceira-maior-média-de-público-da-série-b-182917359.html>>. Acesso em 25/04/2014.

COELHO, Paulo Vinícius. **Não confunda: a punição por Heysel não mudou o futebol inglês. Revolução foi provocada por outra tragédia.** 2013. ESPN. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/311582_nao-confunda-a-punicao-por-heysel-nao-mudou-o-futebol-ingles-revolucao-foi-provocada-por-outra-tragedia?tag=pauloviniuscuelho&ModPagespeed=noscript>. Acesso em 08/05/2014.

COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça.** Lisboa: Caminho, 1994.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores.** Porto Alegre: UFRS, 1998.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** E-book digitalizado por Coletivo Periferia e eBooks Brasil, 2003.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis: o baile, o jogo e o tatame.** 2 ed. São Paulo: Annablume, 2003. 226p.

_____. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop.** 2 ed. São Paulo: Annablume, 2008, 248p.

DORO, Bruno; ABRAMVEZT, David. **Estatuto do Torcedor faz dez anos sem cumprir objetivo principal**. 2013. Uol Esporte. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/05/15/estatuto-do-torcedor-faz-dez-anos-sem-cumprir-objetivo-principal.htm>>. Acesso em 29/05/2014.

ELIAS, Norbert. **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____; DUNNING, Eric. "A dinâmica dos grupos esportivos - uma referência especial ao futebol". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), **A busca da Excitação**. Lisboa, Difel: 1992.

ENTREVISTA com a maior do Norte/Nordeste. 2010. Disponível em: <<http://grestuf.blogspot.com.br/2010/08/entrevista-com-maior-do-nortenordeste.html>>. Acesso em 26/04/2014.

FACEBOOK tem 1,23 bilhão de usuários mundiais; 61,2 milhões são do Brasil. 2014. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/afp/2014/02/03/facebook-em-numeros.htm>>. Acesso em 15/05/2014.

FELITTI, Guilherme. **Me dá 1 milhão de mãozinhas**. 2011. Época Negócios. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI282624-16363,00-ME+DA+MILHAO+DE+MAOZINHAS.html>>. Acesso em 20/05/2014.

FINO, Carlos Nogueira. FAQs, Etnografia e Observação Participante. In: **SEE – Revista Europeia de Etnografia da Educação**, n.3, 2003.

FERREIRA, Fernando Pinto. **1ª Pesquisa PLURI sobre o Potencial de Consumo das Torcidas Brasileiras**. 2012. Pluri Consultoria. Disponível em: <<http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/Pluri%20Pesquisas%20-%20POTENCIAL%20DE%20CONSUMO%20-%20COMPLETA.pdf>>. Acesso em: 02/06/2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988, 295 p.

GESSINGER, Humberto; LICKS, Augusto. Muros e Grades. Intérprete: Humberto Gessinger. In: Engenheiros do Hawaii. **Várias Variáveis**. BMG: 1991. 1 CD. Faixa 9.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p.57-63. Mar/Abr. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 25/05/2014.

HINERASKY, Daniela Aline. Jornalismo de moda no Brasil: da especialização à moda dos blogs. In: COLÓQUIO DE MODA, 6., 12-15 set.2010. São Paulo. **Anais**. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2010.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

INTERNET chega a 41% dos domicílios brasileiros; alcance é maior no Sudeste. 2014. Portal Uol Tecnologia. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/03/13/internet-chega-a-41-dos-domicilios-brasileiros-alcance-e-maior-no-sudeste.htm>>. Acesso em 15/05/2014.

JANSEN, Thiago; BARROS, Luiza. **Guerra dos spoilers causa polêmica nas redes sociais**. 2014. O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/guerra-dos-spoilers-causa-polemica-nas-redes-sociais-12266461>>. Acesso em 20/05/2014.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª ed. rev. E ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LOIO, Leonardo. **O Poder das Mídias Sociais para resolver os grandes problemas – Case Charity Water**. 2013. Café & Marketing. Disponível em: <<http://cafeemarketing.com.br/2013/07/08/o-poder-das-midias-sociais-para-resolver-os-grandes-problemas-case-charity-water/>>. Acesso em 20/05/2014.

LOVISOLO, Hugo. Sociologia do esporte (futebol): conversões argumentativas. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (Org.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 11-31.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percurso - Nemo**, Maringá, v. 4, n. 2, p.149-171, 2012.

MARTINS, Raphael. **Jogos com torcida única não acabaram com a violência no futebol argentino**. 2014. Lance!NET. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Jogos-torcida-violencia-futebol-argentino_0_1103889652.html>. Acesso em 30/05/2014.

MENEZES, Tamara. **Um jeito diferente de torcer**. 2013. Portal Revista Istoé. Disponível em <http://www.istoe.com.br/reportagens/302912_UM+JEITO+DIFERENTE+DE+TORCER>. Acesso em 23/04/2014.

MONTENEGRO, Chico. **Blogosfera - 04 diferentes tipos de blogs e a importância de blogar**. 2010. Mídia Boom. Disponível em: <<http://midiaboom.com.br/artigos-de-colaboradores/blogosfera-04-diferentes-tipos-de-blogs-e-a-importancia-de-blogar/>>. Acesso em: 21/05/2014.

MORAES, Maurício. **Shoppings ‘ignoram potencial de consumo da classe C’ ao coibir rolezinhos**. 2014. BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/01/140120_rolezinho_shopping_classe_c_mm.shtml>. Acesso em 05/05/2014.

MORAES, Simone de. **Brasília, Curitiba, Goiânia, BH e Fortaleza estão entre as 20 cidades mais desiguais do mundo**. 2013. Portal em Pauta. Disponível em: <http://www.camaraempauta.com.br/portal/artigo/ver/id/5259/nome/Brasilia_Curitiba_Goiania_BH_e_Fortaleza_estao_entre_as_20_cidades_mais_desiguais_do_mundo/termo/comunidade/page/2>. Acesso em 05/05/2014.

MOREIRA, Daniela. **Crowdfunding ganha força no Brasil**. 2011. Exame.com. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/pme/noticias/fenomeno-do-crowdfunding-ganha-forca-no-brasil>>. Acesso em 20/05/2014.

MOSER, Sandro. **MMA: de renegado a paixão nacional**. 2013. Gazeta do povo. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1343618>>. Acesso em 24/04/2014.

NOGUEIRA, Claudio. **Ambiente exige respeito no Novo Maracanã**. 2013. O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/ambiente-exige-respeito-no-novo-maracana-9000186>>. Acesso em 11/05/2013.

ONG mexicana aponta Fortaleza como 7ª cidade mais violenta do mundo. 2014. Diário do Nordeste. Disponível em <<http://diarionordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/online/ong-mexicana-aponta-fortaleza-como-7-cidade-mais-violenta-do-mundo-1.878955>>. Acesso em 05/05/2014.

PELIANO, José Carlos. **A desigualdade de renda e a mobilidade social no Brasil**. 2013. Carta Maior. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Economia/A-desigualdade-de-renda-e-a-mobilidade-social-no-Brasil/7/29885>>. Acesso em 26/04/2014.

PEREIRA, Mauro Cezar. **Aquilo não é Maracanã, que deu lugar a uma “arena” moderna, cara, confortável...e sem alma**. 2013. ESPN. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/333706_aquilo-nao-e-o-maracana-que-deu-lugar-a-uma-arena-moderna-cara-confortavel-e-sem-alma>. Acesso em 05/05/2014.

_____. **Futebol no estádio nem sempre é para ver. Futebol no estádio é para sentir. Está tão difícil...** 2014. ESPN. Disponível em:

<http://espn.uol.com.br/post/402078_futebol-no-estadio-nem-sempre-e-para-ver-futebol-no-estadio-e-para-sentir-esta-tao-dificil>. Acesso em 08/05/2014.

_____. **Maracanã coloca o mais pobre “para correr” há anos. “New Maracanan” acelera o processo de “higienização”**. 2013. ESPN. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/348800_maracana-coloca-o-mais-pobre-para-correr-ha-anos-new-maracanan-acelera-o-processo-de-higienizacao>. Acesso em 05/05/2014.

_____. **No segundo Ceará x Fortaleza do novo Castelão sobraram 78% dos lugares. “Semi-elefante” branco?** 2013. ESPN. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/323075_no-segundo-ceara-x-fortaleza-do-novo-castelao-sobraram-78-dos-lugares-semi-elefante-branco>. Acesso em 05/05/2014.

_____. **Preços na Inglaterra disparam. Saiba quanto custam de ingressos a tortas e chás nos estádios**. ESPN. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/308953_precos-na-inglaterra-disparam-saiba-quanto-custam-de-ingressos-a-chas-e-tortas-nos-estadios>. Acesso em 05/05/2014.

_____. **Texto, fotos, vídeos e a música que marca a solidariedade: tudo o que você precisa saber sobre a maior tragédia do futebol**. 2014. ESPN. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/404662_texto-fotos-videos-e-a-musica-que-marca-a-solidariedade-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-maior-tragedia-do-futebol>. Acesso em 08/05/2014.

RANKING FINAL: Santa Cruz termina com a maior média de público da história da nova Série C. 2013. Disponível em: <<http://www.srgooool.com.br/Noticia/RANKING-FINAL:-Santa-Cruz-termina-com-a-maior-media-de-publico-da-historia-da-nova-Serie-C>>. Acesso em 25/04/2014.

RATTON, José Luiz. Megaeventos esportivos, violência e pânico moral: breves considerações sociológicas. **Coletiva**, Recife, n. 8, Abril-Maio-Junho/2012. Disponível em: <http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=99&Itemid=76&idrev=11>. Acesso em 23/04/2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RICCI, Rudá. **O maior fenômeno sociológico do Brasil: a nova classe média**. Escola de Governo. Disponível em: <<http://www.escoladegoverno.org.br/artigos/209-nova-classe-media>>. Acesso em 05/05/2014.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROLNIK, Raquel. **Rolezinho ou Ocupa Shopping Center**. 2014. Disponível em: <<http://raquelrolnik.wordpress.com/2014/01/31/rolezinho-ou-ocupa-shopping-center/>> Acesso em 20/04/2014.

SACONI, Rose. **Violência das torcidas explode com Tragédia de Heysel**. 2013.

Acervo Estadão. Disponível em:

<<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,violencia-das-torcidas-explode-com-tragedia-de-heysel,9067,0.htm>>. Acesso em 08/05/2014

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição cognitiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SOUZA, Elson de. **Twitter faz 8 anos; microblog revela números sobre o Brasil e o mundo**. 2014. TechTudo. Disponível em:

<<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/03/twitter-faz-8-anos-microblog-revela-numeros-sobre-o-brasil-e-o-mundo.html>>. Acesso em 15/05/2014.

THEODORSON, G. A.; THEODORSON, A. G. **A modern dictionary of sociology**. New York: Crowell, 1970.

TÍTULOS. Disponível em: <<http://www.fortalezaec.net/Titulos?page=1>>. Acesso em 25/04/2014.

TÍTULOS. Disponível em: <<http://www.cearasc.com/o-clube/titulos/>>. Acesso em 25/04/2014.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TONDATO, Marcia Perencin. Comunicação e consumo: Pensando as identidades e distinções – classes sociais e gêneros. In: I Congresso Internacional em Comunicação e Consumo - COMUNICON, São Paulo. **Anais**, 2011.

TORCIDA Galoucura do Atlético cultua assassino de Che. 2008. Portal Vermelho.org. Disponível em:

<http://www.vermelho.org.br/mg/noticia.php?id_noticia=32817&id_secao=10>. Acesso em 11/05/2014.

TORRES, Claudio. **A bíblia do marketing digital: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar**. Novatec, 2009.

TRÊS cidades brasileiras estão entre as dez mais violentas do planeta. Portal G1.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/03/tres-cidades-brasileiras-estao-entre-dez-mais-violentas-do-planeta.html>>. 2014. Acesso em 05/05/2014.

VICKERY, Tim. **O modelo inglês e por que ele não serve para o futebol brasileiro.** 2014. BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/05/140507_tim_vickery_futebol_brasil_ingles.shtml>. Acesso em 08/05/2014.

WILLCOX, Bia. **O mundo encantado da instantaneidade.** 2013. Brasil 247. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/110635/O-mundo-encantado-da-instantaneidade.htm>>. Acesso em: 20/05/2014.

WITTER, João S. “Futebol, futebol...”. In: Meihy, J.C.S. (org.), **Futebol e Cultura, Coletânea de Estudos.** São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1982.

ANEXOS

ANEXO 1 – Entrevista aplicada por e-mail com o jornalista Bruno Formiga



CENTRO DE HUMANIDADES
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Prezado Bruno Formiga,

Conforme contato por e-mail, estou orientando um aluno do Curso de Publicidade da Universidade Federal do Ceará, que está concluindo sua pesquisa sobre Cultura e Esporte e está analisando o Blog Gol, do Portal O Povo, no debate sobre a polêmica sobre o “Jogo de uma só torcida”, relativo ao clássico Ceará e Fortaleza, em 2012. Como você também atuava no futebol cearense naquele período, solicitamos, encarecidamente, que responda a esta entrevista, que figurará na pesquisa em lide como pano de fundo das análises sobre o fenômeno investigado. Para tanto, antes das perguntas, um *release* da pesquisa.

RELEASE: A pesquisa faz uma análise antropológico-cultural do jogo, onde o esporte e o futebol estão situados. Para tanto, revisita literatura, teóricos e conceitos sobre cultura, sobre jogo, esporte, futebol e os fenômenos contemporâneos dos jogos de futebol, com suas torcidas e os espetáculos que promovem. Na interface dessa reflexão, um estudo sobre a antropologia da comunicação midiática contemporânea, seus processos de agendamento, interação e instantaneidade. As duas visadas teóricas ensejam encontrar chaves de leitura para entender a polêmica do “Jogo de uma só torcida”, conforme foi abordado pelo Blog Gol, do Portal O Povo.

AS QUESTÕES para você contribuir com a pesquisa:

1 – O que significa o futebol para você?

A maior invenção da humanidade. Um jogo capaz de mover o mundo. Alienação ou não, o papel deste esporte vai além de qualquer tentativa diplomática. E, para além disso, é o meu trabalho, minha profissão. É basicamente a minha vida.

2 – Que relação você faz do futebol com a cultura?

Uma das formas mais genuínas de expressão. Torcer é um ato social. E, em países onde o futebol é muito popular, quase natural. Estar no universo deste jogo, de alguma forma, passa uma sensação muito peculiar de pertencimento.

3 – A violência no futebol: de onde ela vem?

Da canalização de sentimentos em um só lugar. O futebol apenas reflete frustrações e tensões que já estão ao seu redor. O jogo não cria uma violência particular. Ele só a potencializa.

4 – Em sua opinião, o que representam as torcidas organizadas para o futebol?

Representam a prova concreta de que o futebol apenas retrata o que está do lado de fora do estádio. As organizadas hoje são gangues que em algum momento já foram vistas, com estruturas muito parecidas, em bailes, em comunidades, em grupos específicos, etc. Uma associação natural de pessoas que se sentem excluídas e que dividem um ideal comum – no caso, a paixão por clube.

5 – Que relação você vê entre a violência e as torcidas?

A rivalidade entre os times, a luta por títulos e por supremacia acaba transferida para as organizadas, que se vêm partícipes deste processo. Ou seja, a ‘vitória delas’ também é uma vitória do time. Esses grupos querem reconhecimento, querem respeito. Um respeito, diga-se, que muitos integrantes, individualmente, não conseguem na vida. E vão em busca disso na força. Detalhe: a violência entre torcidas só aumenta, acompanhando os índices do restante da sociedade.

6 – Qual a sua opinião sobre jogos de torcida única?

Um paliativo. Nunca uma solução. É o reconhecimento do poder público da incapacidade de lidar com o problema. E uma tentativa de minimizá-lo. Na Argentina, por exemplo, já ocorre há mais de cinco anos com resultados duvidosos – transferiu-se apenas a confusão de dentro para fora do estádio. Torcida única me parece uma medida razoável se acompanhada de maior fiscalização, de maior punição, de maior reeducação. Sozinha apenas é um curativo, não uma vacina.

7 – No seu entender, que papel cabe à mídia na mediação dessas questões que envolvem futebol e violência?

Investigar, noticiar, reunir medidas de sucesso e fracassadas, e promover debates. A mídia é o canal por onde os problemas precisam aparecer e repercutir. Não somos promotores de evento. Ou seja, não temos o papel do oba-oba para encher estádio. Cabe a nós colocar o dedo na ferida. Sempre.

Agradecemos sua valiosa colaboração.

Prof. Tadeu Feitosa.

Fortaleza, 29 de maio de 2014

ANEXO 2 – Entrevista aplicada por e-mail com o jornalista Antero Neto

1 – O que significa o futebol para você?

O futebol é, para mim, muito menos importante do que para algumas pessoas. Não que eu o trate com desdém, porém ele deveria ser mais leve, divertido e prazeroso. Aliás, como foi em alguns anos atrás.

Não gosto da tradicional frase: "Futebol é muito profissional, que reúne muito dinheiro, que não aceita erros nem amadorismo...". De fato, ele se transformou em tudo isso sim! Mas por que? O que me pergunto é se o futebol é feito para se ganhar dinheiro, ou para o divertimento geral? O futebol representa para mim trabalho, estudo... Mas vou continuar enxergando como um esporte. Puro, simples e prazeroso.

2 – Que relação você faz do futebol com a cultura?

Nenhum país no mundo é tão identificado com o futebol quanto o nosso. O futebol faz parte do nosso dia-a-dia gostando, ou não. De alguma forma você recebe alguma informação sobre futebol.

3 – A violência no futebol: de onde ela vem?

Respondo com uma outra pergunta: a violência na rua, de onde ela vem? Na minha opinião a resposta é a mesma para as duas questões. Embora se imagine, eu não acho que o futebol seja uma "bolha" isolado do restante dos problemas da sociedade.

4 – Em sua opinião, o que representam as torcidas organizadas para o futebol?

Estão manchadas. Por mais contraditório que seja, elas deveriam ser mais organizadas! Tem gente de bem entre as organizadas, porém os maus elementos, que enfeiam, atrapalham e sujam o futebol, também. Então, porque esses caras tem liberdade para usar uniformes e serem parte integrante desse grupo?

5 – Que relação você vê entre a violência e as torcidas?

Se a relação for entre TORCIDA ORGANIZADA, muita! Aliás, praticamente tudo. Em 99% da violência nos estádios tem presença de pessoas que são identificadas com uniformes de torcidas organizadas. Mas o cara consciente, educado e capaz de discernimento (algo relacionado ao que eu falei na primeira resposta) vai ao estádio para se divertir. Ele vai, inclusive, sentar ao lado de outro torcedor com a camisa do time adversário. Sempre faço essa pergunta: Você médico, advogado, dentista, professor ou qualquer outra profissão que preste um serviço, você faz distinção de atendimento ao saber que o "cliente" torce para outra equipe? Não é a resposta correta, comum. Agora, se responder NÃO, vá se tratar. Você não está bem.

6 – Qual a sua opinião sobre jogos de torcida única?

É a derrota moral para a violência. É se entregar. Entendo as partes envolvidas, mas não concordo.

7 – No seu entender, que papel cabe à mídia na mediação dessas questões que envolvem futebol e violência?

A mídia, como o próprio nome diz, faz a mediação. Ela precisa ser usada, e ao mesmo tempo precisa

deixar ser usada, como meio esclarecimento. Mas, assim como no cotidiano, a mudança tem que ser pessoal. Nada vai mudar se cada um começar a sua mudança.

ANEXO 3 – Entrevista aplicada por e-mail com o jurista Álvaro Melo Filho

1 – Que relação o senhor estabelece entre o futebol e a cultura?

São coisas distintas e inconfundíveis no plano jurídico, apesar de se repetir, retórica e constantemente na mídia, que “futebol é parte visível da cultura brasileira”. Sob o prisma constitucional desporto (futebol) e cultura estão em capítulos distintos e separados, pertencem a Ministérios diferentes (Esporte e Cultura), e, na esfera legal tem incentivos fiscais por diplomas legislativos distintos. Veja-se também que os Conselhos Nacionais destas searas não se misturam, pois, há um para o esporte e outro para a cultura. Ademais, a Justiça Desportiva com previsão na Constituição Federal não trata de matérias pertinentes a cultura.

2 – Em sua opinião, no que o Estatuto do Torcedor traz de novo para a relação entre futebol e torcidas?

Na essência o que existe é o Estatuto do Torcedor consumidor do Futebol, até porque, por força do art. 43 é aplicável apenas ao desporto profissional, e, fora do Futebol, não há tipificação da prática profissional (com contrato de trabalho desportivo) em outras modalidades. De todo modo o Estatuto do Torcedor estabelece, inovadoramente, normas para a transparência e publicidade das competições desportivas do Futebol, diretrizes e limites quanto ao Regulamento das competições, a par de regras sobre segurança, alimentação, higiene, transporte e venda de ingressos para os torcedores. Aduza-se, ainda, a previsão e tipificação de crimes com o propósito de inibir violência nos eventos, corrupção de seus resultados e prática do “cambismo”.

3 – Como a justiça entende a relação que muitos fazem entre futebol, torcida e violência nos estádios?

Não há na Justiça Comum jurisprudência firmada sobre o tema, até porque as punições em face de violência entre torcidas em jogos de futebol têm sido prolatadas pela Justiça Desportiva, a partir da responsabilização pela segurança do torcedor atribuída ao clube detentor do mando de jogo e de seus dirigentes, como preceituado no art. 14 do Estatuto do Torcedor (Lei n. 10.671/03).

4 – Que legado o Estatuto do Torcedor poderia dar para resolver ou minimizar a violência nos estádios?

A violência que não se justifica somente pela competição dos times, mas também por uma competição presente na própria sociedade. O psicólogo Roberto Romeiro Hryniewicz, autor da pesquisa de mestrado *Torcida de futebol: adesão, alienação e violência*, afirma que: “Não é a paixão pelo futebol que causa a violência entre torcedores, mas sim a maneira como as pessoas lidam com essa paixão”. De 1988 até hoje já são 234 os torcedores mortos em estádios de futebol e isso ocorreu antes e depois do Estatuto do

Torcedor. Assim como o Código Penal não eliminou a prática do homicídio, igualmente o Estatuto do Torcedor não vai resolver a violência no estádios, cujas causas são mais sociais e econômicas do que desportivas.

5 – Qual a opinião do senhor sobre jogos com a presença de uma torcida única?

Vejo esta alternativa como paliativo muito simplificado. A medida de adotar torcida única evita o confronto entre duas torcidas opostas, porém não inibe o confronto interno entre a mesma torcida. Daqui a pouco vamos ter de proibir os torcedores locais de ir ao estádio. É uma medida que não soluciona, que reconhece o fracasso das instituições que deveriam zelar pela segurança. Há de lembrar que a grande maioria dos Regulamentos das competições reserva para os clubes visitantes 10% dos ingressos, o que, impede a limitação a uma torcida única.

6. No entendimento do senhor, o que falta no Estatuto do Torcedor para ele se adaptar às novas exigências do futebol contemporâneo.

O Poder Político brasileiro se especializou, com sua imparável fábrica de leis, em forrar o cenário jurídico brasileiro de textos legislativos cada vez mais rigorosos prometendo sempre o remédio certo e a solução definitiva. Quando, depois de algum tempo, constata-se que o remédio anterior não funcionou, o legislador solta um novo arsenal legal punitivo. Mas, de nada adiantará a novel legislação, com a retórica de amoldada às novas exigências do futebol contemporâneo, se for desacompanhada de medidas preventivas concretas, e, carente de punições efetivas e imediatas aplicadas nos casos ocorridos através de Juizados Especiais instalados nos próprios estádios.

ANEXO 5 – Postagens do blog Gol analisadas durante a monografia

1 - Clássico-rei e as torcidas (Postagem do dia 25/01/2012)

Já imaginava que a questão das torcidas no Clássico-Rei rumaria para a acomodação de alvinegros e tricolores no Presidente Vargas, na partida do próximo dia 12 de fevereiro. A reunião de hoje, afinou o discurso dos dois clubes e da Federação sobre o tema. Infelizmente, na minha opinião. Vejo que pesaram os interesses das agremiações em troca do bom senso.

A discussão aqui não é a do pouco registro de atritos dentro do estádio e da incapacidade da Polícia Militar em realizar a segurança externa. Lógico que a presença das torcidas abrilhanta o clássico; que os problemas maiores são fora e que a corporação tem condições de fazer a segurança sim com as duas torcidas presentes. Mas a questão é a de se minimizar possíveis problemas. Creio que a decisão brinca com a sorte.

A rivalidade está mais ferrenha do que há dez anos, quando o estádio recebeu o último clássico. A própria decisão do Sub-20 do ano passado, com cerca de 6 mil torcedores, já causou um pandemônio na vizinhança. E o jogo “comum” entre Fortaleza e Tiradentes, domingo, registrou correria entre torcedores e PM.

O que dizer quando a opinião – técnica – da própria Polícia Militar é colocada em segundo plano e pouco levada em consideração. A entidade já afirmou que o clássico com uma torcida é o mais recomendado. Isso para mim já deveria bastar. O Ministério Público ainda vai avaliar o caso, mas, conforme, o presidente da FCF, Mauro Carmélio, a decisão deve partir prioritariamente dos clubes e federação. Ou seja, está tomada. Que se responsabilizem por ela!

Sei que o assunto é polêmico e que minha opinião está longe de ser unânime. Portanto, lógico, estamos aqui abertos ao debate. Sintam-se à vontade!

2 – Clássico-rei terá torcida única (Postagem do dia 01/02/2012)

Enfim, saiu a definição sobre a presença das torcidas no Clássico-Rei do próximo dia 12. Venceu a (segunda) tese do Ceará, o clube mandante da partida, que optou pela presença de torcida única. Ou seja, teremos apenas alvinegros no primeiro confronto do ano. No jogo do dia 25 de março o mando será invertido e os tricolores tomarão o estádio.

Não julgo o que fez o Ceará mudar de ideia, se provocação, desconfiança, falta de palavra ou outra definição. O que prefiro enaltecer é o fato de termos os problemas de insegurança no PV bem minimizados com a presença de apenas uma torcida nos dois jogos.

Repito opinião aqui já externada. Claro que a solução não é a ideal. O clássico perde em vários aspectos sem a presença das duas torcidas – menos no de segurança. Considero uma temeridade dividir o PV neste momento. Principalmente quando os dois presidentes dos clubes não fazem a mínima questão de levantar um discurso mais amistoso.

Lamentável apenas a constatação de que os clubes não chegaram a acordo quanto ao preço dos ingressos. A Federação precisou intervir e estipular os valores – Arquibancada (R\$ 30) e Cadeira Especial (R\$ 60), valores de inteira.

Vale destacar ainda que o esquema de segurança para os dois jogos deve ser montado como se tivéssemos as duas torcidas em pleno Castelão. Precaução nunca é demais.

3 – Ainda a polêmica das torcidas (Postagem do dia 02/02/2012)

Enquete realizada no Blog para balizar a preferência dos blogueiros quanto à presença das torcidas no Clássico-Rei mostrou vitória da tese pela torcida única. **Foram ao todo 839 participações, com 71% das interações favoráveis à uma torcida (595 votos) e 29% a favor das duas torcidas (244 votos).**

Em tempo, o assunto ainda deve render. O Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol do Estado do Ceará (TJDF-CE) cogita entrar com representação garantindo 10% dos ingressos para a torcida do clube não mandante dos clássicos – como acontece em São Paulo e prega o Estatuto do Torcedor.

A medida também foi a julgamento em Minas Gerais, onde vigora a torcida única, mas o tribunal mineiro defendeu a torcida única, sob o argumento de que o Estatuto do Torcedor prega como uma das prioridades a segurança do torcedor.

Uma nova enquete está no ar. **Quem vence o primeiro Clássico-Rei do ano? Participe!**

4 – Fica a dica para o Clássico-Rei (Postagem do dia 05/02/2012)

O clássico mais perigoso do futebol inglês foi disputado ontem. Rivais históricos da parte Leste de Londres, West Ham e Millwall se encontraram pela disputa da segunda divisão do campeonato do país. Um confronto que chamou atenção muito mais pelo tradicional clima bélico entre as duas torcidas do que propriamente pela qualidade técnica dos dois times. Deu West Ham 2 a 1.

Mas a melhor notícia do confronto foi o registro de poucos incidentes no estádio de Upton Park. Os dois rivais dividem as atenções futebolísticas na região há mais de um século e já viraram até tema do bom filme “Hooligans” (2005). Por isso tanta preocupação das autoridades policiais e da federação inglesa quanto ao embate – o primeiro jogo, na casa do Millwall, sequer teve televisionamento liberado, para não incentivar a baderna.

Com o sucesso do plano de segurança, pudemos acompanhar a partida ontem. E ver como a Polícia conseguiu novamente reduzir os recorrentes incidentes. Eram muitos policiais no estádio e fora dele, um lance inteiro de arquibancada não recebeu torcedores e os fans do Millwall tiveram apenas 1.500 ingressos à disposição.

Fica a lição para o Clássico-Rei de domingo próximo. Com uma ou mesmo duas torcidas, a PM tem condições de armar um bom esquema de segurança, dentro e, sobretudo, fora do PV.

É necessário um setor de planejamento, de inteligência atuante para evitar cenas de vandalismo. Que, infelizmente, acontecem em todo canto. Aqui ou na Inglaterra.

5 – Clássico-Rei: dirigentes adoram! (Postagem do dia 06/02/2012)

Incrível! No primeiro dia de trabalho da semana do Clássico-Rei uma série de assuntos extra-campo começaram a orbitar o jogo. Em sua maioria, temas que deveriam ser acordados rapidamente – ou, em certos casos, sequer levantados. É o momento que os dirigentes adoram. De futebol mesmo, nada.

O primeiro assunto levantado foi um bem tradicional: a exigência por arbitragem Fifa para o jogo. O pedido é do Fortaleza – o Ceará prefere árbitro local. O argumento tricolor é o de que o estádio lotado poderia influenciar um trio cearense. O clube deve ser atendido, e arcar com as despesas, como geralmente a Federação procede em casos como este.

Outra polêmica é sobre os 10% de torcedores no estádio. Mesmo com a Federação já tendo oficializado a decisão por torcida única, o presidente do Fortaleza, Osmar Baquit, incentivou os torcedores a entrarem com liminares para acompanhar o jogo. O jurista Carlos Tolstoi disse na rádio O POVO/CBN que há brecha legal para os 10% de visitantes, conforme prega o Regulamento Geral de Competições da CBF.

O assunto preço de ingressos também veio à tona. Mesmo com a Federação tendo estipulado os valores (inteiras a R\$ 30 na arquibancada e R\$ 60 no setor especial) o Ceará quer diminuir para até R\$ 10 a inteira na arquibancada. Conforme o secretário geral da FCF, Marcos Augusto, tanto o valor como a torcida única já estão definidos pela entidade.

Por último (por enquanto), Osmar Baquit disse que vai dotar o estádio Alcides Santos de condições para receber o clássico de 25 de março, com mando de campo tricolor. Marcos Augusto desdenhou da idéia. “Não posso levar uma proposta dessa a sério”, soltou.

Toda essa confusão por conta dos jogos na fase classificatória do campeonato. Imagina o que vem pela frente em uma hipotética semifinal ou final entre os dois rivais!

6 – Clássico-Rei III: Reviravolta (Postagem do dia 07/02/2012)

Reviravolta. O Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol do Estado do Ceará (TJDF) definiu que a torcida visitante nos clássicos entre Ceará e Fortaleza terá direito a adquirir 10% dos ingressos postos à venda. Com isso, os tricolores poderão comparecer ao estádio Presidente Vargas para o jogo deste domingo, enquanto os alvinegros terão o mesmo direito na partida de 25 de março.

O entendimento do presidente do tribunal, Antônio Rodrigues, é o de que o Regulamento Geral de Competições, que rege o Estadual, ao lado do próprio regulamento da competição, garante os 10% de ingressos para a torcida considerada visitante, em seu artigo 65º. “A entidade de prática visitante terá o direito de adquirir a quantidade mínima de ingressos correspondente a 10% da capacidade do estádio”, prega o documento.

O presidente da Federação Cearense de Futebol (FCF), Mauro Carmélio, disse que a entidade estuda recorrer da decisão. A FCF havia, ainda na tarde desta terça-feira, negado pedido do Fortaleza, argumentando que o clube não pode ser considerado visitante, pois recebe parte da renda. “Se não der tempo de mudar, terei de cumprir”, ressaltou. Ele aproveitou para manter o preço do ingresso em R\$ 30 (inteira de arquibancada) e frisar que se o Fortaleza exigir arbitragem Fifa terá que arcar com os custos do quarteto.

Em Minas foi diferente

Lembrando que em Minas Gerais a mesma medida foi tomada, porém, sem sucesso. O TJD mineiro entendeu que a cota de 10% está prevista no RGC, mas apontou que o Estatuto do Torcedor prioriza a segurança do torcedor. Foi o argumento que manteve a torcida única nos estádios mineiros.

Os 10% vigoram em outros estados, como Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná.

7 – Clássico-Rei V: nova confusão (Postagem do dia 08/02/2012)

Parece brincadeira, mas não é. A poucos dias do primeiro Clássico-Rei do ano a partida pode ter nova reviravolta. A novidade (extra-campo, para variar) do dia foi o pedido do Ministério Público para que o Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol (TJDF) não permita a presença de 10% da torcida visitante nos jogos.

Segundo o procurador de justiça José Wilson Sales, do Nudetor, o MP acredita que a presença de uma flagrante minoria de visitantes no estádio Presidente Vargas colocaria em risco a

segurança dos torcedores. Exige ou a divisão dos ingressos (50% com carga reduzida) ou mesmo a torcida única. O Nudetor se posicionou sobre o tema ao ser acionado pelo Ceará.

Matéria do site Globoesporte.com/ce afirma que o recurso não faz menção a um possível adiamento da partida. No entanto, o repórter Everardo de Sousa, da rádio O POVO, apurou junto ao representante do Ceará na Federação, Jocélio Alves, que a medida extrema pode ser adotada pelo MP. O pedido corre em regime de urgência porque os ingressos precisam ser colocados a venda com 72 horas de antecipação – ou seja, nesta quinta.

O Ceará antecipou que, caso a tese dos 10% seja mantida, pretende entrar com mandato de segurança para colocar a responsabilidade do mando do clássico nas mãos da Federação Cearense de Futebol.

Em entrevista ao Trem Bala da TV O POVO, um dos auditores do TJDF, Ernando Uchoa Lima Sobrinho, disse não ver perigo na presença dos 10% de torcedores no estádio.

É bom lembrar a todos – torcedores, imprensa e, principalmente dirigentes – que tudo o definido para o Clássico-Rei deste domingo será aplicado também no jogo do dia 25 de março.

8 – Clássico-Rei VI: 50% de novo (Postagem do dia 08/02/2012)

O Clássico-Rei de domingo deve contar com a presença das torcidas de Ceará e Fortaleza. A opção foi levantada na noite desta quarta-feira pelo Ministério Público e acatada pelo Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol (TJDF).

A intenção do MP era apenas impedir a venda dos 10% de ingressos para a torcida visitante, alegando questões de segurança. Preferia inclusive a torcida única, com menos ênfase na tese das duas torcidas. Mas na hora do vamos ver prevaleceu a vontade da maioria dos dirigentes e o estádio terá um clássico “tradicional”, ou seja, 15 mil ingressos com 50% para cada clube. Em tempo, a FCF ainda não oficializou a decisão e o Ceará promete recorrer e pedir a manutenção dos 10%.

Repito aqui meu receio quanto à presença das torcidas no PV. O clássico fica muito mais bonito, óbvio. Mas depois que a própria Polícia Militar disse, baseada em laudo técnico, preferir a torcida única, imaginei que o debate nem seguiria. Quanto mais tomar os rumos que trilhou esta semana. Lamentável.

Espero profundamente que o esquema de segurança funcione e que nenhum dos interesses atendidos dos dirigentes nos leve a lamentar essa decisão na noite de domingo.

Porque transformar a preparação do clássico em um espetáculo lastimável isso eles já conseguiram.

E com méritos.

9 – Clássico-Rei VIII: 50% de novo, de novo (Postagem do dia 09/02/2012)

Até o momento, o Clássico-Rei vai mesmo ter 50% de ingressos para cada clube. Serão 6.800 arquibancadas para alvinegros e tricolores e mais 1.400 para o Ceará no Setor Especial, por ser o

mandante deste jogo. A medida atende a ordem judicial do TJDF (Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol).

Detalhe é que ainda nesta quinta a Federação Cearense de Futebol, Ministério Público e os clubes haviam acordado a torcida única. Voltaram atrás, de novo. A Federação ainda vai assumir a responsabilidade pela organização do jogo, atendendo a pedido do Ceará.

Os ingressos começam a ser vendidos a partir das 12 horas desta sexta. As do Ceará estarão disponíveis no PV. As do Fortaleza, no Pici. Os preços de inteira são mesmo R\$ 30 (arquibancada) e R\$ 60 (especial – só para alvinegros este domingo, lembrando). A renda será dividida.

Espero que o show de incompetência e despreparo acabe por aqui. Que se aprontem os times, a venda de ingressos e o esquema de segurança.

Esse vai-vem de interesses só mostrou uma coisa: somos todos palhaços!